UNIVERSIDADE SÃO PAULO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

GINÁSTICA ARTÍSTICA E PREPARAÇÃO ARTÍSTICA

Fernanda Regina Pires

SÃO PAULO
2010

GINÁSTICA ARTÍSTICA E PREPARAÇÃO ARTÍSTICA

FERNANDA REGINA PIRES

Dissertação apresentada à Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação Física.

ORIENTADOR: PROF.DR. MYRIAN NUNOMURA

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado a oportunidade e as condições para que eu pudesse concluir este curso;

À meu marido, Gil, que com todo amor e paciência me acompanhou e me compreendeu durante todo o processo;

À meus pais e à minha irmã que me deram suporte operacional e principalmente emocional em todas as fases da minha vida;

À minha orientadora e amiga, Myrian, que sempre me encorajou, auxiliou, compreendeu minhas dificuldades e me orientou durante todo o tempo que convivemos.

À todos os integrantes do grupo EUNEGI, em especial a Mari e a Pri, que com paciência e carinho auxiliaram muito em minha pesquisa.

À Ilza e ao Márcio, por toda paciência e atenção durante o processo;

À Licca, minha amiga e eterna professora, que sempre me incentivou e auxiliou em minhas decisões acadêmicas e profissionais.

Aos entrevistados que muito atenciosos contribuíram brilhantemente com esta pesquisa.

Aos coordenadores de onde trabalho pelo apoio durante todo o curso.

SUMÁRIO

<u>RESUMO</u>	ix
<u>1. INTRODUÇÃO</u>	10
<u>2. OBJETIVO</u>	12
2.1 Justificativa.....	12
2.2 Limitações do estudo.....	12
<u>3. REVISÃO DE LITERATURA</u>	14
3.1 Definições importantes.....	14
3.2 A Ginástica Artística.....	15
3.2.1 Características Gerais da pontuação.....	16
3.2.2 Características artísticas das provas.....	20
3.2.2.1. Salto.....	20
3.2.2.2. Solo.....	21
3.2.2.3. Barras paralelas assimétricas.....	24
3.2.2.4. Trave de Equilíbrio.....	24
3.2.2.5. Cavalo com arções.....	25
3.2.2.6. Argolas.....	26
3.2.2.7. Paralelas Simétricas.....	27
3.2.2.8. Barra Fixa.....	27
3.2.3 Treinamento e capacidades.....	28
3.2.4 Habilidades.....	32
3.3 Preparação Artística.....	36
3.3.1 Componentes da Preparação Artística.....	38
3.3.2 Expressividade.....	42
3.3.3 Criatividade.....	43
3.3.4 Música.....	44
3.3.5 Atividades da Preparação Artística.....	44

<u>4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</u>	<u>55</u>
4.1 Natureza do estudo.....	55
4.2 Sujeitos.....	55
4.3 Justificativa da amostra.....	56
4.4 Instrumento de coleta.....	56
4.5 Método de análise.....	59
<u>5. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</u>	<u>60</u>
5.1 Técnicos do setor feminino e masculino.....	60
5.2 Árbitros do setor feminino e masculino.....	77
5.3 Direcionamentos.....	94
<u>6. CONCLUSÃO.....</u>	<u>96</u>
REFERÊNCIAS.....	98
ANEXOS.....	103
Anexo 1 – Entrevistas Técnicos do setor feminino.....	103
Anexo 2 – Entrevistas Técnicos do setor masculino.....	110
Anexo 3 – Entrevistas Árbitros do setor feminino.....	117
Anexo 4 – Entrevistas Árbitros do setor masculino.....	125

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Diferenças entre a GA feminina e a GA masculina.....	16
QUADRO 2 - Itens de avaliação do Painel E.....	18
QUADRO 3 - Diferenças das séries de solo entre os setores.....	23
QUADRO 4 - Ginástica educacional e Ginástica Artística.....	36
QUADRO 5 - Movimentos idênticos entre o Balé Clássico e a GA.....	46
QUADRO 6 - Movimentos semelhantes entre o Balé Clássico e a GA.....	47
QUADRO 7 - Divisão das aulas de Dança-educação.....	54
QUADRO 8 – Resultados relacionados à definição dos termos arte, artístico e estético no setor feminino.....	59
QUADRO 9 - Resultados relacionados à definição dos termos arte, artístico e estético no setor masculino.....	60
QUADRO 10 – Resultados relacionados à manifestação da arte, artístico e estético na GA feminina.....	61
QUADRO 11 - Resultados relacionados à manifestação da arte, artístico e estético na GA masculina.....	61
QUADRO 12 – Resultados relacionados à diferença entre os setores.....	61
QUADRO 13 – Resultados relacionados ao peso da Preparação Artística na modalidade masculina.....	63
QUADRO 14 – Resultados relacionados ao desenvolvimento da Preparação Artística na equipe masculina.....	65
QUADRO 15 – Resultados referente à influencia internacional na Preparação Artística na GA feminina.....	66
QUADRO 16 – Resultados relacionados ao treino artístico no setor feminino.....	67
QUADRO 17 - Resultados relacionados ao treino artístico no setor masculino.....	67
QUADRO 18 – Resultados relacionados ao conteúdo de apoio.....	76
QUADRO 19 – Resultados relacionados à visão dos técnicos femininos sobre a arbitragem.....	77
QUADRO 20 – Resultados relacionados à definição dos termos arte, artístico e estético dos árbitros do setor feminino.....	79
QUADRO 21 - Resultados relacionados à definição dos termos arte, artístico e estético dos árbitros do setor masculino.....	80

QUADRO 22 – Resultados relacionados as diferenças levantadas entre os setores.	83
QUADRO 23 – Resultados relacionados ao curso de arbitragem em GA feminina...	84
QUADRO 24 – Resultados relacionados à avaliação e/ou arbitragem do componente artístico pelos árbitros do setor feminino.....	88
QUADRO 25 - Resultados relacionados à avaliação e/ou arbitragem do componente artístico pelos árbitros do setor masculino.....	89
QUADRO 26 – Resultados relacionados à manifestação da Preparação Artística na GA masculina.....	92
QUADRO 27 – Resultados referentes ao peso da Preparação Artística na GA masculina.....	93
QUADRO 28 – Resultados relacionados ao preparo para arbitrar o componente artístico.....	94

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Ações motoras propostas por Leguet.....	35
FIGURA 2 - Posições básicas da ginástica.....	35
FIGURA 3 - Elementos Constitutivos da Ginástica.....	41
FIGURA 4 - Exemplo de movimento do Jazz.....	49
FIGURA 5 - Exemplo de movimento da Dança Moderna (a).....	50
FIGURA 6 - Exemplo de movimento da Dança Moderna (b).....	50
FIGURA 7 - Exemplo de movimento da Dança Moderna (c).....	50
FIGURA 8 - Exemplo de movimento da Dança Moderna (d).....	51
FIGURA 9 - Exemplo de movimento da Dança Moderna (e).....	51

RESUMO

É notável o crescimento da Ginástica Artística (GA), principalmente no Brasil. A modalidade vem ganhando maior visibilidade após o bom desempenho de alguns ginastas brasileiros nas competições. Com isso, percebeu-se que existiam algumas diferenças entre os movimentos artísticos utilizados por ginastas brasileiros e estrangeiros. E foi deste fato que surgiu a interesse em verificar qual é a preocupação com os componentes artísticos no contexto da GA competitiva. Por isso, o objetivo desta pesquisa foi identificar, analisar e discutir a preparação artística na GA competitiva do ponto de vista de técnicos e árbitros das categorias feminina e masculina da modalidade. Para isso, foi utilizado um delineamento qualitativo, aplicando uma entrevista com questões abertas à técnicos e árbitros da GA competitiva. Para a análise foi utilizada a análise de conteúdo proposta por Bardin (2008). Concluímos que existem muitos desentendimentos sobre as questões artísticas da modalidade, tanto por parte dos técnicos quanto por parte dos árbitros, de ambos os setores. Este estudo nos mostrou a importância das discussões e pesquisas sobre a preparação artística na GA competitiva, bem como sobre alguns itens dos códigos de pontuação, para que a modalidade se fortifique cada vez mais.

Palavras-chave: preparação artística, Ginástica Artística competitiva, treinamento, arbitragem.

1 INTRODUÇÃO

Quando assistimos às apresentações de Ginástica (Artística, Rítmica, Acrobática, Aeróbica, entre outras) podemos perceber, claramente, que existem características artísticas particulares a estes esportes. O fato deve-se aos movimentos corporais e de coordenação dessas modalidades que são coreografados, ritmados e demonstram muita expressividade. Assim, é possível constatar, a relação entre a arte e suas atividades e a Ginástica Artística (GA).

E, ainda que as demais atividades gímnicas, citando a Ginástica para Todos¹, a Ginástica Rítmica (GR), a Ginástica Acrobática (GACRO), a Ginástica Aeróbica (GAE), entre outras, apresentem características semelhantes da GA como o ritmo, a criatividade e a coordenação, a GA se diferencia por suas provas serem individuais e por possuir grande número de elementos acrobáticos e de força, executados com leveza e expressão.

Os estudos com enfoque na Preparação Artística de ginastas e de sua relação com as demais atividades artística, como a Dança, Arte Circense e Arte Cênica, por exemplo, são escassos no Brasil. Mas, acreditamos que todas estas manifestações artísticas possam beneficiar os ginastas, pois contribuiria no desempenho artístico e coordenativo. Além disso, características essencialmente artísticas como o ritmo, harmonia, criatividade, leveza e postura são avaliados nas competições de GA.

A avaliação dos componentes artísticos da modalidade sugerido no Código de Pontuação em GA vem sendo modificada a cada ciclo, que acontece a cada quatro anos. Em meados da década de 70 a avaliação dos componentes artísticos na modalidade eram mais expressivos no que se refere ao valor, porém com a melhora técnica dos ginastas, os descontos feitos a falhas artísticas podem fazer com que o ginasta perca uma medalha.

Apesar de evidenciarmos características artísticas na modalidade, não podemos afirmar, com exatidão, se os técnicos de GA reconhecem os benefícios da Preparação Artística para os ginastas, bem como se os componentes artísticos são avaliados de forma igualitária pelos árbitros no julgamento das competições de GA ou ainda se são capazes de avaliá-lo.

¹ Anteriormente denominada de Ginástica Geral (GG).

Assim, a importância da Preparação Artística na melhora da performance e, conseqüentemente, de resultados na GA competitiva, associada à necessidade de especialistas para desenvolver este componente, abre a possibilidade de um novo campo de atuação profissional além de possibilitar investigações futuras.

Mas, devido à escassez de material didático e específico sobre a Preparação Artística para ginastas no Brasil, fica a dúvida sobre a aplicação e a qualidade do trabalho de Preparação Artística pelos técnicos. E mais, se os árbitros percebem os aspectos artísticos da modalidade durante as competições de GA e, se estão preparados, apropriadamente para esta tarefa.

2 OBJETIVO

O presente estudo tem como objetivo geral identificar, analisar e discutir a Preparação Artística na GA competitiva do ponto de vista de técnicos e árbitros das categorias feminina e masculina da modalidade.

Será investigado, do ponto de vista dos técnicos, se os mesmos percebem a importância do componente artístico e sua preparação na performance dos ginastas e, caso exista esta preocupação, como este componente é desenvolvido. E, do ponto de vista dos árbitros, como este componente é percebido e avaliado e identificar se há um processo preparatório para atuarem nas competições.

2.1 Justificativa

O estudo sobre a Preparação Artística na GA se faz importante, pois, o componente artístico integra a avaliação de ginastas de nível competitivo e pode se configurar um fator diferenciador na performance entre os ginastas.

Porém, no Brasil, ainda não há um trabalho sistematizado e direcionado para orientar os técnicos e ainda auxiliar os árbitros nas avaliações. Além disso, a maioria dos técnicos de GA não dispõe de profissionais para apoiar este tipo de treinamento e, muitas vezes, não incluem a Preparação Artística em seus treinos, como mostra pesquisa realizada em 2006 (NUNOMURA et al, 2009).

Assim, a identificação da realidade deste contexto pode auxiliar e orientar técnicos e árbitros, além de abrir um novo campo de atuação profissional.

2.2 Limitações do estudo

Uma das limitações do estudo é a falta de informação sobre a prática do treinamento artístico com ginastas (gênero masculino). Em pesquisa realizada por Nunomura et al. (2009), foi constatado que, dentre as 12 instituições (categoria masculina) expressivas do Brasil, nenhuma propunha o treinamento artístico para seus atletas.

Outra limitação é que entre 34 instituições (categoria feminina) apenas duas oferecem este tipo de treinamento para suas atletas, fato que pode dificultar a detecção de como este aspecto é desenvolvido e principalmente o acesso aos técnicos e árbitros.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 Definições importantes

A Preparação Artística não é um tema muito abordado em pesquisas e, assim, antes de iniciarmos qualquer tipo de discussão ou de raciocínio é importante caracterizarmos alguns conceitos.

É imprescindível conceituar os termos: arte, artístico, estético e Preparação Artística, pois, estes serão mencionados durante toda a pesquisa.

Neste primeiro momento, utilizaremos as definições contidas no dicionário Aurélio, é importante entendermos estes conceitos para verificarmos se eles são empregados adequadamente na modalidade.

Segundo o dicionário Aurélio, arte é a *“atividade que supõe criação de sensações ou de estados de espírito, de caráter estético carregados de vivência pessoal e profunda, podendo suscitar em outrem o desejo de prolongamento ou renovação”*. (2005, p.176)

O termo estética é definido, tradicionalmente, pelo *“estudo racional do belo, quer quanto à possibilidade de sua conceituação, quer quanto à diversidade de emoções e sentimentos que ele suscita no homem.”* (2005, p. 720)

E o termo artístico é aquilo que é *“relativo as artes (...) de labor primoroso e original.”* (2005, p. 178)

Para o presente estudo, Preparação Artística é o conjunto de atividades que tem por objetivo a melhora de componentes artísticos como a expressão, criatividade, ritmo, leveza, harmonia, ritmo, entre outros.

Ressaltamos que estas definições iniciais irão nos auxiliar ao longo da pesquisa e que serão discutidas a seguir.

3.2 A Ginástica Artística

Segundo Carrasco (1982), a GA é uma modalidade que está em permanente evolução e possui qualidade artística.

De acordo com o Código de Pontuação de GA² (FIG, 2009), são seis as provas masculinas: solo, cavalo com arções, argolas, salto sobre a mesa, barras paralelas simétricas e barra fixa; e quatro as provas femininas: salto sobre a mesa, barras paralelas assimétricas, trave de equilíbrio e solo.

A GA competitiva não utiliza aparelhos de manipulação, a prática é individual e somente o setor feminino utiliza a música. Existem aparelhos diferenciados por setores e as habilidades são altamente específicas para cada um destes.

A GA é um esporte que utiliza capacidades motoras como: força, equilíbrio, resistência, flexibilidade e coordenação e associado à muita graciosidade e criatividade. Em ambos os setores a estética dos movimentos é importante, o que faz com que a preparação artística seja importante para a modalidade. Principalmente nas provas femininas, há rigor técnico na execução dos movimentos acrobáticos e ginásticos, e valorização da expressividade e criatividade na coreografia e harmonia entre o ritmo da música e os movimentos (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA, 2006 A).

O Quadro 1 apresenta algumas características que diferenciam a GA feminina da GA masculina.

QUADRO 1 - Diferenças entre a GA feminina e a GA masculina

Características gerais masculinas	Características gerais femininas
6 provas	4 provas
Não utiliza música	Utiliza música
Avaliação artística subjetiva	Possui apresentação artística
Utiliza vários elementos de força (isometria)	Utiliza vários elementos de força (potencia)
Provas: Cavalo com arções, argolas, Barras paralelas e barra fixa.	Provas: Barras paralelas assimétricas e trave de equilíbrio

² Encontrada no site www.ginasticas.com

3.2.1 Características Gerais da pontuação

A GA é uma modalidade esportiva que se diferencia das demais, não só pelas características de seus movimentos, mas também por seu sistema de avaliação da performance. A seguir, serão evidenciados os critérios que podem ser um diferencial no resultado final do ginasta e ainda como a Preparação Artística pode contribuir.

São dois os painéis de avaliação, A e B e que atribuem a nota D e E respectivamente. São 2 os árbitros que compõe o painel A, e estes são responsáveis por avaliar o exercício em seu conteúdo. Cada tipo de movimento possui um valor, conforme a dificuldade do mesmo. No caso do painel B, este é composto por 6 árbitros, os quais são responsáveis por avaliar as falhas de execução, apresentação geral e artística da ginasta (FEDERAÇÃO INTERNATIONAL DE GINÁSTICA, 2006).

Os árbitros da banca D, além de descreverem a série apresentada pelo ginasta através de simbologia, ainda ficam responsáveis por deduções como:

- As deduções neutras, como a ultrapassagem das linhas;
- As relacionadas a apresentação indevida, antes ou depois, da série;
- Por conta de ajudas, durante as séries ou nas saídas.

Caso algum técnico venha a apresentar conduta anti-desportiva, é responsabilidade dos árbitros da banca D, comunicarem o supervisor do aparelho. A arbitragem da banca D é quem determina o valor dos elementos de dificuldades e ligações bem como as exigências dos grupos de elementos. (Código de Pontuação Feminino, ciclo 2009-2012; Código de Pontuação Masculino, ciclo 2009-2012)

A utilização da Preparação Artística pelas equipes de GA, tanto femininas quanto masculinas, não interfere ou auxilia de alguma forma na pontuação obtida através da banca D, já que este refere-se a características muito específicas da modalidade, como os elementos de dificuldades pertencentes a modalidade GA.

No entanto, a Preparação Artística pode auxiliar as equipes, tanto femininas quanto masculinas, no que se refere a banca E, já que este painel avalia falhas relativas a:

QUADRO 2 - Itens de avaliação do painel E

GA FEMININA	GA MASCULINA
Falhas gerais (de execução técnicas)	Falhas técnicas
Falhas de execução específicas de cada aparelhos	Falhas de composição
Falhas de apresentação artística	Falhas de postura

Existem algumas diferenças entre os setores, feminino e masculino, no que se refere a avaliação da banca E de arbitragem, porém de maneira geral são bem parecidos como mostramos através do Quadro 2.

A diferença mais acentuada entre a avaliação dos setores é que no setor feminino existe a avaliação da apresentação artística e no setor masculino a dedução é feita por falhas de postura. Isto não quer dizer que a postura não é avaliada no setor feminino, mas que no setor masculino não há a avaliação da apresentação artística diretamente.

Sobre a avaliação no setor masculino é importante evidenciar que o artigo 19 do Código de Pontuação Masculino (ciclo 2009-2012) prevê deduções por erros estéticos, de execução técnica e composição das séries. Outros artigos do Código de Pontuação Masculino (ciclo 2009-2012) que merecem a nossa atenção são:

Artigo 20

“1. Os ginastas devem incluir em suas séries apenas elementos que possam ser executados com completa segurança e alto grau estético e controle técnico. A responsabilidade pela segurança cabe inteiramente ao ginasta. À banca E é solicitado deduzir rigorosamente em qualquer caso de falhas de execução, técnicas, de composição e postura.” (Código de Pontuação, ciclo 2009-2012, p.20)

Artigo 21

“A Banca E é responsável por avaliar todos os aspectos técnicos e estético das séries bem como sua expectativa de construção e composição (expectativas de montagem das séries) em todos aparelhos. Em cada caso a Banca E avalia se os elementos foram executados e finalizados com perfeição.” (Código de Pontuação, ciclo 2009-2012, p.20)

Muito embora a avaliação artística não esteja explicitada no Código de Pontuação Masculino, podemos constatar uma estreita ligação do setor masculino e a arte, quando o Código evidencia a preocupação em avaliar os aspectos estéticos das séries bem como a construção e a composição das mesmas.

Dessa forma, é perfeitamente cabível a Preparação Artística no setor masculino, apesar do preconceito e a difícil aceitação de atividades artísticas para pessoas do sexo masculino em nosso país.

Os árbitros da banca E, além de avaliarem os aspectos estéticos da série, eles ainda criam uma expectativa em relação a série que estão prestes a assistir. Quanto mais ousado, criativo e diferente do convencional for a série do ginasta, mais ele poderá se destacar na competição neste painel.

O árbitro que compõe a banca E pode despontuar os ginastas se estes não definirem a posição de pernas (estendido, carpado, grupado, afastado, vide FIGURA 2. p. 35), se os cotovelos ou joelhos não estiverem estendidos quando for exigência da técnica, se apresentar falhas na postura, falta de equilíbrio, entre outros erros estéticos ou técnicos (CÓDIGO DE PONTUAÇÃO, ciclo 2009-2012)

Um dado interessante sobre a pontuação da GA masculina é que há alguns anos o componente artístico era item de avaliação nas provas masculinas da GA (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA, 1977).

Já sobre a avaliação nas competições de GA feminina a avaliação da apresentação artística é citada no Código de Pontuação Feminina de maneira mais direta, como foi apresentada no Quadro 2. A Preparação Artística pode beneficiar as ginastas, principalmente, na pontuação da nota E (performance e apresentação), referente aos itens composição, execução e apresentação artística (principalmente nas provas trave de equilíbrio e solo).

É importante mencionar um tópico descrito no artigo 5.2 do Código de Pontuação Feminino (ciclo 2009-2012, p. 18) *“A filosofia atual com relação ao conteúdo e a combinação das séries, estimula a dar ênfase no domínio da dança coreografia acrobática, apresentadas artisticamente.”* Este componente da avaliação na GA feminina nos mostra a evidente preocupação que este ciclo têm com os aspectos artísticos da modalidade e afirmando mais uma vez a importância da Preparação Artística para a modalidade.

Um outro aspecto mencionado pelo Código de Pontuação Feminino (ciclo 2009-2012) é que toda série deve ser dinâmica, apresentar movimentos difíceis aparentando ser fáceis, leveza e velocidade para atingir a posição final, postura em movimentos de dança e amplitude nos movimentos.

Além destes aspectos, o Código de Pontuação ainda prevê perda de pontos para falhas relacionados ao ritmo e ao tempo, à dinâmica de execução, agilidade e interpretação e expressão artística nas provas de trave e solo feminino. Pelas características destes aparelhos, podemos afirmar que estes são os aparelhos nos quais a ginasta pode explorar mais sua criatividade e expressão, isso por que estes aparelhos permitem um contato direto com o público e a arbitragem já que é possível utilizar movimentos que não hajam a inversão.

De maneira geral, em ambos os setores, na nota do painel E podemos encontrar falhas de postura corporal (forma), falhas de estética e falhas técnicas. Estes erros estão relacionados à posição de braços, pernas e joelhos, amplitude de movimento, exatidão nas posições do corpo entre outras.

Outras deduções podem ocorrer quando há falhas no exercício como as de finalização do movimento, postura inadequada ou também referente à falta de flexibilidade.

Estas falhas podem ser evitadas com as sessões de Preparação Artística visando a necessidade de cada ginasta, já que todas estas falhas estão relacionadas a consciência corporal, postura, expressão e ritmo.

Assim como os movimentos, a composição da série também pode acarretar em perda de pontos ao ginasta, e que afetariam o resultado final.

A série deve possuir uma composição diversificada e criativa além de diferentes elementos de ligação e a utilização e exploração de todo o aparelho (espaço e direções). Um exemplo disso são os descontos feitos ao ginasta que utiliza

apenas uma diagonal do tablado ou ainda que execute o mesmo elemento repetidamente. Sendo assim, a Preparação Artística também pode contribuir com a construção da série utilizando-se de exercícios de criatividade e postura.

As séries podem ser construídas de maneira mais eficiente e evitando perdas relacionadas ao painel E, se houver um trabalho conjunto com o preparador artístico, o ginasta e o técnico. Com esses profissionais atuando em parceria ficará mais fácil decifrar características próprias de cada ginasta para assim poderem construir uma série criativa, exclusiva e com todo o rigor técnico que a modalidade exige.

3.2.2 Características gerais e artísticas das provas

3.2.2.1 Salto

A prova de salto sobre a mesa está presente tanto no setor feminino quanto no masculino. Nesta, os ginastas devem se deslocar em uma distância de 25 metros (podendo ser adaptada pela ginasta) da mesa. O salto inicia-se com a corrida, impulsão no trampolim (que deve ser feita com os dois pés), primeiro vôo, repulsão (com as duas mãos), segundo vôo e aterrissagem.

Os saltos são classificados por grupos e, antes de executar o ginasta deve informar os árbitros qual salto irá apresentar. Neste aparelho, o Código de Pontuação prevê deduções caso o ginasta aterrisse ou ultrapasse a linha que demarca o corredor, se apoiar apenas uma mão ou um pé.

Nesta prova, os ginastas executam dois saltos e sua nota final depende muito da nota de partida³.

Alguns itens que contemplam a avaliação do painel E nesta prova são:

- Técnica insuficiente (corpo selado, ângulo no quadril e no ombro);
- Falha para manter a posição do corpo estendida e/ou extensão insuficiente ou tardia;
- Dinâmica insuficiente.

³ Nota de Partida é a nota máxima que o ginasta pode receber e é atribuída no início da competição.

Tanto na prova feminina quanto na masculina a Preparação Artística pode auxiliar os ginastas, pois é possível minimizar alguns erros na execução, buscando evitar que ocorra:

- Na primeira fase do vôle as pernas se mantenham afastadas ou flexionadas e se apresentar uma técnica insuficiente, por exemplo, quando o quadril carpa, isso quando não for a técnica do salto em questão;
- Na fase de repulsão for apresentada uma técnica insuficiente, braços flexionados;
- Na segunda fase de vôle as pernas não podem permanecer em uma postura que se afaste do ideal técnico e estético, afastadas ou cruzadas e o corpo deve permanecer estendido, caso seja a técnica do salto.

É importante mencionar que um dos itens do artigo 39 do Código de Pontuação da GA Masculina (ciclo 2009-2012) diz que *“o ginasta deve apresentar apenas saltos que possa executar com completa segurança e alto grau de controle técnico e estético.”* E ainda *“O ginasta deve mostrar de maneira clara e bem definida a posição do corporal do Salto (grupado, carpado ou estendido).”*

O Código de Pontuação Feminino (ciclo 2009-2012) não menciona o controle estético durante esta prova, ao contrário do que percebemos no setor masculino. Outra diferença entre os setores, é que no setor masculino o ginasta pode apoiar uma ou as duas mãos na mesa para a repulsão.

A Preparação Artística pode auxiliar os ginastas nesta prova pelo fato das atividades artísticas auxiliarem na consciência corporal e na postura, mesmo que a Preparação Artística não aborde, diretamente, as rotações feitas no ar ou ainda nos deslocamentos e saltos, por exemplo.

3.2.2.2 Solo

O solo também é uma prova que pertence a ambos os setores, ou seja, feminino e masculino e onde os ginastas apresentam toda sua criatividade e composição de elementos de forma “livre”, pois a prova de solo é realizada em um

tablado de 12mx12m. A riqueza das séries apresentadas neste aparelho se dá por conta da natureza do equipamento e das características das regras.

São previstas deduções caso os ginastas toque o chão após a linha do tablado com qualquer parte do corpo.

As regras para as provas de solo feminino e masculino apresentam algumas diferenças entre si.

QUADRO 3 - Diferenças das séries de solo entre os setores

FEMININO	MASCULINO
Possui acompanhamento musical	Não possui acompanhamento musical
Conteúdo das séries: No máximo 5 elementos acrobáticos; No mínimo 3 elementos de dança; 4 sequências com mortais	Conteúdo das séries: Elementos não acrobáticos; Elementos acrobáticos para frente; Elementos acrobáticos para trás; Elementos acrobáticos laterais.
Início da série: Pose livre	Início da série: Na diagonal em pé, com os pés unidos
Duração: 90 segundos	Duração: 70 segundos

Como pudemos observar, apesar do aparelho solo ser o mesmo para os dois setores, existem algumas diferenças referente a arbitragem. Embora possa parecer que não haja avaliação de aspectos artísticos no setor masculino, o artigo 26 do Código de Pontuação Masculino (ciclo 2009-2012) descreve a prova de solo:

“A série de Solo é composta predominantemente por elementos acrobáticos combinados com elementos ginásticos, de flexibilidade, força, equilíbrio, parada de mãos e ligações coreográficas, compondo uma série rítmica e harmônica executada utilizando toda a área do tablado (12x12).”(p.29)

Apesar do Código de Pontuação Masculino (ciclo 2009-2012) não utilizar o termo artístico é notório que a arte está presente também neste setor. Quando a definição proposta pelo Código de Pontuação afirma que os diversos elementos devem compor uma série rítmica e harmônica com boa utilização do espaço, entendemos que trata-se de uma criação artística, já que existe uma seqüência coreografada de movimentos com características artísticas e estéticas, ou seja, que visam a beleza da série.

Diferentemente do setor masculino, a prova de solo e a arbitragem no setor feminino apresentam aspectos diretamente ligados à questões artísticas como: o acompanhamento musical (é atribuído descontos caso a ginasta apresente uma série sem música ou música com canto), a utilização obrigatória de elementos dança e ainda a avaliação da apresentação artística que inclui deduções por:

- Falhas na apresentação de movimentos próximos ao solo;
- Variação de ritmo insuficiente;
- Expressão artística insuficiente;
 - Falta de criatividade na coreografia, originalidade na composição de elementos e movimentos;
 - Falta de habilidade em expressar o tema da música através do movimento;
- Fraca integração do movimento com a música;
- Falta de sincronização do movimento com o ritmo da música no final da série;
- Utilização da música de fundo;
- Gestos ou mímicas não apropriados que não correspondam à música ou movimentos.

Um outro desconto que se dá no setor feminino e que tem ligação direta com a Preparação Artística é a preparação excessiva para a execução de elementos de dança.

Neste último item é importante mencionarmos que se trata da feminilidade, beleza, elegância, estilo pessoal, presença, expressão e ainda da criatividade.

3.2.2.3 Barras paralelas assimétricas

As paralelas assimétricas é uma prova exclusivamente feminina. Nesta, a ginasta deve cumprir as exigências executando os movimentos⁴, alternando entre as barras alta e baixa.

Esta é uma prova dinâmica em que a ginasta realiza movimentos circulares, giros, troca de barras, largadas e retomadas, vôos, que envolvem muita criatividade na combinação dos movimentos.

A avaliação deste aparelho começa na entrada no mesmo, que pode ser com a impulsão no trampolim ou saída direta dos colchões.

Algumas deduções previstas no Código de Pontuação Feminino (ciclo 2009-2012) para as paralelas assimétricas e que a Preparação Artística pode auxiliar:

- *Movimento não característico*: são posturas que não são características dos elementos deste aparelho. A Preparação Artística pode contribuir para que esta dedução não ocorra, no sentido que as atividades propostas desenvolvem a postura e a consciência corporal;

- *Perda do ritmo nos elementos*: a Preparação Artística pode auxiliar no desenvolvimento rítmico da ginasta.

Sendo assim, a Preparação Artística auxilia, no ritmo de movimentos, flexibilidade, consciência corporal e agilidade necessários nesta prova.

3.2.2.4 Trave de Equilíbrio

Sobre a prova trave de equilíbrio é importante mencionarmos que se trata de uma prova exclusiva do setor feminino, sua estrutura situada a 1.25m de altura, com 10 cm de largura e 5 m de comprimento, em que a ginasta apresenta uma sequência de movimentos acrobáticos e ginásticos e de dança sobre a mesma, buscando manter o equilíbrio, seja em situações estáticas ou dinâmicas. As séries de trave devem ter no máximo 90 segundos de duração.

⁴ Giros sobre o eixo longitudinal (piruetas) e transversal (mortais), trocas de tomadas e elementos com vôo.

O Código de Pontuação Feminino (ciclo 2009-2012) consideram no máximo 5 elementos acrobáticos e no mínimo 3 elementos de dança. Fazem parte do grupo dos elementos acrobáticos: rolamentos, equilíbrios, mortais entre outros elementos de inversão. Os elementos de Dança são saltos, giros, ondas corporais e posições estáticas.

Além disso, o Código de Pontuação Feminino (ciclo 2009-2012) prevê deduções diretamente relacionadas a apresentação artística. São falhas relativas a:

- Variação de ritmo insuficiente;
- Insegurança na apresentação;
- Expressão artística insuficiente na série, incluindo a falta de criatividade na coreografia, originalidade na composição de elementos e movimentos;
- Gestos ou mímicas não apropriados, não correspondem ao movimento.

Todos estes aspectos artísticos são desenvolvidos e melhorados com as sessões de Preparação Artística. As atividades propostas neste tipo de preparação, embora não sejam idênticas as atividades em GA, possuem em sua essência características artísticas que contemplam as necessidades da modalidade.

O Código ainda prevê falhas específicas do aparelho e que a Preparação Artística pode contribuir como: a perda de ritmo nas ligações, a exploração do aparelho (movimentos próximo à trave), preparação prolongada para elementos de dança e utilização unilateral de elementos.

A Preparação Artística pode desenvolver na ginasta a confiança artística necessária para a execução das séries neste aparelho.

3.2.2.5 Cavalo com arções

Esta prova pertence somente ao setor masculino, onde o ginasta deve executar, sempre em apoio e em todas as partes do cavalo, diferentes balanços pendulares (tesouras) e impulsos circulares (volteios), utilizando variações nas posições de pernas (afastadas ou unidas). Não são autorizados elementos de força e estáticos.

Os movimentos devem ser executados em balanço e sem nenhuma interrupção e o corpo deve permanecer estendido (principalmente joelhos, cotovelos

e quadris) e sem tocar no corpo do cavalo. (CÓDIGO DE PONTUAÇÃO MASCULINO, ciclo 2009-2012)

Uma característica técnica importante nesta prova é que o quadril deve permanecer na altura dos cotovelos e que haja o mínimo de flexão das pernas e quadris.

O artigo 33 do Código de Pontuação Masculino (ciclo 2009-2012) apresenta algumas deduções referentes a erros específicos da prova cavalo com alças e que a Preparação Artística pode auxiliar. São eles:

- Falta de amplitude nas tesouras e elementos pendulares com as pernas;
- Falta de extensão do corpo nos volteios e flairs;
- Pernas flexionadas ou afastadas no elementos.

A Preparação Artística pode auxiliar os ginastas que participam da prova cavalo com alças pelo fato desta preparação desenvolver a consciência corporal e o ritmo. Podem ser desenvolvidas atividades da Preparação Artística utilizando o aparelho acavalo com alças.

3.2.2.6 Argolas

A prova argolas é exclusivamente masculina e o Código de Pontuação Masculino (ciclo 2009-2012) p. 38 a define de forma que:

“deverá ser composta por elementos de impulso, força e estáticos em aproximadamente iguais proporções. Estas partes e ligações deverão ser executadas pela suspensão, para ou através do apoio, da ou através da parada de mãos e deve predominar a execução com os braços estendidos (...)”

As argolas estão a uma altura de 2,75 m. Nesta prova, o balanço e cruzamento dos cabos não são permitidos.

Algumas características estéticas que são avaliadas na Argolas são:

- Postura corporal;
- Manter os braços estendidos;
- Manter a posição estática, no mínimo por 2 segundos.

Além disso, outros erros previstos no Código de Pontuação Masculino (ciclo 2009-2012) são: manter as pernas afastadas ou falhas de execução do salto para as argolas no início da série e os braços flexionados nos impulsos para partes estáticas de força ou estáticas.

3.2.2.7 Paralelas Simétricas

As paralelas simétricas são exclusivamente masculina, em que o ginasta executa a série predominantemente com elementos de impulso e de vôo, passando por posições de apoio e suspensão variadas, além da saída Código de Pontuação Masculino (ciclo 2009-2012). Está a uma altura de 1,95m.altura. É permitido entrar no aparelho utilizando um trampolim.

Segundo o Código de Pontuação Masculino (ciclo 2009-2012) o ginasta deve apresentar a série com maior domínio técnico e estético. Não pode haver flexões ou demais falhas que não sejam características técnicas do movimento.

3.2.2.8 Barra Fixa

A barra fixa é uma prova pertencente apenas para setor masculino. Sua estrutura possui 2,75m de altura, 2,4 de largura e 2,8 cm de diâmetro. E o Código de Pontuação Masculino (2009-2012, p.48) define esta prova como:

“ uma apresentação dinâmica que consiste inteiramente de uma combinação fluente de elementos de impulso, giros, e elementos de vôo, elementos próximos e afastados da barra executados em diferentes empunhaduras e assim demonstrar todo o potencial do aparelhos.”

Assim como na prova das paralelas simétricas, o Código de Pontuação prevê que o ginasta utilize elementos que possa executar com completa segurança e alto grau de controle técnico e estético.

A Preparação Artística pode auxiliar o ginasta nesta prova no que se refere a postura, ritmo e consciência corporal, já que o Código de Pontuação prevê deduções caso: os joelhos estejam flexionados nos elementos de impulso, os braços estejam flexionados nas retomadas dos elementos de vôo ou ainda se houver o desvio do alinhamento do movimento.

3.2.3 Treinamento e as capacidades

Para que os ginastas visem a um bom desempenho durante as competições, as equipes participam de treinos e ganham estímulos variados a fim de obterem benefícios sobre vários aspectos. Assim como cita Nunomura et al (2009) são componentes do treino em GA:

- **Preparação Técnica:** esta preparação tem como objetivo o aprendizado, a melhora e a correção dos elementos em GA;

- **Preparação Física:** o objetivo deste componente é o desenvolvimento das capacidades físicas (ZAKHAROV; GOMES, 2003), e que auxiliarão os ginastas na execução dos elementos;

- **Preparação Artística:** visa a melhora dos componentes artísticos da modalidade, tais como, a estética corporal, ritmo, expressão, entre outros;

- **Preparação Mental ou Psicológica:** tem como objetivo a melhora de aspectos psicológicos como a ansiedade, a motivação, o estresse entre outros que têm potencial de intervir no rendimento, seja no treino ou na competição ou na participação esportiva em si.

Como podemos observar, todos estes componentes preparatórios de ginastas competitivos são igualmente importantes, nenhum deles deve ser negligenciado e são desenvolvidos concomitantemente. Porém, no presente estudo, nosso foco será a Preparação Artística.

Assim, as informações, a seguir, têm como objetivo delinear as capacidades mais presentes na modalidade, mas, sem qualquer intuito de ampliar discussões acerca do tema.

As capacidades são *“traços estáveis e duradouros que, na sua maior parte são geneticamente determinados e que embasam a performance habilidosa dos indivíduos”*. (SCHIMIDT; WRISBERG, 2001, p. 42)

Segundo Tricoli e Serrão (2005) são três as capacidades de maior destaque na GA: força, flexibilidade e coordenação. Barbanti (1997) ainda acrescenta que a capacidade de equilíbrio também tem grande importância na modalidade. Além destas capacidades citadas pelos autores, outra de suma importância para os ginastas é a resistência aeróbica para conseguirem suportar os treinos, já que estes possuem carga horária elevada.

Para Zakharov e Gomes (2003, p.112) a força é uma capacidade física que *“relaciona-se com a capacidade de superação da resistência externa e de ação aposta a esta resistência, por meio de esforços musculares”*. Os autores ainda explicam a capacidade de força com as subdivisões descritas a seguir:

- Força máxima: que se refere ao maior nível de força que o atleta é capaz de executar em resultado a uma tensão muscular;
- Capacidades de velocidade e de força: *“que caracteriza-se pela capacidade de superar o mais rápido possível a resistência.”* (p.113)
- Resistência de força: trata-se da execução de determinados movimentos com peso por um tempo prolongado sem perder seu padrão.

Na GA, tanto no setor feminino quanto no masculino, a capacidade de força é requisitada e desenvolvida. A força máxima é percebida na modalidade em seus movimentos estáticos (elementos de força) em que existe a isometria⁵. As capacidades de velocidade e de força podem ser observadas, principalmente, nas séries de solo onde os ginastas utilizam muita força em movimentos dinâmicos e, por fim, a resistência de força que é fundamental para os ginastas suportarem os longos períodos de treinos.

⁵ Refere-se à forma estática de manifestação das capacidades de força. ZAKHAROV e GOMES, 2003, pág.114

Sobre a flexibilidade podemos afirmar que esta “*refere-se à amplitude de movimento de uma articulação ou de uma série de articulações e é necessária aos movimentos corporais.*” (ALLSEN; HARRISON; VANCE, 2001, p.191)

Segundo Barbanti (1997), a flexibilidade pode ser global, onde visa à atuação de várias articulações, ou específica, quando solicita uma ou mais articulações para uma modalidade específica.

Para Zakharov e Gomes (2003) a flexibilidade pode ser manifestada de forma ativa ou passiva. A primeira é observada na execução de movimentos com grande amplitude produzidos pelos grupos musculares responsáveis por este movimento. Sobre a forma passiva, esta é obtida através de influências externas como pesos e outras cargas. Ambas as formas de flexibilidade são utilizadas na GA e ainda podem ser desenvolvidas em sessões de preparação artística com a utilização do balé, por exemplo.

Segundo Tricoli e Serrão (2005) a importância da flexibilidade para a modalidade é inquestionável, pois esta capacidade promove a qualidade de execução e os benefícios ao rendimento do atleta. Os autores sugerem que esta capacidade seja desenvolvida todos os dias e que as sessões de flexibilidade não devem ser consideradas como aquecimento ou parte deste.

A partir do exposto, podemos supor que a Preparação Artística pode auxiliar no treinamento dessa capacidade. As atividades de dança e de ginástica geral utilizadas em sessões de Preparação Artística podem ocorrer ao término das sessões de treinamento da GA ou mesmo durante sessões específicas de treinamento artístico, pois estas modalidades apresentam movimentos que utilizam, fundamentalmente, a flexibilidade como o *detiré* e *grand ecarté*⁶.

Meinel e Schnabel (1987) definem a coordenação como a organização de ações motoras para alcançar um objetivo predeterminado.

As capacidades coordenativas são desenvolvidas de forma diferenciada e em diferentes fases da vida. É importante que o técnico conheça as fases do seu desenvolvimento mais intenso, para que o treinamento atue de maneira sistemática e efetiva (HERTZ, 1976 apud WEINECK, 1991).

⁶ Movimentos do Balé Clássico que utilizam grande amplitude articular.

Segundo Tricoli e Serrão (2005), na GA, as capacidades coordenativas de ritmo, equilíbrio e orientação espacial são aquelas que mais se destacam e deveriam ser introduzidas, insistentemente, ainda nos programas de iniciação, mesmo que o objetivo não seja o alto rendimento.

O equilíbrio é uma capacidade coordenativa que visa à manutenção do corpo em uma determinada posição. Segundo Gallahue e Ozmun (2003) são dois os tipos de equilíbrio: dinâmico e estático. O equilíbrio dinâmico trata-se do ato de manter o equilíbrio, a manutenção do peso do corpo em um apoio corporal, enquanto o centro de gravidade se desloca. E o equilíbrio estático trata-se de fazer a manutenção do peso do corpo em um apoio corporal, porém, com o centro de gravidade imóvel.

Ambos os tipos de equilíbrio são encontrados na GA, por exemplo, o equilíbrio dinâmico pode ser percebido em todos os deslocamentos, enquanto o equilíbrio estático pode ser encontrado nas posições estáticas e giros.

Como mencionamos anteriormente, o equilíbrio possui um papel muito importante na GA. Segundo Barbanti (1997) essa capacidade pode ser aperfeiçoada através de treinamento e será melhor desenvolvida se for estimulada a partir da infância e que se prolongue insistentemente até a juventude.

Sobre o ritmo podemos dizer que se trata de algo que sempre existiu, ou seja, é um elemento constante no universo. É possível encontrar o ritmo em todos os lugares: no universo (movimentos da Terra, duração do dia e da noite, etc.), no cotidiano, no funcionamento do organismo e nos movimentos do ser humano, etc.

Ayoub (2000) afirma que é possível perceber o ritmo de várias maneiras. A primeira delas é o *ritmo interno* em que o indivíduo percebe através da pulsação e da respiração; a segunda é o *ritmo dos gestos*, que pode ser individual ou grupal, está totalmente relacionado com o movimento e que pode apresentar acentuação, pausa, intensidade entre outros aspectos. A terceira maneira de perceber o ritmo é o da *linguagem*, que está diretamente relacionado com a velocidade e pausas durante a fala. E por fim, o *ritmo da música*, em que percebemos sua velocidade, seus sons e silêncio na busca de compreender suas variações e seu significado expressivo:

“Tendo sua essência no movimento, o ritmo é um fenômeno existente em todo o universo, sendo na música o apoio físico na

melodia... O ritmo ordena também as formas básicas de locomoção do homem em toda a sua existência, através da frequência, acentuação, espaço, forma, tensão, relaxamento, movimento, repouso.”(CAMARGO, 1994, p. 17, 18)

A partir dessa afirmação não podemos deixar de citar a importância do ritmo para a GA, pois a música e o ritmo são imprescindíveis no solo, pois a ginasta utiliza o ritmo constantemente nas séries. E mais, o ritmo é necessário para todos os ginastas independente do sexo ou aparelho em que atue, pois é uma capacidade importante para a execução das séries, já que as séries têm uma duração a ser cumprida e o ritmo dos movimentos pode auxiliar na execução do elemento seguinte. Além disso, o ritmo e a execução podem caracterizar a intensidade da série, sendo de intensidade leve à forte.

A Preparação Artística também pode auxiliar e enriquecer o desenvolvimento das capacidades coordenativas com a utilização de atividades de dança, de ginástica geral, atividades como malabares e tecido circense, entre outras. Além disso, estas atividades podem trazer benefícios psicológicos para os ginastas, pois, as atividades propostas na Preparação Artística são atividades agradáveis, prazerosas e ainda podem desenvolver a cooperação, a socialização e a motivação dos ginastas.

3.2.4 Habilidades

As habilidades motoras podem ser classificadas de duas maneiras. Uma delas está relacionada a um ato ou tarefa em particular (movimento) que possua uma finalidade específica e, a outra, em distinguir um executante de alto nível de outro de baixo nível. (SCHMIDT; WRISBERG, 2001)

As habilidades motoras podem ser classificadas como fundamentais (envolvem movimentos manipulativos, estabilizadores e locomotores) ou especializadas, que são aquelas intimamente ligadas a uma modalidade esportiva.

Segundo Carrasco (1982) a série⁷ é um conjunto de gestos ou elementos transformados que permitem julgamento de valor. Este conjunto de elementos é julgado através dos movimentos de ligação, combinações e execução. E, além disso, dependendo da complexidade destes movimentos, também, atribuir-lhe valores. As séries ginásticas precisam ter um início e um fim bem definidos.

A base motora que constitui os fundamentos da ginástica é conhecida como elementos corporais, os quais incluem os deslocamentos, saltos e saltitos, giros, rolamentos e giros, movimentos axiais, aterrissagens, balanços e suspensões, ondas, equilíbrios e apoios (NUNOMURA, 2005; NUNOMURA & TSUKAMOTO, 2006).

Na realidade, os elementos corporais também constituem a base motora das demais manifestações ginásticas, tais como a Ginástica Rítmica, os Esportes Acrobáticos, a Ginástica de Trampolim, a Ginástica para Todos (Ginástica Geral), a Ginástica Aeróbica, o Voleio, entre outras atividades que também podem auxiliar no treinamento dos ginastas da GA.

A GA se diferencia das demais modalidades esportivas, por apresentar movimentos que desafiam as leis da gravidade e por utilizar aparelhos de grande porte particulares. Leguet (1987, p. 13) apresenta um quadro com as ações gímnicas, e que consta da Figura 1:

⁷ Série de ginástica é o nome que se dá a apresentação gímnica da ginasta. É o conjunto de movimentos executados e treinados antecipadamente. A série inicia desde o começo da prova até o término da mesma.

FIGURA 1 - Ações Motoras propostas por Leguet (1987)

A GA possui posições básicas: Estendida, grupada, carpada e afastada.

FIGURA 2 - Posições básicas da ginástica

Outro componente que enriquece a vivência na GA e amplia a possibilidade de ações, são os fatores do movimento propostos por Laban (1978), quais sejam:

- **Espaço:** está diretamente ligado ao "âmbito" em que o indivíduo se encontra ou pode explorar, tendo relação com as direções (frente, trás, direita, esquerda entre outras);

- **Tempo:** está intimamente relacionado ao ritmo "os tempos-ritmos são independentes do tempo de toda seqüência de movimentos. O mesmo ritmo pode

ser executado em tempos diferentes, sem alterar a duração proporcional de cada unidade de tempo.” (p. 74);

- **Esforço:** são os impulsos internos pelos quais se origina o movimento;

- **Fluência:** está relacionada com a ordem em que os movimentos do corpo acontecem, sendo percebido se a fluência é livre ou controlada. O movimento pode ter uma fluência livre, contínua quando o movimento que se originou em determinada parte do corpo se irradia para as demais ou o movimento pode ter sua fluência controlada onde o movimento é “quebrado”, “parado” em determinada parte do corpo.

Em um quadro comparativo proposto por Nunomura (1998), a autora revela que Laban também pode ser identificado na GA, ainda que seja autor do movimento e seus estudos sejam utilizados em áreas diversas incluindo a artística, conforme apresentado no Quadro 4:

QUADRO 4 - Ginástica educacional e ginástica artística (NUNOMURA, 1998)

Ginástica Educacional (GE)	Ginástica Artística (GA)
- Fundamento	- Avançado
- Movimento generalizado	- Movimento muito específico
- O equipamento apóia o movimento	- O equipamento dita o movimento
- Diversidade e objetividade	- Aprendizagem de habilidades fixas
- Exploração e criatividade	- Movimentos precisos e fixos
- Laban enfatizado diretamente	- Laban, se utilizado, indiretamente
- Movimento versátil	- Encontra exigências rígidas
- Estabelece os próprios padrões	- Encontra padrões estabelecidos
- Individualizada, centralizada no aluno	- Centralizada na sociedade, imposta pelo adulto
- Orientada para o processo	- Orientada para o produto
- Executada sozinho ou em grupos	- Executada individualmente

Através da experiência profissional sabemos que muitos profissionais não trabalham com esta perspectiva da GE dentro da GA competitiva, talvez por falta deste conhecimento e de seus benefícios tanto artísticos quanto psicológicos. Mas, os fatores do movimento ampliam a experiência motora dos praticantes e sua percepção de corpo, espaço e de suas inter-relações com objetos e pares.

Não raras vezes, as dificuldades que os ginastas apresentam ao girar no eixo longitudinal (eixo de rotação no sentido do comprimento do corpo) ao mesmo tempo em que gira no eixo transversal (ou látero-lateral), por exemplo, podem também estar associadas à falta de percepção do posicionamento do corpo sem apoio no espaço. Em uma situação mais simples, como em uma composição coreográfica, em que o praticante tem dificuldade em expressar um movimento lento e pesado ao mesmo

tempo. Ou ainda em uma situação real de ensino em que, ao ser solicitado a olhar os pés enquanto estava em parada de mãos (posição invertida), o praticante olha para o chão (NUNOMURA; TSUKAMOTO, 2006).

Em um Quadro proposto por Lopes e Nunomura (2007), as autoras apresentam as diferenças entre a atividade GA e o esporte GA e uma das características que as diferenciam é que no esporte GA existe a dedicação exclusiva à modalidade e há foco para atividades relacionadas à GA como o balé e a Dança.

3.3 Preparação Artística

A Preparação Artística é o conjunto de atividades que tem por objetivo a melhora de componentes artísticos como a expressão (demonstração de um sentimento), a criatividade (capacidade de criação), o ritmo, a leveza (suavidade nos movimentos) entre outros.

Para elaborarmos sessões de Preparação Artística, ou ainda, para avaliarmos os componentes artísticos de uma série é imprescindível entendermos alguns termos como a arte, o artístico e a estética.

Como citamos anteriormente, a arte é uma atividade a partir de uma criação de sensações e que apresenta características individuais. Embora a definição deste termo possa parecer distante da GA, é importante ser considerado, pois, a elaboração da sequência de elementos de toda série é uma construção artística. Assim, esta se torna uma “arte”, pois as séries devem apresentar características pessoais dos ginastas e é necessária muita criatividade. O termo artístico está muito próximo ao conceito de arte, pois artístico é algo relativo às artes e a originalidade e que está presente a todo momento na GA.

Por fim, e talvez o termo mais importante para a Preparação Artística é a estética que se refere ao *“estudo racional do belo, quer quanto à possibilidade de sua conceituação, quer quanto à diversidade de emoções e sentimentos que ele suscita no homem.”* (AURÉLIO, 2005, p. 720)

Vázquez (1999) elaborou categorias estéticas e que podem auxiliar tanto técnicos quanto árbitros na percepção da arte e da estética nas séries de GA que criam e avaliam, são elas: o *belo*, o *feio*, o *sublime*, o *trágico*, o *cômico* e o *grotesco*.

As pessoas do senso comum vêem uma criação artística e simplesmente a julgam: “Gostei” ou “Não gostei” pelo fato de avaliarem “bonito” ou “feio”, isso por que, o belo nos atrai naturalmente. Porém não podemos nos esquecer que a arte vai muito além desta simples constatação. Muitas vezes o feio não tem fim nele mesmo, mas num objetivo. Ele pode estar sendo utilizado para contrastar. Em uma seqüência rítmica de movimentos, por exemplo, em um momento as pessoas que estão executando esta seqüência podem fazer alguns movimentos “fora” do ritmo e o público pode julgar aquele momento feio, porém, esta “saída” do ritmo pode ser proposital, não para deixar a seqüência “feia”, mas para chamar a atenção para um gesto, um movimento entre outros aspectos.

Segundo Gombrich (1979) as manifestações artísticas nos agradam a medida que nós a entendemos e geralmente vamos “gostar” daquilo que nós não tenhamos dificuldade em entender. O autor alerta que devemos aprender sobre os métodos utilizados naquela manifestação artística para podermos entender seus sentimentos e não simplesmente desprezar aquilo que “*não gostamos*”.

Estas constatações sobre as manifestações artísticas na GA competitiva são muito perigosas, pois existe uma avaliação e que se for feita com base “apenas” pelo gosto pessoal do árbitro, um ginasta poderá ser prejudicado, podendo perder medalhas.

O entendimento da estética e suas categorias é de extrema importância para os técnicos, para os árbitros e para os ginastas.

Vázquez (1999) explica as categorias estéticas de forma que O *belo* é um objeto cuja estrutura gera prazer equilibrado e gozo harmonioso. O autor ainda menciona que “*o belo é difícil*”. Na maioria das séries, técnicos e ginastas buscam esta categoria estética, possivelmente, esta seja a categoria estética mais conhecida.

O possível conhecimento apenas dessa categoria estética, por parte dos técnicos e árbitros, se torna muito próximo do conhecimento do senso comum, o que preocupa as pessoas envolvidas na modalidade. Uma vez que haja critérios artísticos e estéticos em alguma manifestação, principalmente se existe uma comparação entre manifestações, ou seja, a avaliação, entendemos que as pessoas envolvidas no mesmo devem conhecer as características estéticas e artísticas.

Contrariamente, o *feio* é o que está em contraste com o ambiente, que não é sensivelmente atrativa. Geralmente na GA, o que não é agradável aos olhos é considerado feio, logo não tem valor. O *feio* na GA não é visto como uma categoria estética, mas simplesmente o contrário de bonito.

O sublime está relacionado com a grandeza e a infinidade, divinas ou humanas. Segundo Sborquia (2008), os movimentos que ultrapassam os limites do corpo podem caracterizar esta categoria estética.

O *trágico* está relacionado a um sacrifício que um indivíduo se impõe para atingir um determinado objetivo, onde pode ocorrer uma tragédia.

O *cômico* é uma categoria que gera risos nas pessoas, apresenta graça. E, por fim, o *grotesco* que tem relação direta com o estranho ou sobrenatural.

Na criação das séries de solo e trave, principalmente, a expressão corporal bem como a música, no caso do solo feminino, auxiliam a demonstrar uma categoria estética. Por isso, entendemos que alguma categoria estética deve estar presente nas séries de GA. Sborquia (2008) exemplifica em sua pesquisa formas em que estas categorias podem aparecer em sequências gímnicas.

No momento da elaboração dos treinos e das séries de ginástica, o técnico deve levar em consideração os movimentos próprios da GA que devem compor a série, bem como as categorias estéticas. Isso auxiliará o ginasta no momento da competição no que se refere a avaliação artística e estética.

3.3.1 Componentes da Preparação Artística

Dentro da perspectiva da GA, as atividades que poderiam integrar esta Preparação de maneira satisfatória seriam:

- **Dança:** cultura adicionada à relação entre movimento, emoção, ritmo, expressão (MORATO, 1993);

- **Ginástica para Todos** (conhecida também como Ginástica Geral): *é uma atividade gímnica, proposta, orientada e difundida pela Federação Internacional de Ginástica (FIG). Está condicionada aos fundamentos da Ginástica, podendo ser*

considerada como fenômeno cultural, por apresentar características de cada povo, respeitando suas tradições. (SOUZA, 1997, p.16);

- **Arte Cênicas:** *seu objetivo é a representação de fatos da vida real e, ou de fatos da imaginação, o faz-de-conta e a sua principal ferramenta (...)* (GALLARDO, 2008, p.73)

E ainda as artes circenses que se trata de uma ramificação das artes cênicas.

Sobre a Dança podemos afirmar que possui vários estilos e cada um deles pode auxiliar a ginasta de alguma forma e o que a torna agradável e saudável é a adição de certo número de esforços diferentes, pois quando se move uma só articulação produz a repressão do restante do corpo e, pelo caráter inibitório, proporciona desassossego e incômodo. (LABAN, 1990)

As pessoas são impulsionadas a dançar porque ela é capaz de aliviar a sensação de mal-estar causado pelos movimentos isolados das articulações que reprimem o restante do corpo, pois ela utiliza o corpo como um todo e, não partes isoladas. O impulso de dançar e a agitação geral do corpo oferecem um escape para nosso organismo.

“A dança, como um modo de viver, pode tornar nossa vida diária mais saudável, e isso de maneira global, pois ela atinge todos os domínios do comportamento do ser humano: psicomotor, socioafetivo e perceptivocognitivo.” (GUIMARÃES, 2003, p.30)

A Dança pode promover benefícios relativos ao: equilíbrio dinâmico, flexibilidade e amplitudes articulares, resistência localizada, elasticidade muscular, coordenação motora, agilidade, desenvolvimento da musculatura corporal, educação rítmica, percepção espacial, auxílio à saúde mental, melhoria das relações interpessoais e comunicação e estímulo à espontaneidade, opção de lazer, apresenta uma atuação no campo emocional, competitivo e cognitivo, desenvolvimento da expressão corporal e é uma grande aliada no incentivo à criatividade. (MORATO, 1993; FLORES, 2002; CUNHA, 1992; GUIMARÃES, 2003; GARIBA, 2003)

Sobre os benefícios apontados, estes podem favorecer tanto sobre os aspectos sociais, psicológicos quanto físico dos ginastas.

A Dança pode apresentar vários objetivos, tais como: esportivo; fisioterápico; artístico; higiênico, estético e recreativo; carcerário; entre outros, desde que as alterações necessárias sejam realizadas com vistas a meta proposta.

Sobre a Ginástica para Todos podemos afirmar que pode apresentar várias manifestações como: dança, teatro, jogos, esportes, atividades folclóricas entre outras. (SOUZA, 1997)

O fato da Ginástica para Todos englobar atividades diversificadas, pode auxiliar os ginastas e os técnicos na montagem das séries bem como manter os ginastas motivados para a preparação artística. Além disso, a Ginástica para Todos utiliza elementos que podem beneficiar os ginastas, como mostra a Figura 3 de Souza (1997, p.28):

FIGURA 3 - Elementos Constitutivos da Ginástica

Como pudemos observar a Ginástica para Todos possui uma gama de elementos, alguns simples e que também podem ser encontrados em atividades da Dança e outros mais complexos que podem ser observados na GA.

A Ginástica para Todos, além de possuir movimentos idênticos ou semelhantes aos da Dança assim como a GA, possui ainda, outra característica comum a esta, ou seja, também utiliza seqüências coreográficas.

Segundo Toledo et al (2009) a Ginástica para Todos tem como principal característica a liberdade, o que para a preparação artística é de suma importância, já que o desenvolvimento da criatividade deve se fazer presente a todo o momento. Para os autores, essa liberdade ocorre e está presente em vários aspectos da Ginástica para Todos pois essa liberdade influencia *“no uso ou não de aparelhos, na faixa etária e número de seus participantes, nas vestimentas utilizadas, no estilo musical etc.”* (p.26)

A Ginástica para Todos pode trazer benefícios semelhantes aos da Dança tais quais: possibilitar o desenvolvimento da criatividade, não restringir a prática, atuar como agente motivacional, melhorar as capacidades físicas e as habilidades motoras, estimular o ritmo possibilitando a utilização de grande diversidade musical, contribuir para a saúde além de ser uma atividade prazerosa.

Uma das diferenças entre a Dança e a Ginástica para Todos é que a segunda aceita com maior facilidade a utilização de materiais e ainda movimentos de qualquer natureza. Enquanto a Dança possui alguns tipos específicos de movimentos conforme seu estilo.

É importante destacar que por estas duas modalidades possuírem algumas características comuns como a utilização de música e as seqüências coreográficas, os movimentos semelhantes e a necessidade de desenvolver a criatividade através dos movimentos podem, a Dança e a Ginástica para Todos, oferecer benefícios comuns.

Com base nas informações obtidas até o momento podemos afirmar que existem alguns aspectos que são importantes para os ginastas como: bom condicionamento físico, estado psicológico e emocional equilibrado, boa percepção rítmica, expressividade e boa técnica de execução de movimentos.

A Ginástica para Todos e cada estilo de Dança apresenta características próprias e benefícios distintos, porém todos podem contribuir para a evolução artística da série ginástica.

3.3.2 Expressividade

A expressividade é avaliada nas competições de GA principalmente nas provas de solo feminino e trave de equilíbrio. E as atividades que podem ser utilizadas na Preparação Artística de ginastas podem auxiliar neste componente.

Morato (1993) afirma que, a Dança e o teatro são formas de arte que utilizam a interpretação e que podem desenvolver esta capacidade interpretativa através das formas de criatividade e expressão corporal contidas na improvisação e no drama.

Guimarães (2003) cita autores, como Sachs e Brikman que vêem a Dança como uma arte, movimentos harmônicos e graciosos. Esta afirmação declina-se mais à expressividade do que aos de movimentos próprios ou únicos da modalidade.

Laban (1978) trata o corpo como um instrumento de expressão por meio do movimento. O autor apresenta gestos, direções, posições do corpo (sentada, em pé), pesos, esforços, elementos do ritmo, tudo isso relacionado ao movimento, no entanto, não aborda passos propriamente ditos, e sim movimentos do corpo e consciência corporal, no sentido que o indivíduo nota o que está fazendo.

“O homem se movimenta a fim de satisfazer uma necessidade. Com sua movimentação, tem por objetivo atingir algo que lhe é valioso. É fácil perceber o objetivo do movimento de uma pessoa, se é dirigido para algum objeto tangível. Entretanto, há também valores intangíveis que inspiram movimentos.(...) Pode tanto caracterizar um estado de espírito e uma reação, como atributos mais constantes da personalidade.” (LABAN, 1978, p.19, 20)

É importante esclarecer que a Dança é vista por dois ângulos distintos: a arte e a performance. A arte através da graciosidade, leveza e expressão, e a performance através das contrações, movimentos precisos em passos com certo grau de dificuldade, impulsão, aterrissagem, giros, etc. A Dança pode ser vista por estes dois ângulos assim como a GA.

3.3.3 Criatividade

Ao elaborar uma série é importante que esta tenha características relacionadas ao perfil do ginasta. Exercícios de criatividade podem auxiliar o ginasta e o técnico a “decifrar” esse perfil e criar uma série coesa ao estilo do ginasta, sem faltar os elementos exigidos pelo Código de Pontuação.

Wechsler (1993) apresenta definições antigas de criatividade, que no termo grego *krainen* quer dizer *realizar* e no termo latino *creare* quer dizer *fazer*. Todo indivíduo pode ser criativo e cada um demonstra sua criatividade à sua maneira. A realização do potencial criativo depende de alguns itens, tais como:

- *Motivo*: desejo de ser criativo e acreditar que podemos ser criativos;
- *Meios*: conhecimentos apropriados, habilidades necessárias;
- *Oportunidade*: consciência de oportunidades em potencial, criar oportunidades, lidar com as pressões contra a criatividade.

Devemos observar que, é possível trabalhar esses itens nas sessões de Preparação Artística, de modo que auxilie no processo criativo do indivíduo. Acrescido aos tópicos citados anteriormente é importante mencionar que, ao desenvolver a criatividade do indivíduo, faz-se necessário avaliar os componentes pessoais e culturais do mesmo.

Gariba (2003) afirma que a Dança pode promover o desenvolvimento da criatividade, por meio da exploração de novas formas de movimento corporal, que possibilitem a educação rítmica pela diversidade das ações motoras e, ainda, ao desenvolvimento de capacidades cognitivas e afetivas.

É válido observar que estes comportamentos são facilmente percebidos durante a prática da Dança, da Ginástica para Todos, nas artes cênicas e em atividades circenses nos momentos de aprendizagem de novos movimentos, nos ensaios e coreografias em grupo, na elaboração de seqüências de movimentos, etc.

“(...) a criatividade pode ser desenvolvida e aumentada mediante programas educativos específicos, demonstrando assim que todos possuímos potencial criativo, basta querer desenvolvê-lo.” (WECHSLER, 1993, p. 4)

O autor ainda mostra barreiras emocionais, que impedem o aproveitamento das potencialidades criativas de cada um, os quais não são identificados com facilidade em indivíduos que praticam Dança, são elas: apatia, baixa tolerância à mudança, desejo excessivo de segurança e ordem, inabilidade em tolerar ambigüidade, insegurança, medo de parecer ridículo, medo do fracasso, medo de cometer erros, relutância em experimentar e correr riscos e sentimentos de inferioridade.

As artes plásticas também possuem atividades muito ricas para o desenvolvimento da criatividade. O desenvolvimento de atividades manuais enriquecem o individuo no que se refere a criatividade.

3.3.4 Música

Este aspecto da Preparação Artística pode ser encontrado em todas as atividades sugeridas para compor as sessões de Preparação Artística.

No caso da Dança, muitas vezes o estilo da Dança é caracterizado pelo tipo de música utilizado: música clássica, popular, cantigas entre outras.

Para que a série tenha a presença da ginasta e para que a mesma execute a série com motivação, é importante que a música agrade a ginasta, que faça parte da história dela. Além disso, é importante lembrarmos que a música é uma grande aliada da expressão corporal, isso por que a música nos transmite algum sentimento.

Através da Preparação Artística, a ginasta pode conhecer e interpretar vários estilos de música e assim o técnico e o preparador artístico poderão identificar qual é o estilo musical que mais se adequa ao da ginasta.

Shilaro (1990) afirma que: *“O conhecimento da força da linguagem musical favorecerá sua utilização cada vez mais adequada, com todo o respeito à individualidade e à expressividade das pessoas.”* (p.112)

3.3.5 Atividades da Preparação Artística

Os movimentos utilizados nas sessões de Preparação Artística devem ser os mais variados possíveis de forma a adequar-se a proposta da ginasta. Dentro das atividades propostas neste trabalho para compor a Preparação Artística estão: as

artes cênicas, as artes circenses e a ginástica para todos, podem explorar os movimentos de forma mais ampla. Mas, na dança em alguns momentos isso não é possível.

Alguns estilos de Dança, como o balé, por exemplo, possuem seus movimentos padronizados o que nos permite apenas variar suas seqüências. Isso não quer dizer que estes não possam auxiliar os ginastas. Além disso, seus movimentos podem ser utilizados em integração ou concomitantemente com as outras atividades que compõe a Preparação Artística.

Sabemos que quando falamos em Preparação Artística para ginastas, a maioria das pessoas pensa imediatamente no balé. Isso ocorre porque este estilo de Dança possui muitos movimentos comuns ou semelhantes à GA e ainda é o estilo de Dança utilizado por alguns técnicos como Preparação Artística em si.

Por isso, analisaremos brevemente alguns movimentos da Dança, para entendermos de que forma estes movimentos podem auxiliar os ginastas. Não serão explicitados os movimentos da Ginástica para Todos, pois a modalidade acolhe outras manifestações corporais como a própria Dança e além dos movimentos gímnicos, teatrais e circenses.

O balé clássico é o estilo de Dança que talvez possa contribuir com mais expressividade devido aos seus movimentos idênticos e semelhantes ao da GA.

Observamos na obra de Martins (1997) uma série de movimentos, habilidades “específicas” utilizados na GA que são idênticos no balé clássico, inclusive algumas nomenclatura, tais como: *demi pliés*, *posições dos pés*, *developpés*, *degagés*, *battement*, *soubressaut*, *grand jeté*. Conforme o Quadro 5:

QUADRO 5 - Movimentos idênticos entre o Balé Clássico e a GA

GINÁSTICA ARTÍSTICA	BALÉ CLÁSSICO
Sobresaut	Sauté

Trata-se de um salto onde ocorre a extensão do corpo no ar.	

Meia ponta	Meia ponta

Flexão dos dedos dos pés.	
Pivot em arabesco	Arabesque derrière

Extensão da perna com os joelhos estendidos e o tronco reto.	
Estendido	Passe

Flexão do joelho em que a ponta dos dedos do pé fica ao lado do joelho da perna de base.	
Dégagé	Dégagé

Flexão do quadril com os joelhos e o pé estendido. A ponta do pé fica próxima do solo. Pode ser executado na frente, ao lado ou atrás do corpo.	
Plié	Plié

Flexão dos joelhos.	

Além dos movimentos idênticos, o Balé Clássico ainda possui movimentos semelhantes aos da GA. Como mostra o Quadro 6.:

QUADRO 6 - Movimentos semelhantes entre o Balé Clássico e a GA

GINASTICA ARTÍSTICA	BALE CLÁSSICO
Pose selada	Souplesse en arrière

Movem-se os ombros para trás, mantendo o quadril em posturas (encaixe) diferentes.	
Pose de Equilíbrio	Degagé derrière com cambré

A bailarina sustenta o corpo sobre a perna de base e mantém a cabeça ao lado, enquanto a ginasta “relaxa” sobre o quadril e mantém a cabeça para cima.	

É possível observar muitas semelhanças entre os movimentos das ginastas e das bailarinas. Porém, uma diferença que se apresentou marcante foi o fato das

ginastas não utilizarem o *en dehors* (aberto, rotação externa da coxa) que as bailarinas utilizam.

Segundo Paiva (1981) o solo é onde o ginasta demonstra seu potencial, pois todos os requisitos exigidos para uma performance elegante, bela e harmoniosa são solicitados.

É provável que o Balé Clássico possa beneficiar os ginastas da GA em relação ao aspecto motor, o conteúdo artístico da Ginástica, pois o Balé Clássico se mostrou diferente por sua postura. Mas, a Dança também pode auxiliar atletas do sexo masculino para fins de aquisição de uma melhor postura e alinhamento corporal.

Em estilos de Dança como o Jazz e a Dança Moderna também encontramos alguns movimentos que podem auxiliar na Preparação Artística como apresenta Pica (1988), autora americana que estuda a Preparação Artística de ginastas.

E mais, faz-se necessário especificar uma modalidade para a análise de seus movimentos em relação à GA, pois o corpo humano é capaz de executar uma infinidade de movimentos e combinações dos mesmos. Pica (1988) evidencia a aplicação das terminologias do Balé Clássico na GA.

Notamos na obra de Pica (1988), a existência de alguns estilos de Dança dentro do treinamento artístico das ginastas. E é com base nisso, podemos afirmar que a Preparação Artística para ginastas é estruturada em um resgate do que de melhor existe em cada estilo de Dança, com base no perfil e nas necessidades do atleta.

Pica (1988) cita que o Jazz apresenta movimentos de isolamento, ou seja, aqueles em que partes do corpo executam movimentos isoladamente em relação às demais estruturas corporais. Além disso, a autora menciona a liberdade dos movimentos, como mostra a Figura 4:

FIGURA 4 - Exemplo de movimento de Jazz

Outro tipo de movimento apresentado por Pica (1988) refere-se aos movimentos de contração e que também são encontrados na Dança Moderna, conforme observamos nas figuras 5 e 6:

FIGURA 5 - Exemplo de movimento de Dança Moderna (a)

FIGURA 6 - Exemplo de movimento de Dança Moderna (b)

A Dança Moderna talvez seja um dos estilos da Dança mais complexos para se definir. Pica (1988) afirma que esta pode contribuir muito para as ginastas. A autora cita alguns tipos de movimentos da Dança Moderna que auxiliam as ginastas, tais quais: corridas, saltos, saltitos, movimentos de alongamento no solo, entre outros.

Deve-se estimular movimentos onde haja um acento no terceiro movimento, tanto para estimular o ritmo quanto para trabalhar a lateralidade, conforme ilustrado na Figura 7.

FIGURA 7 - Exemplo de movimento de Dança Moderna (c)

Além disso, a Dança Moderna trabalha com contração e extensão do movimento como mostra a Figura 8.:

FIGURA 8 - Exemplo de movimento de Dança Moderna (d)

Ou ainda, movimentos no solo utilizando o apoio das mãos, Figura 9:

FIGURA 9 - Exemplo de movimento de Dança Moderna (e)

Paiva (1981) aponta em sua obra, atividades que a ginasta devem praticar para obter um padrão ideal, quais sejam Dança, Expressão Corporal, Balé Clássico, Balé Moderno e Educação Musical. Isto porque estas modalidades auxiliam no bom desempenho artístico das ginastas, no que se refere aos movimentos, expressividade e ritmo.

Segundo o Artigo 07 do Código de Pontuação Feminino (ciclo 2009-2012) a execução, a amplitude dos movimentos e a impressão geral da apresentação são alguns dos itens que constituem a avaliação, aos quais se atribuem determinado valor.

Dessa forma, é possível afirmar que a Preparação Artística pode contribuir com a originalidade, a partir da citação de Gariba (2003), em que o autor afirma que a Dança proporciona o desenvolvimento da criatividade.

“A atual filosofia com relação ao conteúdo e combinação das séries na Ginástica Artística feminina procura dar ênfase à maestria da coreografia, da dança e da acrobacia, apresentadas com graça, arte e estilo pessoal.” BROCHADO E BROCHADO (2005, P. 142)

Ainda fazendo uma comparação com a avaliação proposta pelo Código de Pontuação Feminino (ciclo 2009-2012) que pontua a execução e a amplitude dos movimentos, a Dança também pode contribuir neste tópico, pois ela sugere (o Balé Clássico) a amplitude e a graciosidade dos movimentos.

Como citamos anteriormente, a impressão geral da composição também é avaliada. E, a Preparação Artística pode contribuir neste item, pois auxilia nas ligações de movimentos e proporciona harmonia à composição, de maneira que não haja interrupções desnecessárias e que o exercício flua de forma natural.

A composição do exercício das provas de Trave e de Solo feminino, apresentada nos artigos 10 e 11 respectivamente, do Código de Pontuação Feminino (ciclo 2009-2012) nos mostra alguns tipos de movimentos que devem ser inseridos na série ginástica, quais sejam:

- Saltos;
- Ondas;
- Giros e voltas;
- Equilíbrios;
- Elementos e combinações acrobáticas.

É importante observarmos que esses movimentos básicos da GA também são encontrados no Balé Clássico, ou ainda, em outros estilos de Dança, pois a essência do movimento possui características idênticas. O único grupo de elementos que não é encontrado na Dança (Balé Clássico) é aquele de elementos acrobáticos. A Dança e o Balé Clássico podem auxiliar nos momentos de aprendizagem do movimento, no sentido da consciência corporal, alinhamento postural, coordenação motora e flexibilidade além do ritmo e expressividade, no resultado final do processo.

O Código de Pontuação Feminino (ciclo 2009-2012), ainda aponta algumas exigências na apresentação de Solo e da Trave de Equilíbrio:

- Passagem harmoniosa e dinâmica de um grupo de elemento para outro;
- Mudança harmoniosa e dinâmica entre os diferentes grupos estruturais;
- Relação com a música;
- Aproveitamento máximo do Tablado (Solo).

E a execução do movimento de Solo deve possuir:

- Segurança em todos os elementos e combinações;
- Postura geral do corpo;
- Expressão corporal;
- Amplitude e flexibilidade.

É possível afirmar que a Preparação Artística pode auxiliar as ginastas em grande parte dos itens solicitados pelo Código de Pontuação Feminino (ciclo 2009-2012) de modo que a ginasta tenha um melhor desenvolvimento e aproveitamento durante a prova.

Além dos benefícios proporcionados às ginastas e aos técnicos, tais como a criatividade, a expressividade, a musicalidade e a execução de movimentos (graciosidade, leveza), é importante lembrar que a Dança ainda pode trazer benefícios no aspecto psicológico. Por exemplo, nas vésperas de uma competição, a Dança pode ser uma atividade agradável e saudável, que proporcionaria efeitos positivos como: harmonia interior, concentração, prazer, auto-confiança e talvez relaxamento.

Além disso, é válido considerar a didática das aulas, musicalidade, entre outros aspectos de cada estilo, para refletir os melhores conteúdos para a Preparação Artística de ginastas, pois se tratam de aulas específicas para esse grupo de indivíduos e não para bailarinas, propriamente dito. Mesmo que o balé seja utilizado para outros fins (como a Preparação Artística dos ginastas), este não perde suas características originais.

A Dança vista como atividade física é, muitas vezes, comparada ao esporte por diversas características como a disciplina, a valentia, a resistência, o treinamento, o domínio físico e o sentido de superação. Apesar disso, consideramos a Dança algo mais por constituir-se, também, uma disciplina artística (o que sugere a relação com a GA).

É conveniente ressaltar que a Dança é uma área do conhecimento devido a sua especificidade de conteúdo, e que se evidencia através da existência de cursos superiores direcionados para a formação dos profissionais que atuam com a Dança.

A Dança possui um método, uma ordem na maioria das vezes, igual ou semelhante, entre um estilo de Dança e outro.

As aulas de Dança são constituídas de alguns elementos que são organizados de diversas formas e a seqüência dos exercícios varia conforme o estilo que está sendo desenvolvido. Conforme cita Sampaio (1996), os elementos das aulas de balé são: o alongamento, a força, a agilidade e a explosão.

Cada elemento tem uma melhor maneira de ser trabalhado e, por isso, fazem parte da sala de aula de Dança: a barra, o solo (centro e diagonais), e materiais diversos para atividades de manipulação e trabalho de força.

A dança-educação que foi citada por Nanni (1995), mostra uma seqüência de desenvolvimento: exploração e familiarização com o ambiente, habilidades manipulativas (com objetos próximos e objetos do ambiente), agrupamento de objetos que utilizam atividades básicas, exploração de tipos de locomoções e deslocamentos, exploração espaço-temporal, mudanças de níveis, percepção do outro (sociabilização, cooperação), consciência corporal, social e artística, performance e habilidades artísticas. É possível observar, através da proposta da autora que as atividades artísticas só começam a ser mencionadas na faixa etária de 10 anos em diante.

Se considerarmos a idade proposta por Nanni (1995), de iniciar atividades artísticas com crianças de 10 anos de idade, perderemos muito tempo de treinamento das atletas, pois a GA é uma modalidade em que os ginastas iniciam muito cedo. E mais, talvez, os treinos de PA podem motivar as crianças a se manterem na modalidade, pela diversidade de ações e atividades e pelos benefícios artísticos que pode proporcionar.

Segundo Morato (1993), a Dança Jazz é voltada para a arte, com propósito de desenvolver a expressão do indivíduo, enquanto a ginástica jazz que visa à aquisição de bem estar físico e mental. As aulas de ginástica jazz são divididas basicamente em parte inicial, parte principal e parte final, mas o conteúdo varia conforme a clientela. Assim, pode-se esquematizar e quem sabe variar os estilos de Dança e suas especificidades, a fim de adequar as necessidades dos ginastas da GA.

A avaliação é muito importante, pois, a Dança e as diversas manifestações artísticas, incluindo a GA, possuem a avaliação subjetiva. Muitas vezes, os árbitros não sabem ao certo como avaliar este quesito e, por fim, agregam uma nota ao atleta se julgarem a série “bonita”.

Nas aulas de dança-educação Nanni (1995) propõe a seguinte divisão:

QUADRO 7 - Divisão das aulas de Dança-educação

Momento da aula	Tipos de atividades	Espaço ou material da sala de aula
1ª PARTE	<ul style="list-style-type: none"> ➤ exercícios de aquecimento articular e muscular; ➤ elasticidade e contratibilidade; ➤ Alongamentos e flexibilidade da coluna. 	Barra (barra fixada na parede a fim de proporcionar apoio aos diversos exercícios), centro (da sala) e solo (no chão).
2ª PARTE	<ul style="list-style-type: none"> ➤ progressões didáticas e artísticas em graus e níveis de desenvolvimento: <ul style="list-style-type: none"> - associação de movimentos; - jogos de movimentos; - seqüências de movimentos; - composição de movimentos; - seqüências coreográficas. 	Centro e diagonais (da sala de aula).
3ª PARTE	<ul style="list-style-type: none"> ➤ exercícios de <i>Port-de-brás</i> (movimentos de braços); ➤ exercícios de relaxamentos e volta à calma; ➤ estudos do ritmo e do processo criativo. 	Centro (da sala de aula).

Este tipo de divisão também é comum nas aulas de outros estilos de Dança, além de ser eficiente sob os aspectos motores, expressivos e de condicionamento físico.

Biggs e Pozsar (1999) afirmam que em um treino de Dança para ginastas são utilizados muitos termos de diferentes estilos de Dança, porém esses são adaptados para as ginastas. Por esse motivo, as autoras denominam esse trabalho de “*Dança para ginastas*”.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1 Natureza do estudo

O presente estudo é de natureza qualitativa. Diferentemente da pesquisa quantitativa, ela apresenta uma hipótese indutiva e sua amostra é restrita. Na pesquisa qualitativa não é possível fazer generalizações, todos os dados são analisados, se necessário, isoladamente para entender e discutir os processos em que estão envolvidos. (PATTON, 2002)

Para Triviños (2007) a análise documental de um estudo descritivo permite reunir grande volume de informações, o que se torna favorável e apropriado para o presente estudo, pois não há a intenção de limitar os dados e sua análise.

A partir dos referenciais sobre a pesquisa qualitativa, optou-se em utilizar a pesquisa de campo que se trata de uma investigação conduzida no ambiente em que o fenômeno ocorre a fim de compreendê-lo em sua essência e, assim, proporcionar benefícios ao ambiente e a população envolvida no estudo. (PATTON, 2002)

Este tipo de pesquisa permitiu compreender o contexto em que a Preparação Artística esta inserida na GA, ou seja, o entendimento deste fenômeno e suas características, forma de desenvolvimento dentro da modalidade, entre outros aspectos que surgiram a partir do depoimento dos sujeitos e da análise.

4.2 Sujeitos

A amostra foi composta por 12 sujeitos, a saber:

- Três técnicos de GA do sexo masculino, que orientam equipes masculinas (juvenil e adulto) que participam de competições de nível nacional e internacional;
- Três técnicos de GA, duas do sexo feminino e um do sexo masculino, que orientam equipes femininas (juvenil e adulto) e que participam de competições de nível nacional e internacional;
- Três árbitros de GA, do sexo masculino, de nível nacional e internacional, de competições masculinas;
- Três árbitros de GA, do sexo feminino, de nível nacional e internacional, de competições femininas.

4.3 Justificativa da amostra

A amostra é representativa e significativa, pois, estes são aqueles envolvidos, diretamente, no contexto competitivo da GA e onde a Preparação Artística tem importância e impacto.

O componente artístico é um critério de avaliação que consta no Código de Pontuação oficial do setor feminino e pode ser um diferenciador importante no resultado final.

No caso dos técnicos, são estes os responsáveis pelo planejamento, execução e avaliação do treinamento e, assim, estabelecem o conteúdo a ser aplicado aos ginastas. E, os árbitros são aqueles que avaliam o componente artístico nas competições.

4.4 Instrumento de coleta

Foi aplicada uma entrevista com questões abertas que, segundo Thomas e Nelson (2002), *“é uma categoria de questão em questionários e entrevistas que permite ao entrevistado considerável liberdade para expressar sentimentos e expandir idéias.”* (p. 281)

O instrumento foi construído com base no conhecimento teórico e prático sobre o tema com questões que tiveram como objetivo explicar e entender o contexto artístico da modalidade do ponto de vista de técnicos e atletas.

4.5 Método de análise

Para o tratamento dos dados, optou-se pela análise de conteúdo que, segundo Negrine (2004), é um método que pode ser feita através da descrição e da inferência, a fim de descrever e explicar determinados fenômenos.

Será adotada a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2008) que trata-se de *“um conjunto de técnicas de análise das comunicações”* (p.31)

Segundo Bardin (2008), esta análise ocorre em três fases, a saber:

- **pré-análise**, que é a fase de organização dos documentos ou dados, quando ocorre a leitura do material bruto e a preparação para a análise. Nesta fase é feita a

leitura flutuante, cujo objetivo é fazer com que o leitor deixe o conteúdo penetrar em sua mente para que surjam possíveis hipóteses ;

- **análise**: é a fase de exploração do material, quando é feita a codificação e envolve a escolha das unidades, regras de contagem e escolha de categorias; esta é a fase mais longa do processo de análise;

- **tratamento dos resultados**, a inferência e a interpretação, têm como objetivo tornar os dados válidos e significativos.

Dessa forma, as categorias serão formadas a partir da leitura e análise das entrevistas.

Antes da aplicação definitiva das entrevistas, foi realizada uma entrevista-piloto com 3 técnicos e 3 árbitros de GA para avaliarmos a qualidade e o entendimento das questões, além da relação entre o entrevistador e o entrevistado.

O procedimento é recomendado para testar a adequação do instrumento e condutas e para identificar a necessidade de ajustes.

Após a leitura do material, a entrevista transcrita foi encaminhada para os participantes para que estes pudessem acrescentar informações que não foram reveladas durante a entrevista, para sanar alguma dúvida que possa ter surgido ou ainda, para verificar se o material refletia, fielmente, com o seu depoimento.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Embora todos os entrevistados tenham demonstrado grande interesse em contribuir com esta pesquisa, todos apresentaram dificuldades em responder as questões referentes à Preparação Artística e a avaliação artística dentro da modalidade GA, pois mencionaram que é um tema que nunca refletiram e que vem sofrendo alterações ao longo dos anos.

A grande maioria dos entrevistados mencionou nunca ter pensado na modalidade sob estes aspectos ou ainda ficavam algum tempo pensando em uma possível resposta para as questões. Além disso, em alguns momentos os entrevistados entraram em contradição em algumas respostas. Isto ocorreu por conta da falta de orientação aos profissionais, a falta de material didático e a falta de um material de apoio que sustente o Código de Pontuação em GA.

5.1 Técnicos do setor feminino e masculino

Pelo fato de não ser utilizado o termo artístico no Código de Pontuação masculino, acreditamos que este seja um dos desafios desta pesquisa: entender como o componente artístico é tratado na GA no setor masculino.

QUADRO 8 - Resultados relacionados à definição dos termos arte, artístico e estético no setor feminino

CATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTRO	UNIDADES DE CONTEXTO
Arte	Ritmo	TF1: “A ginástica feminina seria o ritmo, é uma arte (...)” TF3: “Arte é como eu falei, elas se apresentarem, da ginástica ser bonita e é como o nome diz ginástica artística (...)”
	Coreografia	TF1: “(...)o artístico que acho está ligado a parte coreográfica(...)”
Artístico	Música	TF2: “(...) a gente chega a trabalhar mais combinações e conseguir desenvolver a parte artística com a ginasta, conseguir fazer estilos diferentes, sentir a música, movimento que combina com a música, descobre o estilo de música que pode fazer uma série bonita. (...) ”

Estético	Expressividade	<p>TF1: (...) <i>então não adianta você querer colocar uma menina que não tem, que não pode, que não consegue se expressar com o corpo por que não vai existir o estético.</i> “</p> <p>TF1: “(...) <i>que não consegue se expressar com o corpo por que não vai existir o estético.</i> “</p> <p>TF3: “<i>Estética é o corpo, o físico, a postura da menina.</i>”</p>
-----------------	----------------	--

QUADRO 9 - Resultados relacionados à definição dos termos arte, artístico e estético no setor masculino

CATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTRO	UNIDADES DE CONTEXTO
Arte	Arte	<p>TM1: “<i>E arte, ah... o esporte é arte.</i>”</p> <p>TM2: “<i>Ah, eu vejo que tem sim, a arte, artístico, é meio que um show, mas tem a parte de graça, a parte de estética, de saber apresentar, se ele demonstra.</i>”</p> <p>TM3: “<i>Para mim é o movimento a expressão que eles tem que fazer...</i>”</p>
Estética	Estética	<p>TM1: “<i>Ah, o estético é o que a pessoa vê o que está sendo feito, se está sendo bem feito ou não</i>”</p> <p>TM2: “<i>Tem sim, nos exercícios se eles estão bem feitos, bem executados, entendeu? Que é um lance mais artístico...</i>”</p>
Artístico	Artístico	<p>TM1: “<i>é... artístico... é ginástica artística, né? Não sei nem por que esse nome...</i>”</p> <p>TM2: “<i>Ah, eu acho que no masculino nem tem isso...</i>”</p>
Sinônimos	Sinônimos	<p>TM3: “<i>Minha parte artística e estética é a parte de postura da... dos elementos da composição das séries.</i>”</p> <p>TM3: “<i>São sinônimos.</i>”</p>

Nas definições apresentadas, a partir do entendimento dos técnicos sobre a arte, o artístico e o estético os termos se misturam de forma que um define o outro ou ainda não respondem com coerência. Isso nos faz acreditar que também não está claro para os técnicos estes conceitos bem como sua aplicação na modalidade.

Diferentemente dos técnicos do setor feminino, os técnicos do setor masculinos buscaram evidenciar os três termos que foram questionados

separadamente. No entanto, as respostas são muito parecidas e ao mesmo tempo contraditórias.

Um aspecto interessante foi o fato de nenhum técnico conseguir conceituar os termos arte, artístico e estético. Os entrevistados não conseguiram definir ou explicar o que seriam estes termos dentro da GA feminina. Mesmo com certa confusão nas idéias expostas, conseguiram apenas fazer algumas relações entre estes termos e algumas manifestações da modalidade.

QUADRO 10 - Resultados relacionados à manifestação da arte, artístico e estético na GA feminina

CATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTRO	UNIDADES DE CONTEXTO
Equipe	Linha de trabalho	TF1: (...) <i>as figuras dos elementos da sua equipe como forma única de trabalho, ter uma linha de trabalho.</i>
Séries	Linha corporal	TF1: <i>“É um apanhado do que você vai mostrar, primeiro linha corporal, (...)”</i> TF2: (...) <i>A gente trabalha primeiro a parte das poses acertando a linha dos braços, as posições das pernas, bem limpo, bem bonito, (...)”</i>
	Parte coreográfica	TF2: <i>A gente percebe se ela foi trabalhada ou se não foi trabalhada. Se ela tem a série suja, se ela tem acento, parte coreográfica não interessante, a criança não sabe mostrar a postura certa, principalmente nos dois aparelhos, né?</i> TF2: (...) <i>descobre o estilo de música que pode fazer uma série bonita. (...)”</i> TF3: <i>“As séries, as provas que elas têm que cumprir, tudo. É a onde a gente percebe isso.”</i>
	Imaginação, criatividade	TF2: (...) <i>depois desenvolver a parte da imaginação, quando a criança ela mesma inventa, as coisas, estilos, poses (...)”</i>

QUADRO 11 - Resultados relacionados à manifestação da arte, artístico e estético na GA masculina

CATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTRO	UNIDADES DE CONTEXTO
Estética	Movimento	TM1: <i>“Opa, a estética se manifesta no próprio movimento se eles é bem feito ou não.”</i>

Conjunto	Beleza e expressão	<p>TM1: <i>“Agora a arte, o artístico é o próprio esporte, o esporte já é artístico, é um esporte bonito, né? É bonito de se ver e é artístico por isso”</i></p> <p>TM3: <i>“a graciosidade no feminino principalmente. Eu mais vejo por esse lado.”</i></p> <p>TM3: <i>“Então a parte de expressão corporal durante a execução de um elemento”</i></p>
	Movimento correto	<p>TM2: <i>“Ah, quando tem competição que ele tem que apresentar que tem que fazer bem feito. Esta relacionado a esta parte.”</i></p> <p>TM3: <i>“ou depois que termina, a parte de postura...”</i></p>

Os entrevistados conseguiram apresentar como a arte, o artístico e o estético se manifestam na GA masculina.

Outro aspecto que nos chamou a atenção é que esperávamos que o termo estética seria mais comentado pelos técnicos, principalmente do setor masculino, pelo fato de existir a avaliação por erros estéticos no setor masculino e que acreditamos que deveria ser uma preocupação para os técnicos.

Essa reflexão não é uma afirmativa de que os técnicos não saibam o que é ou que não se preocupem com a estética, mas, acreditamos que este tema não esteja bem construído por cada técnico. Talvez, a relação dos técnicos do setor masculino com a estética seja construída mais por indução do que de fato pelo entendimento do tema. Os técnicos percebem que a postura, a expressão e a graciosidade (no setor feminino), fazem parte da arte, do artístico e do estético.

Essa dificuldade em responder sobre aspectos artísticos da modalidade se torna preocupante pelo fato destes aspectos comporem a avaliação e logo o treinamento de ginastas de GA.

Como a arte e a estética estão inseridas no contexto da GA feminina é importante que os técnicos da modalidade conheçam a definição e as características envolvidas nestes termos, pois assim eles conseguiriam entender e desenvolver os componentes artísticos da modalidade de maneira satisfatória.

Como discutido anteriormente, apesar de sabermos que apenas o que é belo nos agrada e que a beleza em qualquer manifestação é relativa, pois envolve o gosto de quem a assiste é importante que as pessoas que trabalham com qualquer atividade que envolva a arte a entenda.

Segundo Gombrich (1979) isso também vale para as expressões. Para o autor as pessoas tendem a preferir as expressões que consigam entender com maior facilidade e por esse motivo o autor sugere que devemos aprender a conhecer os métodos utilizados para então compreender os sentimentos expressos. E mais, alerta que não devemos desprezar manifestações que não nos cativem.

Muito embora, os técnicos mencionem exemplos e contextos em que a arte, o artístico e o estético possam estar presentes, é notório que não está claro para eles o que de fato seja a arte, o artístico e o estético dentro da modalidade, apesar de entenderem que estes aspectos pertencem a GA.

No caso dos técnicos do setor masculino, pudemos observar que, embora esclarecêssemos que as perguntas eram referentes ao setor no qual os mesmos trabalham, percebemos que, ao longo desta discussão, os técnicos se referiam muito ao setor feminino, talvez pela “facilidade” com que o tema é encontrado no setor feminino ou para mascarar a dificuldade de refletir sobre o tema no setor masculino, como aconteceu nesta categoria.

QUADRO 12 - Resultados relacionados a diferença entre os setores

CATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTRO	UNIDADES DE CONTEXTO
Feminino	Coreografia	<p>TM2: “Na verdade assim, essas questões da ginástica, esta parte de artístico tem mais no feminino que tem essas coisas... o balé, a dança, um sorriso no rosto, tem que ter mais postura.”</p> <p>TM2: “No feminino agente tem uma parte que só parte coreográfica, saltos ginásticos, a graça, a beleza da criança...”</p> <p>TM3: “no feminino é ainda mais forte pela parte de dança de coreografia.”</p>
	Expressividade	<p>TM3: “Então assim... no feminino ela pega mais do que no masculino... assim eu acredito que uns 25 %, 30% do feminino é essa parte de graciosidade, expressão corporal.”</p>
Masculino	Não tem	TM2: “No masculino não tem muito isso.”
	Capacidades	TM2: “...tem muita força, muita postura, mas agente não precisa parar para trabalhar só isso...”

Por vezes os técnicos mencionaram que as questões artísticas estão mais relacionadas ao setor feminino do que ao setor masculino e ainda relacionam os componentes artísticos com a graciosidade, beleza e a coreografia e/ ou dança. No entanto, entendemos que embora o termo artístico não esteja explicitado no Código de Pontuação Masculino, devemos considerar que a modalidade leva este termo no nome e que as deduções atribuídas às falhas estéticas, de postura, ritmo, composição da série e expressão estão relacionadas com os componentes artísticos da modalidade. Porém, infelizmente isso não é percebido e valorizado devidamente pelos técnicos.

O fato de relacionarem os termos graciosidade e beleza, que são geralmente utilizados com o gênero feminino, com a GA feminina, nos faz notar preconceito com relação às questões artísticas na modalidade. E fica evidente esta condição no setor masculino:

TM1: *“está questão dos meninos fazerem aula de balé... nosso país é um país super preconceituoso. Então quando você fala de ginástica, alguns pais já acham que é coisa de mulherzinha, agora você imagina se coloca o menino para fazer balé. Não vai ter mais ginasta.”*

TM3: *“Eu penso que o que influi mais é o preconceito que ainda tem antes dele entrar na ginástica, isso antes dele entrar na ginástica por que depois que ele entrou na ginástica não tem tanta coisa que o pessoal de fora diz que tem e acaba conhecendo mesmo. É a falta do conhecimento que gera uma tensão em relação a esta parte artística mesmo. Aqui dentro acredito que não tenha mesmo.”*

Concordamos com o último depoimento que o que gera tensão sobre o componente artístico é a falta de conhecimento, porém se alguns técnicos acreditam que as atividades artísticas, como o balé, por exemplo, podem auxiliar os ginastas do setor masculino, acreditamos que deva existir mais discussão acerca do tema nos ginásios também.

Apesar dos técnicos terem apresentado certa dificuldade em discutir os componentes artísticos dentro do setor masculino, um deles acredita que o peso do componente artístico na modalidade seja grande.

QUADRO 13 - Resultados relacionados ao peso da Preparação Artística na modalidade masculina

CATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTRO	UNIDADES DE CONTEXTO
Grande	Código	TM1: <i>“Ah, tem um peso muito grande por que o código de pontuação prevê um item...”</i>
Pequeno	Gênero	TM3: <i>“No masculino já é mais baixa, o pessoal é mais duro e tem que ser... não é muito de expressão então no masculino é bem menor.”</i>

Neste caso o técnico ainda relaciona o código de pontuação e afirma que:

TM1: *“(...) o árbitro vai dar muito mais ênfase a parte plástica do movimento, a parte técnica do movimento do que a dificuldade.”*

Outra perspectiva apontada por um técnico é que o peso dos componentes artísticos na GA masculina é pequeno por conta de uma característica relacionada ao gênero. O fato de no setor masculino não haver a avaliação da expressão “artística” e dos ginastas serem mais “duros” como menciona o técnico, não quer dizer que a estética e a arte não estejam presentes nestas manifestações corporais.

Entendemos que este tópico esteja relacionado à expressão corporal, o que deve ser desenvolvido nos treinos de GA masculina assim como no setor feminino.

Sobre o treinamento artístico, ficou evidente que os técnicos acreditam que este treinamento seja mais eficaz nas categorias de base:

TM1: *“Depende da fase de idade deles. Se for para os pequenos praticamente uns 60% do treinamento deles. É essa parte, técnica, artística, de postura. Mais de 50% do treino. O restante é aparelhos.”*

TM3: *“A preparação artística ajuda muito os atletas mais isso no meu ponto de vista tem que ser trabalhado principalmente no período de formação dos atletas (nas primeiras categorias pré-infantil e Infantil) depois disso é muito difícil trabalhar a parte artística.”*

Como mencionamos anteriormente na discussão do setor feminino, quanto mais cedo forem estimulados os componentes artísticos, com mais facilidade e experiência os ginastas poderão utilizar destes recursos para melhorarem suas

apresentações. No entanto, não podemos ignorar esta realidade, ou simplesmente, não desenvolver estes aspectos no alto rendimento.

É importante que haja o desenvolvimento de um trabalho artístico juntamente com o trabalho técnico da GA masculina. Deve-se aplicar ao menos um trabalho de manutenção do que foi adquirido, para que não se perca o que foi ganho bem como para utilizar os componentes artísticos como facilitadores durante os treinos e principalmente nos períodos pré-competitivos. Pudemos constatar que existem “critérios” que determinam se o técnico irá ou não desenvolver o treinamento artístico com seus ginastas:

QUADRO 14 - Resultados relacionados ao desenvolvimento da Preparação Artística na equipe masculina

CATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTRO	UNIDADES DE CONTEXTO
É necessário	É necessário	<p>TM1: “...Outros já são relaxados. Esse mais relaxado tem que ser trabalhado.”</p> <p>TM1: “Aí nós vamos entrar em dois... em uma bifurcação: algumas crianças já tem isso nelas, entendeu? Algumas crianças já vem treinadas, você fala para ela: faz esse movimento, ele faz perna estendida, ponta de pé, já é caprichoso de início...”</p> <p>TM2: “Depende, tem “moleque” que tem mais dificuldade, não sei se você entende, mas que tem a ginástica mais suja, é... que não tem tanta plástica no exercício, não tem amplitude, aí tem que trabalhar de uma forma diferenciada, entendeu? Pegar esta pessoa e trabalhar mais postura... para tentar suprir as dificuldades que ele tem.”</p>
Não	Não	TM1: “Não. Não tem.”

Os técnicos afirmam que existem crianças que participam dos treinos e que já possuem o movimento “bonito”, outros não. E é essa característica pessoal que determinaria se o ginasta precisa ou não de treinamento artístico para complementar o treino.

É compreensível esta realidade das equipes, até por conta das exigências da modalidade e da carga de treino, porém, não podemos concordar que pelo fato de um menino apresentar, por fatores genéticos ou ambientais, uma satisfatória consciência e expressão corporal, ritmo e postura que ele não necessite deste tipo

de treinamento para aperfeiçoar esta condição de “facilidade” própria ou ao menos para mantê-la.

Percebemos que o setor feminino recebe influências de outros países no que se refere ao treinamento artístico:

QUADRO 15 - Resultados referente a influência internacional na Preparação Artística na GA feminina

CATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTRO	UNIDADES DE CONTEXTO
Contexto da preparação artística	Outros países	TF1: “(...) a ginástica hoje no Brasil sofre influencia da Ucrânia, Rússia, do leste europeu por conta do Oleg que está a muito tempo no Brasil(...)” TF2: “(...) Na Rússia, da onde eu venho, esta parte é bem trabalhada (...)”
	Brasil	TF2: “(...) e agora no Brasil, a seleção está muito boa nesta parte(...)”

Os técnicos utilizam a Preparação Artística destes países como referência e buscam seguir as características dos treinos utilizados por eles. Os técnicos ainda percebem e acreditam que a preparação artística no Brasil estão sendo melhores desenvolvidas nos últimos anos, isso por conta de treinadores estrangeiros que atuam em nosso país atualmente.

Apesar destes depoimentos os técnicos detalharam como usualmente trabalham com a preparação artística com suas equipes:

QUADRO 16 - Resultados relacionados ao treino artístico no setor feminino

Unidades de registro	Unidades de Contexto		
	TF1	TF2	TF3
Há treino artístico?	“Desde o trabalho de base, a agente já tem um aquecimento próprio, dentro de cada parte da planejamento, de cada dia, com ritmo.”	“A gente trabalha em vários tipos de..., tipos de... em vários tipos de coreografias, coreografia de solo, de linha, de salto, de postura...”	Sim.
Atividades	“Essa sistemática de segunda-feira eu gosto do balé clássico que é o inicio da semana e dá a base para a	“Agente trabalha isso todo o dia, cada dia uma coisa diferente. Por exemplo, a gente trabalha barra uma vez por semana, uma	“Eu trabalho muito com postura, o aquecimento delas é todos os exercícios assim posturais e eu dou balé de barra, balé na trave que é um

	<i>semana toda, posições de pernas, braços, diafragma, lombar. Então eu gosto de segunda-feira balé clássico, terça-feira trabalho de flexibilidade com ritmo, quarta-feira agente faz um clássico mais voltado para a Ginástica Artística, na quinta-feira a parte de Dança e sexta Dança.</i>	<i>vez por semana aula de salto, uma ou duas vezes por semana balé de trave, uma, duas vezes por semana. Agente combina: balé de trave, balé de salto...</i>	<i>aparelho da ginástica, na barra, na trave e faço balé de solo também. Treino com aquecimento, coreografia, aí dentro do aquecimento tem a parte de postura, depois tem os balés e elas fazem quase 50 % do treino.</i>
Duração/ Frequencia	Todos os dias	<i>“40 minutos uma hora para um treino de todo dia.”</i>	<i>“Sim, são todos os dias.”</i>
Quem aplica?	<i>“Isso quem faz é o professor. Tem um...” “Específico de Dança. Um profissional completo formado em Dança.”</i>	O próprio técnico	<i>“Sim, a maioria das vezes fui eu sim. Quase sempre foi sim.”</i>
Esta forma é a ideal?	<i>“Não... acho que suficiente nunca é, né? Que... sempre o que agente pode buscar de melhor agente aplica..., agente aplica no trabalho. Mas não... acho que não esteja suficiente. Falta.” “Falta um algo mais. Não sei te explicar hoje o que poderia ser, mas pode ser... vídeos... atuar com vídeo, sabe?”</i>	<i>“O ideal nunca é. Agente tenta chegar no que é mas... que é para mim falta tempo de trabalhar a ginástica a parte artística mas envolve também muitos elementos de dificuldade que tem que ter muitas repetições, né? A ginástica tem várias partes. Não tem só a parte artística, tem a parte de dificuldade. Tem que ver e distribuir tempo. Eu como coreografa falta muito tempo, eu queria muito mais, mas as vezes agente não consegue trabalhar o tanto quanto agente queria.”</i>	<i>“Eu acho que para a GA é o ideal, ela é artística e tudo mas ela precisa ter acrobacias e tem os aparelhos, o salto, paralela que não existe tanto a parte artística, nem tem como julgar isso.”</i>
Problemas	<i>“Falta um algo mais. Não sei te</i>	TF2: <i>“ O ideal nunca é. A gente</i>	

	<i>explicar hoje o que poderia ser (...)"</i>	<i>tenta chegar no que é mas... que é para mim falta tempo de trabalhar a ginástica a parte artística mas envolve também muitos elementos de dificuldade que tem que ter muitas repetições, né? (...)"</i>	<i>* * *</i>
--	---	--	--------------

QUADRO 17 - Resultados relacionados ao treino artístico no setor masculino

Unidades de registro	Unidades de Contexto		
	TM1	TM2	TM3
Treino artístico sistematizado	<i>"Não."</i> <i>" Agente tem uma preparação física que é mais voltada para esta parte. Alguns exercícios físicos são voltados para esta parte."</i>	<i>"Não."</i>	<i>"Não. Eu faço muito pouco agora. Por que agente sempre trabalhou com uma professora de postura, quem trabalhava isso não era eu, era uma outra professora que era específica desta parte de postura era quase que um balé para os meninos e para as meninas também."</i>
Atividades	<i>"Que competem? O competitivo... Tem as fases de tempo no ano, né? Vamos dizer assim: os primeiros três, quatro meses do ano é para isso, limpeza do movimento, para preparação física mais postural, entendeu? E pelo menos aquela parte de polimento da competição. Por que</i>	<i>"Numa forma mais global, né? Quer dizer, agente trabalha por etapas, mas de forma mais global. Trabalho de força, parte de balé, perna estendida, ponta de pé, o que dá esta beleza ao exercício, entendeu? A plástica do exercício, agente não fala artístico</i>	<i>"...o pré competitivo, agora não tem, então..."</i> <i>"Eu faço no inicio junto com o aquecimento ou após o aquecimento antes da preparação física por que essa parte não tem muito desgaste."</i>
	<i>quando chega na competição, já está na limpeza do movimento, por que a parte de correção de elemento é a parte que eu pego mais no pé deles. Que</i>	<i>agente fala a plástica, a plástica do exercício. Se ele é bem executado, se tem mais amplitude, se tem altura mais é o</i>	

	<i>tem uma fase que você deixa o cara fazer a série, como ele agüenta para pegar resistência. Depois que ele pegou resistência da prova, agente começa polir a prova. Postura, estética...”</i>	<i>artístico, né. Então a pessoa fica com uma ginástica bonita.”</i>	
É o ideal?	<i>“Os meninos deveriam treinar..., fazer aula de balé...”</i> <i>“Não é. No Brasil não faz isso. Não é, mas é do país, ninguém faz isso. Tem que ser feito, mas não nesse nível aqui. Tem que ser feito no nível mais pequeno, para a criança ir se acostumando mas ninguém faz isso. Não é feito.”</i>	* * *	<i>“Agora, para eles que já estão no juvenil, infanto-juvenil para eles eu acredito que isso não seja o mais importante agora, não está fazendo tanta falta, existem outras prioridades que faltam ainda hoje no ginásio. Mas nas categorias mais novas, do pré-infantil, infantil a professora faz falta, mas eu não estou trabalhando isso agora.”</i>
Quem aplica?	O próprio técnico.	O próprio técnico.	O próprio técnico.
Se sente preparado?	<i>“Não. Não por que você não tem nada específico na ginástica para isso.”</i>	* * *	<i>“Não.”</i>

Nos depoimentos, identificamos dificuldade conceitual com relação ao treinamento artístico das ginastas, o que resulta em novos problemas que envolvem o treinamento artístico feminino.

No setor feminino, quando o técnico acredite que falte um *“algo a mais”*, nos mostra o quanto é importante que estes conceitos estejam claros para os técnicos, assim ficará mais fácil entender as séries e suas características estéticas bem como o que poderá melhorá-la.

Outro problema mencionado é a falta de tempo para dispensar para o treinamento artístico dentro da GA feminina. O fato de existirem muitas exigências do ponto de vista técnico e de movimentos acrobáticos e de dificuldade faz com que os técnicos utilizem maior parte do tempo para componentes que não estão diretamente ligados à preparação artística.

As equipes orientadas por todos os técnicos entrevistados desenvolvem treinamento artístico com suas ginastas. O que foi possível observar é que os treinos são muito semelhantes se compararmos as atividades utilizadas.

Apesar dos técnicos mencionarem a “dança e exercícios rítmicos e de postura”, as equipes praticam, com grande frequência, o balé clássico e as adaptações deste estilo de dança para a GA, como os exercícios de barra na trave, por exemplo.

A partir destas planificações, podemos afirmar que os técnicos, principalmente do setor femininos, entendem que este estilo de dança é aquele que mais pode auxiliar as ginastas no que se refere aos componentes estéticos e artísticos da modalidade. Como mostra o depoimento a seguir:

F1: *“O balé clássico ele prepara para esta questão que eu te falei, a questão... a dança é a expressão corporal e a coreografia em cima de cada estrutura de cada menina, a mais tímida, a mais tranqüila, a mais espreitada fazer algo mais engraadinha, né ?”*

Apesar dos técnicos comentarem a melhora no desempenho artístico das ginastas em nosso país, quando comparamos algumas séries de solo ou trave de ginastas brasileiras com aquelas de ginastas de países como a Rússia ou Romênia, por exemplo, observamos que as estrangeiras apresentam um desenvolvimento rítmico e expressivo maior, o que enriquece e atribui um diferencial para a série e que talvez tenha relação com os melhores julgamentos.

Como pudemos observar, entre os três clubes, existem duas formas distintas de desenvolver a preparação artística. Uma delas é a preparação artística que é desenvolvida e aplicada pelo próprio técnico e a outra é desenvolvida e aplicada por um profissional específico da área da Dança.

Analisando apenas estas duas formas, podemos afirmar que a segunda é mais eficaz, pois apresentam:

- economia de tempo;
- visão artística ampliada;
- “especificidade” nos movimentos artísticos e criativos.

Com um profissional especializado é possível termos uma economia de tempo, o que gera qualidade no treinamento técnico e artístico das ginastas. Isso

ocorre, pois enquanto o técnico estiver com uma ou um grupo de ginastas que estejam precisando de auxílio nas questões técnicas, outra ginasta ou um grupo de ginastas estarão sob a supervisão deste profissional melhorando aspectos da parte artística e limpeza de movimentos.

Em muitas situações, até por conta das exigências de elementos e de suas pontuações da arbitragem em GA, os técnicos durante os treinos e montagem das séries priorizam e algumas vezes se condicionam a utilizar apenas movimentos gímnicos ou sempre os mesmos movimentos “artísticos”.

Com um profissional que possui conhecimentos em outra área podemos ampliar esta visão artística das séries e treinos e também auxiliar na inovação de movimentos, já que pensamos que este profissional não está condicionado aos mesmos movimentos.

No caso de se trabalhar com um profissional específico da dança, o técnico não precisa “se preocupar” diretamente com as questões artísticas, apenas trabalhar em conjunto com este profissional para que as séries e os movimentos artísticos propostos estejam de acordo com a GA competitiva bem como com as características do clube.

Apesar de julgarmos mais conveniente termos um profissional da dança auxiliando na Preparação Artística do que ser o próprio técnico, é importante evidenciarmos que em nossa visão esta condição ainda não é a ideal.

Entendemos que um profissional de dança possui conhecimentos específicos da dança e na maioria dos casos de alguma dança específica. O ideal é que houvesse um profissional com as características:

- Ser um profissional de Educação Física;
- Possuir conhecimentos das características artísticas e estéticas;
- Possuir conhecimentos de Dança incluindo o balé clássico;
- Possuir conhecimentos básicos da GA competitiva;
- Possuir conhecimentos da Ginástica para Todos;
- Possuir conhecimentos referente as artes cênicas.

Estas características são importantes, pois esse profissional teria como principal ofício entender sobre o componente artístico na GA, as características da equipe que trabalha e os conhecimentos básicos dos movimentos corporais artísticos que contribuem com a modalidade.

Por isso, para atender de maneira satisfatória as exigências artísticas da modalidade é importante que o profissional que trabalha com a preparação artística tenha conhecimentos na área do Esporte, devido às exigências da modalidade GA competitiva e manifestações corporais que podem contribuir nesta preparação e ainda conhecimentos artísticos, tanto conceituais como práticos de outras manifestações artísticas.

Infelizmente, na maioria das vezes, por questões financeiras, os clubes não conseguem manter um profissional para desenvolver este tipo de preparação. Como pudemos perceber, dois clubes não possuem um profissional específico para este tipo de preparação.

Apenas um dos técnicos entrevistados relata que se sente preparado para desenvolver os componentes artísticos com suas ginastas. É conveniente ressaltar que este sujeito não é natural do Brasil, o que mostra que este técnico trouxe esta preocupação com a parte artística de seu país de origem. Este tipo de preocupação faz parte da cultura esportiva do país, o que implica também na formação profissional.

F2: “ (...) *Na Rússia, da onde eu venho, esta parte é bem trabalhada e agora no Brasil, a seleção está muito boa nesta parte (...)*”

Já os outros dois entrevistados possuem uma outra referência. O primeiro como já foi mencionado, trabalha juntamente com um professor de dança. O técnico afirma:

F1: “(...) *Eu vejo que tem alguma coisa sem afinação.*(...)”

O fato deste técnico não perceber exatamente o que não está bom, pode nos mostrar o quanto os técnicos são frágeis com relação ao componente artístico na GA.

E ainda, o técnico F3 afirma:

F3: “(...) *preparada, é claro que a gente sempre quer saber mais, não que eu esteja satisfeita.*”

É possível afirmar que de forma indireta os técnicos percebem que há alguma carência artística nas séries, referente a falta de ritmo e de postura, além disso um técnico entrevistado acredita que o componente artístico é o que deixa a GA mais feminina, o que não é verdade já que componentes estéticos também estão presentes no setor masculino.

Em relação ao setor masculino, uma das equipes já desenvolveu a preparação artística juntamente com uma professora de postura, quando mais novos, o que foi muito importante do ponto de vista do técnico. Atualmente, ele entende que este treinamento não faça tanta falta pois os ginastas tiveram uma base satisfatória no início da carreira.

Os três técnicos entrevistados evidenciaram que não desenvolvem nenhum tipo de preparação artística sistematizada com seus ginastas, no entanto, notamos que de forma pouco organizada utilizam ferramentas da Preparação Artística em seus treinos.

Os componentes artísticos costumam ser desenvolvidos pelos técnicos juntamente com a preparação física e/ou junto com aquecimento, para que não haja um desgaste que comprometa o restante do treino. Além disso, existe a ênfase no treinamento dos componentes artísticos nos períodos que antecedem as competições no intuito de corrigir a postura, erros estéticos e expressivos.

Acreditamos que se a preparação artística no setor masculino fosse sistematizada, as equipes teriam mais facilidade na composição das séries e na limpeza dos movimentos. O desenvolvimento simultâneo dos componentes artísticos e técnicos propicia:

- **Economia de tempo:** pois a “limpeza” dos movimentos possivelmente acontecerá de forma mais rápida e irá ser estimulada juntamente com o aprendizado de um novo movimento ou uma nova série.

- **Qualidade dos movimentos:** pelo fato dos ginastas adquirirem maior percepção artística, eles irão executar mais vezes os movimentos buscando aumentar o grau técnico e estético, assim como exige o código de pontuação.

- **Menor desgaste do técnico e dos ginastas:** conforme a competição se aproxima, técnicos e ginastas estão no auge do desgaste físico e psicológico. O processo de “limpeza” de movimentos é muito cansativo tanto para o técnico quanto para o ginasta e geralmente acontece próximo a competição. Possivelmente, com a preparação artística simultânea ao treinamento, os impactos deste processo sejam

reduzidos, pois as melhorias posturais, expressivas e estéticas teriam sido feitas ao longo do processo.

É importante esclarecer que não pretendemos aqui, fazer com que a preparação artística seja mais visada nos treinos do que a parte técnica, porém acreditamos que de maneira adequada e ponderada a preparação artística o que pode resultar na melhoria na performance geral.

Para um dos técnicos entrevistados o ideal para um treinamento artístico seria que os meninos participassem de aulas de balé, porém como já foi mencionado nesta pesquisa o preconceito em nosso país impede que o faça.

Na nossa perspectiva, o balé não deve ser o único meio para conseguirmos as melhorias estéticas, mas um conjunto de atividades com características artísticas que sejam elaboradas para atender as características e necessidades dos ginastas. Possivelmente, utilizando a estratégia de diversificar o treinamento artístico com diversas manifestações artísticas, que não somente o balé, podemos diminuir o preconceito com relação ao treinamento artístico no setor masculino.

As atividades artísticas propostas para as equipes entrevistadas são desenvolvidas pelos próprios técnicos, ou seja, não possuem nenhum profissional que dê suporte para este tipo de preparação.

Além disso, os técnicos mencionam que não se sentem preparados para desenvolver este componente, embora desenvolvam de maneira tímida. Este fato pode ocorrer por conta de falhas na formação e pela escassez de informações sobre o referido tema.

Podemos notar certo despreparo por parte dos técnicos no que se refere a Preparação Artística e ao componente artístico da modalidade. Porém, é imprescindível lembrar que são pouquíssimos os cursos e pesquisas que abordam o componente artístico da GA e quando ocorrem apresentam apenas a dança, em especial o balé, como atividade que pode promover benefícios artísticos para a modalidade. Não existe a reflexão sobre as características estéticas e artísticas das séries e as possíveis manifestações artísticas que podem contribuir com a modalidade.

Apesar deste aparente despreparo, foram mencionadas duas sugestões interessantes referente a preparação artística e que não são utilizadas pelos técnicos:

F2: “(...) Os técnicos e escolinhas, técnicos que trabalham com crianças tem que trabalhar bem mais esta parte, dar mais estímulos.”

F1: “(...) Mostrar uma ginasta que sabe dançar, que sabe se expressar ou de repente fazer alguns programas culturais com as ginastas, sabe? Ir assistir apresentações de balé, assistir balé contemporâneo, um balé clássico, um balé moderno (...)”

Uma delas é a utilização da Preparação Artística desde as categorias de base. NANNI (1995) sugere que as atividades artísticas sejam incluídas nas atividades de crianças a partir de 10 anos de idade, porém na GA competitiva não podemos considerar esta idade, pois, as ginastas iniciam muito jovens na modalidade. O estímulo artístico antes desta idade não traz nenhum prejuízo e é importante para que, futuramente, a ginasta consiga entender e sentir com maior facilidade o ritmo e os movimentos corporais.

Outra sugestão de melhoria para o treinamento artístico é a implementação de atividades culturais para que as ginastas apreciem e se familiarizem com criações artísticas. Porém, do nosso ponto de vista, embora essa proposta seja de grande valia, é importante que se desenvolva o olhar crítico da ginasta sobre aquela apresentação para que esta não assista simplesmente por assistir e sim que este espetáculo traga benefícios para a prática na modalidade. É importante que as ginastas e os técnicos apreciem esses tipos de espetáculos observando o ritmo, os movimentos, a expressão corporal do artista para que possa refletir o que poderia ser transferido para a GA ou ainda para simplesmente estimular a criatividade.

QUADRO 18 - Resultados relacionados ao conteúdo de apoio

CATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTRO	UNIDADES DE CONTEXTO
Curso Técnico	Não existe	TM1: “Você não tem curso para fazer isso, nada para poder fazer isso e dá diferença no ginasta. Não existe um curso técnico de ginástica para isso, quando tem um curso técnico ele fala só a parte técnica de elementos.”
Código de pontuação	Técnica	TM1: “É o que eu falei para você, o código diz que a dificuldade nunca pode sobrepor a parte técnica.”

Foram evidenciadas queixas de um técnico do setor masculino, no que se refere ao conteúdo de apoio. O mesmo relata que apesar do Código de Pontuação mencionar que a técnica não pode sobrepor a plasticidade, não existem cursos ou materiais de apoio para ele se orientarem.

QUADRO 19 - Resultados referentes a visão dos técnicos femininos sobre a arbitragem

CATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTRO	UNIDADES DE CONTEXTO
Valor	Valor pequeno	TF2: “ <i>Eu acho que... você vai olhar em termos de arbitragem, como avalia esta parte o valor não é muito grande. Na verdade é... não é muita diferença no final</i> ”.
	Arbitragem percebe a parte artística	TF1: “ (...) <i>Então a parte artística existe, todo mundo sabe que ela está ali, mas não tem um critério muito prático.</i> ”
Provas	Solo e trave	TF3: “ <i>O árbitro não tem como julgar isso no salto ou na paralela.No solo e na trave (...) mais ou menos 50% tem que dançar, tem que ter acrobacia, tem que ter elementos ginásticos e tudo isso conta na apresentação artística (...).</i> ”

Uma questão interessante sobre a arbitragem é que os técnicos só conseguem visualizar os benefícios da Preparação Artística apenas nas provas de solo e trave femininos. É importante ressaltar que nas provas de trave e solo a avaliação artística é mais evidente, porém, como vimos no capítulo 3.2.2 a preparação artística pode auxiliar a evitar deduções referentes ao ritmo de movimentos, postura, flexibilidade e agilidade necessários nas provas de salto e paralelas assimétricas.

Apesar de um técnico acreditar que a arbitragem percebe o valor da parte artística nas apresentações das séries, outro aspecto evidenciado nas entrevistas é que é atribuído um valor pequeno a parte artística da série.

É importante mencionar que esta é uma idéia deturpada da avaliação, pois, na prova de solo, as deduções referentes a parte artística podem chegar a 1.40 pontos e, na trave, até 0.80. Esses valores são altos se analisarmos que, atualmente, existe

o alto grau técnico nos movimentos das ginastas e esses valores podem ser determinantes na classificação geral na competição.

De maneira geral entendemos que, se agregássemos atividades, além do balé, à preparação artística como atividades das artes cênicas e rítmicas, diversos estilos de danças e a exploração das manifestações corporais e gímnicas através da Ginástica para Todos conseguiríamos enriquecer e melhorar ainda mais as séries de GA femininas do ponto de vista artístico e estético, de acordo com a necessidade da equipe e da ginasta.

Para o desenvolvimento de uma Preparação Artística eficiente e coerente é preciso entender os conceitos envolvidos nos componentes artísticos para, a partir de então, analisarmos as características da equipe e assim, poder elaborar de maneira satisfatória a Preparação Artística. É importante detectarmos as carências artísticas da equipe para definir quais atividades irão compor esta preparação bem como sua duração e não somente utilizar estratégias iguais ou muito semelhantes a de outras equipes.

5.2 Árbitros do setor feminino e masculino

As categorias formuladas a partir das respostas dos árbitros de GA, tanto do setor feminino quanto do setor masculino, estão relacionados a: a definição dos termos arte, artístico e estético, as diferenças levantadas entre os setores, a manifestação da preparação artística na GA feminina e masculina, o peso da preparação artística na GA feminina e masculina e a avaliação e/ou arbitragem.

Assim como os técnicos, os árbitros apresentaram grande dificuldade em expressar o entendimento sobre os componentes artísticos da modalidade, o que nos mostra que existe falha na formação, assim como a falta de informação e de conhecimento, o que reforça a necessidade de discussões sobre o referido tema.

Além dos árbitros entenderem que estes termos formam um conjunto, eles ainda apontaram alguns exemplos de onde podemos observar estes termos na modalidade, na intenção de explicá-la, conforme constatamos nos depoimentos de árbitros dos setores femininos e masculinos respectivamente:

QUADRO 20 - Resultados relacionados à definição dos termos de arte, artístico e estético dos árbitros do setor feminino

CATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTRO	UNIDADES DE CONTEXTO
Sinônimos	São um conjunto	<p>AF1: <i>"É muito difícil, né? Por que uma coisa está ligada na outra."</i></p> <p>AF1: <i>"(...) tem que ser graciosa e tudo isso engloba as três."</i></p> <p>AF2: <i>"(...) eu vejo como uma coisa só."</i></p> <p>AF2: <i>"na verdade eu acho que é um conjunto: o artístico e o estético fazendo parte da arte, do esporte."</i></p> <p>AF3: <i>"Falando assim de arte eu dentro da ginástica eu vejo como um todo (...)"</i></p>
Estético	Visual	<p>AF3: <i>"a gente avalia a estética dos movimentos, isso é... visual"</i></p>
Características da série	Expressão/ sentimento	<p>AF1: <i>"Por isso chama ginástica artística, tem a parte de coreografia, a parte de expressão, a combinação da série coma música"</i></p> <p>AF2: <i>"(...) a música e os movimentos conseguem ter uma ligação, uma vida e te expressar um sentimento(...)"</i></p> <p>AF2: <i>"(...) o artístico a gente julga e tem tudo haver com expressão, a parte realmente estética está ali(...)"</i></p> <p>AF3: <i>"para que a originalidade e a expressão da ginasta sejam explorados durante as apresentações"</i></p>
	Representação da música	<p>AF1: <i>"(...) meio que representar a música(...)"</i></p> <p>AF1: <i>"(...) estar dentro da música(...)"</i></p> <p>AF2: <i>"(...) a música e os movimentos conseguem ter uma ligação, uma vida e te expressar um sentimento(...)"</i></p>
	Coreografia/ dança	<p>AF1: <i>"ela perde ponto da parte artística por conta disso, por que não está combinando ..., essa parte clássica, de balé, essa plástica que precisa ter (...)"</i></p> <p>AF1: <i>"Por isso chama ginástica artística, tem a parte de coreografia, a parte de expressão, a combinação da série coma música"</i></p> <p>AF3: <i>"coreografia do solo que não vai bem"</i></p>

		<i>com determinada parte da música(...)"</i>
	Originalidade	<i>AF3: "para que a originalidade e a expressão da ginasta sejam explorados durante as apresentações"</i>
Características da ginasta	Postura	<i>AF1: "A criança ela tem que ter postura (...)"</i> <i>AF3: "O conteúdo postural da série é o que vai dar também o... o crédito para a série da menina,"</i>
Espectador	Gosto pessoal	<i>AF2: "- Aí eu gostei da série! ou aí que série fraquinha! (...)"</i>

Quadro 21 - Resultados relacionados à definição dos termos arte, artístico e estético dos árbitros do setor masculino

CATEGORIAS	UNIDADE DE REGISTRO	UNIDADE DE CONTEXTO
Sinônimos	São um conjunto	<i>AM1: "Acho até que pode ser um pouco de cada um, a junção dos três acaba até formando a Ginástica Artística, né? Um está bem ligado ao outro, né?"</i>
	É visual	<i>AM3: "que componha a série, que tenha uma parte mais visual, quando você olhe e você vê –poxa o cara fez uma transição bem feita..."</i>
Não sei	Não sei	<i>AM3: "Olha eu não saberia dizer te dizer exatamente a diferença."</i>
Artístico	Expressão/ beleza	<i>AM2: "Artístico eu entendo que seja fazer os movimentos... com uma expressão, com uma beleza, né? E aparentando o mínimo de esforço."</i>
Estético	Execução/ postura	<i>AM1: "A estética...a própria estética que faz parte e está relacionada a própria arbitragem, né? Um atleta, um ginasta que executa com uma estética melhor, ele tem menos desconto, né?"</i> <i>AM2: "a estética seria as correções posturais."</i> <i>AM3: "A preparação artística tem muito haver com a estética é..., a partir do momento que... quando você trabalha muito a dança, as partes coreográficas, você vai estar procurando os movimentos mais refinados, as linhas do corpo isso em geral nas séries de ginástica é muito importante."</i> <i>AM3: "A gente fala em estética e o que me vem a cabeça é a parte da correção técnica, então a falta de uma ponta de pé,..."</i>

Pudemos observar que os árbitros não sabem ou não conseguem definir os termos com objetividade e com distinção. E mais, ao mesmo tempo em que afirmam não saber ou que os termos são sinônimos os explicam de formas diferentes.

Através das respostas dos árbitros entrevistados, constatamos que eles percebem características que podem enriquecer o conteúdo artístico das séries. Porém, essa percepção é algo similar ao de pessoas do senso comum e está relacionada ao gosto pessoal do árbitro. Estes aspectos são visualmente percebidos pelos árbitros, mas, o que nos transparece é que não há nenhum tipo de análise mais profunda do que está sendo avaliado.

Embora os árbitros tenham buscado definir e exemplificar o que para eles e para a modalidade seria a arte, o artístico e o estético, as idéias ainda são bastante confusas. De fato, os itens que os árbitros mencionaram na tentativa de definir estes termos estão presentes no contexto artístico da modalidade, porém, acreditamos que seja perigoso os árbitros da modalidade não terem estes conceitos definidos.

Levando em consideração os itens dos Códigos de Pontuação em Ginástica Feminino e Masculino (ciclo 2009-2012) respectivamente:

“Ter sua atuação avaliada de forma correta, justa e de acordo com as especificações do CÓDIGO de PONTUAÇÃO.” (p. 3)

“Ter sua performance julgada de maneira justa e correta de acordo com o que é estipulado no CP.” (p.4)

Acreditamos que, se os árbitros avaliam os componentes artísticos da modalidade, estes conceitos e componentes deveriam estar bem definidos para que eles consigam fazer uma avaliação justa dos ginastas.

O termo artístico foi muito relacionado ao termo estético, provavelmente, pelo fato destes estarem presentes no Código de Pontuação Masculino.

Em ambos os Códigos, não há uma definição do termo “estética” e os árbitros não definiram com clareza o que este seria na GA. Ao mesmo tempo em que um árbitro utiliza o termo estético sem defini-lo, outro relaciona a estética com as correções técnicas. Porém, esta segunda resposta não faz sentido se considerarmos o item 1 do artigo 21 do Código de Pontuação Masculino (ciclo 2009-2012) p. 20:

“A Banca E é responsável por avaliar todos os aspectos técnicos e estéticos das séries bem como sua expectativa de construção e composição (expectativas de montagem das séries) em todos os aparelhos. Em cada caso a Banca E avalia se os elementos foram executados e finalizados com perfeição.”

O Código de Pontuação da GA menciona e trata de forma distinta os erros estéticos e técnicos. Mas, na visão dos árbitros, esta distinção parece não estar evidente.

Um dos árbitros afirma que a estética são correções posturais, porém, se analisarmos o Código de Pontuação veremos que correções posturais são deduções por falhas na postura e as deduções por falhas estéticas, são mencionadas em um trecho diferente, a saber:

Artigo 22

“2. Todos os desvios da correta execução são considerados erros técnicos ou de execução e devem ser devidamente penalizados pelos árbitros. A amplitude do desconto por erro, pequeno, médio ou grande é determinada pelo desvio em relação à execução correta. A mesma dedução deverá ser aplicada cada vez com a mesma severidade para o mesmo grau de flexão de braços, pernas e do corpo.

3. As seguintes deduções serão aplicadas para cada e qualquer desvios técnicos e de postura em relação à perfeita execução.” (...)
(P. 21)

Artigo 23

i. “O ginasta não pode apresentar elementos com as pernas afastadas que não tenham um propósito específico ou que interfira no aspecto estético da apresentação.” (P. 25)

Porém, não foi encontrado nada que evidencie se o Código entende falhas posturais e estéticas como sinônimos, o que pode gerar conflitos para os árbitros no momento de avaliar uma série. Ora, nos dois trechos citados anteriormente, o Código

de Pontuação exemplifica com posições do corpo, mas não fica claro qual é a diferença entre um erro postural ou o que sejam os aspectos estéticos, fato que pode gerar desentendimentos sobre este conteúdo.

Fica evidente que quando os árbitros mencionam a estética juntamente com a coreografia e linhas do corpo estão tratando, também, das falhas posturais apontadas no Código de Pontuação.

Principalmente no setor masculino, é importante que haja reflexão sobre os componentes artísticos da modalidade, pois parece que o fato do termo *artístico* não aparecer no código de pontuação masculino faz com que este termo seja “ignorado”. Neste caso ainda, reafirmamos que pelo fato do termo “*artística*” compor a nomenclatura da GA deveria ter mais atenção para os componentes artísticos que fazem parte da modalidade mesmo no setor masculino.

Embora os árbitros não saibam com precisão o que seja a arte, o artístico e o estético na modalidade GA masculina, eles afirmam perceber estes aspectos no setor feminino, acreditamos que isso ocorra pelo fato do termo *apresentação artística* estar explicitado no Código de Pontuação Feminino.

QUADRO 22 - Resultados relacionados as diferenças levantadas entre os setores pelos árbitros do setor masculino

CATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTRO	UNIDADES DE CONTEXTO
Feminino	Coreografia	AM1: “Na feminina é... envolve o balé, toda parte de coreografia... é... é mais fácil para o feminino também, né?”
	Parte artística	AM1: “Se eu não me engano, no feminino tem desconto de parte artística...”
Masculino	Não tem	AM1: “No masculino não tem tantas opções, né? De parte coreográfica assim.” AM1: “no masculino não isso (desconto de parte artística) não existe.”
	Estética diferente	AM2: “diferente do feminino, no masculino, em geral, tem mais força para fazer os elementos então não vai faltar altura, mas pode faltar na técnica mesmo e já existem os descontos que não se chamam estéticos mas são a mesma coisa.” AM2: “Eu acho que embutida dentro da preparação técnica, apesar dela não aparecer tanto quanto no feminino, ele aparece no código, né?”

Muitas pessoas conseguem relacionar as questões artísticas com a feminilidade e a beleza, o que também pode ocorrer devido a nossa característica cultural que mantém certo preconceito com relação a algumas atividades artísticas e esportivas. Talvez esse seja outro motivo pelo qual os árbitros tenham mencionado que os componentes artísticos estão mais presentes no setor feminino.

Todos estes desencontros ou desentendimentos sobre os conceitos que permeiam o componente artístico da modalidade podem estar diretamente ligadas ao curso de arbitragem e aos Códigos de Pontuação em GA Feminina e Masculina. Entendemos que o curso e os Códigos devem ser o mais claro e objetivo possível para que não haja injustiças durante uma competição, pois sabemos que as deduções sobre este componente podem fazer com que uma ginasta perca uma medalha.

Sobre o curso, dois árbitros do setor feminino acreditam que o mesmo esclarece e estimula a avaliação artística e ainda que foram criados parâmetros para avaliar a parte artística no ciclo atual o que tornaria esta avaliação mais objetiva. No entanto, não mencionam quais seriam estes parâmetros.

Porém, um árbitro menciona que a forma de avaliação do componente artístico não é clara e que nos cursos deveriam ser utilizados exemplos de séries com uma parte artística satisfatória para que eles pudessem visualizar e entender essas questões artísticas.

QUADRO 23 - Resultados relacionados ao curso de arbitragem em GA feminina

CATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTRO	UNIDADES DE CONTEXTO
Objetividade	Avaliação artística	<p>AF3: “<i>eu acho que o curso esclarece sim o que eles querem de acordo com os tópicos de avaliação artística.</i>”</p> <p>AF2: “<i>o que eles poderiam fazer para criar estes parâmetros foram criados sim (...)</i>”</p> <p>AF3: “<i>existem os critérios objetivos do código de pontuação em relação ao que agente tem que avaliar ou não.</i>”</p> <p>AF2: “<i>o que eles poderiam fazer para criar estes parâmetros foram criados sim (...)</i>”</p> <p>AF3: “<i>existem os critérios objetivos do código de pontuação em relação ao que agente tem que avaliar ou não.</i>”</p>

	Estimulo a avaliação	<p>AF2: <i>“nós árbitros somos muito incentivados para que nós avaliássemos realmente a parte artística.”</i></p> <p>AF3: <i>“O curso de arbitragem ele estimula muito essa interpretação artística, mas...”</i></p>
Subjetividade	Não é claro	<p>AF1: (...) <i>às vezes você vai no curso de arbitragem eles falam mais a parte técnica, quanto desconta se a perna estiver flexionada, quanto desconta se... Eles não falam da parte artística, uma coisa assim certinha, a parte artística não é assim.</i></p>
	Exemplos	<p>AF1: <i>“Acho que deveria ter isso no curso também, séries diferenciando, séries diferentes de parte artística mesmo.”</i></p>

O artigo 5.2 Componentes da Avaliação do Código de Pontuação Feminino (ciclo 2009-2012, p. 18) faz a seguinte menção à avaliação artística:

“A filosofia atual com relação ao conteúdo e combinações das séries, estimula a dar ênfase no domínio da dança coreografia acrobática, apresentadas artisticamente.”

Embora neste artigo os árbitros estejam sendo motivados a, de fato realizarem a avaliação artística, a escrita deixa uma lacuna sobre o que é artística ou artisticamente para o Código de Pontuação. E mais, não existe esse tipo de explicação ao longo do Código de Pontuação Feminino (2009-2012). E devemos considerar também as respostas dos árbitros entrevistados nesta pesquisa que afirmam que:

AF3: *“o que tem no código é o que é passado pela pessoa que coordena o curso.”*

Se o que é abordado nos cursos de arbitragem é o conteúdo do código, podemos notar que esta reflexão acerca do componente artístico da modalidade não é tratada em nenhum momento. Além disso, é importante considerar a resposta:

AF1: (...) *às vezes você vai no curso de arbitragem eles falam mais a parte técnica, quanto desconta se a perna estiver flexionada, quanto desconta se... Eles*

não falam da parte artística, uma coisa assim certinha, a parte artística não é assim.

Assim como nós, alguns árbitros afirmam que os componentes artísticos não possuem um padrão ou uma regra de avaliação. É importante esclarecer que concordamos com Gombrich (1979) que cita que as pessoas têm sensações diferentes com relação às manifestações artísticas, porém isso não pode ser apenas uma constatação “visual”. Para avaliarmos este componente devemos entender o método e o que está sendo apresentado. E é por isso que acreditamos que estas questões poderiam ser discutidas nos cursos e evidenciadas no Código de Pontuação ou em algum material de apoio aos árbitros e técnicos.

Apesar desses comentários e reflexões, ainda existem árbitros que acreditam que os tópicos contidos no Código de Pontuação Feminino (ciclo 2009-2012) são objetivos, conforme os depoimentos a seguir:

AF3: “existem os critérios objetivos do código de pontuação em relação ao que a gente tem que avaliar ou não.”

AF3: “eu acho que o curso esclarece sim o que eles querem de acordo com os tópicos de avaliação artística.”

É possível termos a compreensão de que o Código de Pontuação Feminino (ciclo 2009-2012) é objetivo e de fato está mais objetivo, pois, aponta algumas deduções específicas sobre a apresentação artística na trave e no solo, como por exemplo:

- Variação de ritmo insuficiente;
- Fraca integração música e movimento;
- Música de fundo;
- Falta de sincronização do movimento com o ritmo da música;
- Insegurança na execução;
- Expressão artística insuficiente:
 - Falta de criatividade e originalidade na composição;
 - Falta de habilidade em expressar o tema da música;

- Gestos mímicos não apropriados.

Porém, alguns tópicos são pouco explicativos, por exemplo, no item expressão artística insuficiente a falta de discussão e entendimento do componente artístico poderá fazer com que ocorram diferenças, divergências ou discrepâncias na avaliação da mesma série. Algumas dúvidas podem ser levantadas a partir destes tópicos:

- O que caracteriza a criatividade e a originalidade de forma que não seja um gesto mímico não apropriado?
- O que faz com que um gesto mímico seja não apropriado?
- Quanto é uma variação rítmica ou uma expressão artística insuficiente?

Estas questões podem dificultar no momento da avaliação e necessitam ser discutidas. Sobre os aspectos artísticos, a única e breve explicação apresentada no Código de Pontuação Feminino (ciclo 2009-2012) é sobre o ritmo, no artigo 5.3.4 (p.21), e está se referindo às ligações diretas:

- *É a sensação de ritmo contínuo, dinâmico sem perda de velocidade ou interrupção entre aterrissagem e repulsão.*
- *Sem efeito de repulsão, como é visto quando são apresentados 2 elementos acrobáticos na mesma direção – para frente ou para trás.*

Apesar do atual ciclo do Código de Pontuação Feminino e Masculino (ciclo 2009-2012) ser um pouco mais objetivo do que os anteriores, e é possível perceber esta preocupação no artigo 1 do Código de Pontuação Masculino (ciclo 2009-2012) p. 4:

“O principal propósito do Código de Pontuação (CP) é garantir um julgamento objetivo da série da ginástica masculina em todos os níveis de competição regional, nacional e internacional.”

É notável que os próprios árbitros percebem a subjetividade do tema, como mostram os Quadros 24 e 25:

QUADRO 24 - Resultados relacionados à avaliação e/ou arbitragem do componente artístico pelos árbitros do setor feminino

CATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTRO	UNIDADES DE CONTEXTO
Subjetividade	É subjetivo	<p>AF1: “<i>não é muito claro assim. Às vezes eu acho que aquela ginasta não foi tão bem na parte artística mas outra pode achar bonita o que ela fez. Então eu acho que é uma coisa bem subjetiva.</i>”</p> <p>AF2: “<i>Mas não tem como, sempre vai ser um pouco subjetivo, esse artístico, o gostei ou não gostei.</i>”</p>
	Gosto pessoal	<p>AF1: “<i>Então depende muito do árbitro (...)</i>” AF1: “<i>As vezes eu acho que aquela ginasta não foi bem na parte artística mas outra pode achar bonito o que ela fez. Então eu acho que a coisa é bem subjetiva. (...) Então depende muito do árbitro.</i>”</p> <p>AF2: “<i>(...) existe um sentimento que você tem em relação aquela série, por mais que esteja mais objetivo, existe uma subjetividade grande ainda(...). Você fala “ai eu gostei dessa série” ou “ai que série fraquinha” (...)</i>”</p>
		<p>AF3: “<i>é como se fosse uma música que soa bem aos ouvidos e aí quando você visualiza algo que parece incoerente, feio, que não agrada, você percebe que não tem a</i></p>
	Critérios objetivos	<p>AF2: “<i>antes ele era mais subjetivo, hoje ele é um pouco mais objetivo.</i>”</p> <p>AF3: “<i>existem os critérios objetivos do código de pontuação em relação ao que agente tem que avaliar ou não</i>”</p>

	Experiência	<p>AF1: <i>“Se é difícil para nós, imagina para quem esta começando agora, né?”</i></p> <p>AF2: <i>“nós como árbitros temos essa vivência de anos arbitrando e avaliando e você consegue através disso (...) mas não é uma coisa pela qual eu seja especialista é realmente pela vivência mesmo para que a gente consiga ver tudo isso”</i></p>
Provas	Espetáculo	AF1: <i>“Na ginástica não é só acrobacia, tem o espetáculo.”</i>
	Solo e na trave	AF2: <i>“(...) é dentro das séries de solo e de trave que a gente consegue avaliar este componente artístico (...)”</i>
	Movimentos	AF3: <i>“É... por exemplo, um movimento na... coreografia do solo que não vai bem com determinada parte da música, é algo que tem no código e você percebe sabendo ou não que tem no código de pontuação,”</i>

QUADRO 25 - Resultados relacionados a avaliação e/ou arbitragem do componente artístico pelos árbitros da setor masculino

CATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTRO	UNIDADES DE CONTEXTO
Subjetividade	Subjetivo	<p>AM2: <i>“Pode ser uma coisa subjetiva, mas hoje os árbitros, eles acham alguma coisa no código que diga que o menos bonito pode ser despontuado.”</i></p> <p>AM3: <i>“Quando você começa a falar da parte artística é mais difícil, sempre vai ficar mais subjetivo.”</i></p>
	Critério	<p>AM3: <i>“buscou-se critérios mais objetivos para estar arbitrando.”</i></p> <p>AM1: <i>“E isso você pode fazer... é até visual isso. Você pode diferenciar ginastas tudo por essa parte.”</i></p> <p>AM3: <i>“...procura, enquanto árbitro, procurar falhas técnicas, mais visuais.”</i></p>
Código de pontuação	Modificações	<p>AM1: <i>“eles tentam sempre fazer alguma modificação justamente para arrumar, para não ficar rotineiro, as séries de solo principalmente que é onde envolve a parte coreográfica.”</i></p> <p>AM3: <i>“Olha, eu acredito que a ginástica mudou muito, muito e muito do que a gente chama de ginástica artística, o artístico acabou perdendo, né?”</i></p>
	Base	AM2: <i>“A gente procura se basear no código...”</i>
	Descontos	AM2: <i>“Muitas partes do movimento que o</i>

		<p><i>árbitro de execução tem que ver, além da parte da postura ele tem que ver parte técnica, se cabe algum desconto nessa parte técnica ou não, se faz parte da técnica ou se cabe desconto.”</i></p> <p><i>AM2: “Se for uma largada mais alta, ela vai ser mais bonita e então não vai ter dedução”</i></p> <p><i>AM3: “existe no código é que a série tem que ser harmoniosa, a série tem que ser coesa e ela não pode tender para um lado só. Ele tem que fazer... ele não pode fazer só exercícios acrobáticos, isso não pode.”</i></p>
--	--	---

Como esperávamos, os árbitros percebem a subjetividade da avaliação artística e ainda mencionam que a nota deste componente varia sensivelmente de árbitro para árbitro. O que ocorre é que o gosto pessoal do árbitro interfere nas deduções atribuídas ao componente artístico das séries, como mostra o depoimento a seguir:

AF2: “Mas não tem como, sempre vai ser um pouco subjetivo, esse artístico, o gostei ou não gostei.”

Além disso, percebemos essa subjetividade com clareza, quando os árbitros mencionam que esta avaliação é “visual”. Entendemos que qualquer aspecto que seja avaliado durante uma apresentação de GA seja visual, tudo deve ser visto e observado pelo árbitro. E ainda, acreditamos que o fator visual esteja relacionado ao gosto pessoal do árbitro. Como perceber se uma série é bonita ou harmoniosa, por exemplo? Qual critério é utilizado para avaliar estes aspectos?

Um árbitro menciona que a experiência em arbitrar é o que auxilia neste componente:

AM3: “Mas é uma coisa muito subjetiva, é uma observação muito prática, muito do dia-a-dia e olhando e se familiarizando com aquilo, que é mais bonito e mais correto e mais seguro com facilidade de linha e mais especificamente tem que ser subjetivo.”

Percebemos que em ambos os setores, os árbitros mencionam que a experiência em atuar como técnico ou árbitro é fundamental para evitar equívocos na avaliação do componente artístico. O que se torna uma irresponsabilidade pois poderão ser injustos durante uma avaliação.

Outro ponto que merece comentário é o fato dos árbitros do setor feminino só perceberem o componente artístico nas provas de solo e trave. No Código de Pontuação a frase “*dedução por falhas da apresentação artística*” realmente só está presente nas regras de solo e trave. Porém, a falta de discussão sobre o que é artístico e sobre o que é estético e suas relações fazem com que os árbitros entendam que não há a avaliação artística ou uma relação com a mesma nas outras provas. É válido lembrar que existe uma avaliação da estética dos movimentos em todas as provas.

Os árbitros do setor feminino percebem que na modalidade competitiva deve haver o espetáculo durante a execução das séries e ainda mencionam que depende do árbitro para avaliar o componente artístico. Como discutido anteriormente estas respostas são do senso comum, o que implica em uma possível injustiça no momento do julgamento.

É importante esclarecer que não pretendemos com este texto acabar de alguma forma com a subjetividade que acompanha o tema, porém, essa discussão é importante para diminuir os impactos ou ainda reduzir e/ou organizar esta subjetividade que pode motivar injustiças nas competições. Pretendemos incentivar a reflexão e evidenciar a importância da qualidade na formação profissional dos envolvidos na modalidade bem como evidenciar o papel dos órgãos que regem a GA nestas dificuldades com relação ao componente artístico.

Estas afirmações nos preocupam, pois, no início da carreira de grande parte dos árbitros em GA, os mesmos podem cometer equívocos na avaliação do componente artístico das séries devido à inexperiência. Por esse motivo, acreditamos que seja o momento de discutirmos os aspectos mencionados no código de pontuação, bem como uma possível utilização de um material de apoio para os técnicos e árbitros principalmente.

Embora exista essa preocupação em discutir e entender as questões artísticas da modalidade, ficou evidente que os árbitros utilizam da intuição para tratarem deste tema, relativamente subjetivo.

AF3: “*eu não sei como é feita essa preparação pelos técnicos, né? Mas que ela faz muita diferença na competição para quem avalia isso eu não tenho dúvida.*”

Contudo, os árbitros do setor masculino conseguem perceber com maior facilidade o componente artístico na prova de solo do setor masculino, possivelmente, pelas características da prova e do próprio aparelho.

Apenas um árbitro percebe que Preparação Artística pode contribuir com a execução e a qualidade do movimento das séries de outros aparelhos.

QUADRO 26 - Resultados relacionados à manifestação da Preparação Artística na GA masculina

CATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTRO	UNIDADES DE CONTEXTO
Provas	Solo	<p>AM1: “<i>O solo tem um pouco mais de parte coreográfica assim, e mais a parte estética. No masculino seria só no solo que entraria mais essa parte estética.</i>”</p> <p>AM3: “<i>Agora ainda existe muita coisa relacionada a parte artística no solo, que são as partes coreográficas.</i>”</p> <p>AM3: “<i>eu acho que o solo é onde você pode ver mais especificamente essa coisa artística, embora em todos os aparelhos tenham isso</i>”</p>
	Demais aparelhos masculinos	<p>AM3: “<i>...embora em todos os aparelhos tem haver com esta preparação.</i>”</p>

Como os árbitros mencionaram, de fato, no masculino não existe a avaliação do componente artístico, porém, não podemos deixar de salientar que a estética é o estudo racional do belo e como os próprios árbitros mencionaram, deve existir beleza e coerência na série, por isso, mesmo que de forma indireta a estética e a arte estão presentes também no setor masculino.

Apesar de não notarem com objetividade os componentes artísticos da modalidade, exemplificam qual é o peso desta preparação na modalidade masculina:

QUADRO 27 - Resultados referente ao peso da Preparação Artística na GA masculina

CATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTRO	UNIDADES DE CONTEXTO
Prática	Pouco trabalhado	AM1: <i>“Então... na verdade é pouco trabalhada (...) mas aqui o que eu vejo, as pessoas não trabalham muito essa parte artística, envolvendo coreografia, envolvendo balé, cada uma... é... tendo parte estética mais bonita assim.”</i>
	Postura	AM3: <i>“A preparação artística tem muito haver com a estética é..., a partir do momento que... quando você trabalha muito a dança, as partes coreográficas, você vai estar procurando os movimentos mais refinados, as linhas do corpo isso em geral nas séries de ginástica é muito importante.”</i>
Percepção	Diferencial	AM2: <i>“Ah, é muito importante... na Ginástica Masculina...”</i> AM2: <i>“... acho que é fundamental, por que é... na preparação de alto nível isso pode fazer a diferença entre a execução dos exercícios, né? A beleza, todos os ginastas realizam exercícios difíceis e aqueles que fizeram melhor, com a melhor beleza, plasticidade, vão sem dúvida, vão levar alguma vantagem”</i>
	Discussões	AM2: <i>“... por aí que existe bastante discussão entre os árbitros em relação a isso, mesmo no internacional há algumas coisas que a gente discute.”</i>

Ainda que haja muitas controvérsias nos depoimentos, um árbitro afirma que existem muitas discussões sobre a parte artística na modalidade.

Embora seja difícil explicar com palavras o componente artístico da modalidade, os árbitros afirmam que estes componentes são o diferencial das séries e sempre fazem relações com estética, mesmo que ela ainda não esteja bem conceituada para os mesmos. Como podemos perceber neste exemplo dado por um árbitro que se referia ao ginasta Diego Hipólito:

AM3: *“Mas quando ele começou a se destacar ele não tinha uma nota, tão perto dos melhores, exatamente por que esta parte artística dele, ainda faltava muita*

coisa, então ele ainda tinha muito para evoluir nesta parte coreográfica, de colocar ritmo de colocar uma linha e eu acho que ela é importante neste aspecto.”

Através das entrevistas conseguimos detectar alguns comentários sobre o:

AM1: *“Então na verdade sobre parte artística não é muito falado. É falado mais em execução, né?”*

AM1: *“ São outros descontos, não tem um item que fale assim, execução por parte artística, a parte artística como no feminino.”*

AM1: *“por exemplo, às vezes ele vai executar uma série ou um elemento e ele tem que estar com os braços elevados e dobrados, então esteticamente fica feio, né? Então a gente daria um desconto de execução e não desconto de parte artística como é no feminino.”*

Acreditamos que, assim como no setor feminino, que estas questões referentes à avaliação do componente artístico deveriam ser abordadas no curso de arbitragem. Da nossa perspectiva o que é parte do que é avaliado em apresentação artística no setor feminino é avaliado em execução no setor masculino. No entanto, é necessária a discussão destas terminologias para que as avaliações sejam justas, isso porque notamos algumas sutis diferenças na forma como os árbitros avaliam estes componentes.

Com tudo, outra questão que nos intrigou é se os árbitros se sentem preparados para avaliar estes componentes artísticos.

QUADRO 28 - Resultados relacionados ao preparo para arbitrar os componentes artísticos

CATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTRO	UNIDADES DE CONTEXTO
Sim	Sim	AM2: <i>“Eu creio que sim.”</i>
Não	Não	AM3: <i>“Não. Eu não me vejo preparado para julgar componente artístico, primeiro pela própria cultura do esporte nos últimos anos e por não ter nada no código...”</i>

Percebemos diferenças até mesmo no preparo dos árbitros. Acreditamos que a arbitragem seja um aspecto muito delicado do esporte, pois envolve o “ganhar” ou “perder” de pessoas de várias idades e que podem se frustrar por uma avaliação incorreta. Além disso, entendemos que seja irresponsabilidade da FIG, CBG e Federações manterem esta situação em relação aos árbitros, pois estas instituições deveriam orientar o julgamento deste componente de forma mais objetiva, explicando os conceitos e como os avalia.

Todos os tópicos do código de pontuação em GA devem ser claros, objetivos e de fácil entendimento para que fortaleça cada vez mais a credibilidade da modalidade e de seu julgamento, fato que pode influenciar na adesão a modalidade.

5.3 Direcionamentos

Através dos resultados e das discussões que apresentamos até o momento alguns problemas com relação aos componentes artísticos da modalidade ficaram evidentes.

A partir destes problemas, apresentamos alguns direcionamentos que poderiam contribuir na solução destes problemas. E assim, também minimizar os impactos que estes problemas causariam na modalidade. Deixamos explicitado que se trata de sugestões e que ainda necessitam de novas pesquisas para comprovar a sua eficácia.

O depoimento dos técnicos, de ambos os setores, revelou que os mesmos:

- Percebem a importância e o diferencial da preparação artística, principalmente, quando comparam a formação de ginastas com outros países;
- Utilizam a preparação artística de forma não organizada;
- Aplicam o treino artístico de maneira indutiva, pois não conhecem termos básicos e/ou atividades diferenciadas que contemplem esta necessidade;
- Aplicam o treinamento artístico apenas e/ou conforme a necessidade;
- Relacionam ou confundem, principalmente, atividades como balé com a preparação artística.

Para que possamos minimizar os impactos resultantes dos problemas mencionados anteriormente, propomos que:

- Mais pesquisas, de cunho teórico e prática, sobre a preparação artística sejam desenvolvidas, estimuladas e divulgadas e que haja a participação de as questões artísticas da modalidade e sua divulgação;
- Elaborem um material didático, com linguagem simples, possivelmente em um formato de dicionário e com exemplos, que apóie as questões artísticas da modalidade;
- Ofereçam mais cursos sobre a preparação artística com estratégias diversificadas, e não somente o balé, para atender às expectativas de ambos os setores;
- Invistam na formação de técnicos em GA e em profissionais da área da Educação Física e do Esporte que se interessem pela preparação artística.

Com relação à arbitragem, foram observados alguns problemas e que podem trazer desconfortos durante as competições. Atribuímos estes problemas às falhas na formação dos árbitros e o respectivo impacto pode ser reduzido se:

- Revisarmos a forma com que os componentes artísticos são tratados nos cursos de arbitragem e nas competições;
- Estimularmos a reflexão sobre os componentes artísticos nos cursos de arbitragem em GA;
- Elaborarmos um material didático, em formato textual e mídia, que ofereça suporte e objetive itens do código, com linguagem acessível aos técnicos e árbitros e com exemplos;
- Exigirmos que os órgãos que regem a ginástica realmente se empenhem para oferecer suporte sobre o componente artístico na modalidade.

Acreditamos que estas propostas se tornarão efetivas se houver uma ação conjunta entre os técnicos, árbitros, Federações, CBG, FIG e acadêmicos para que juntos possamos enriquecer, desenvolver e organizar ainda mais a modalidade GA competitiva, para que ela não perca suas características artísticas e que sua avaliação seja cada vez mais objetiva e coerente.

6 CONCLUSÃO

Concluímos, através do presente estudo, que ainda há desentendimentos sobre o componente artístico na modalidade competitiva GA, tanto no setor feminino quanto no setor masculino. Este desentendimento evidenciou-se, particularmente, na conceituação de termos relacionados, na forma de preparação de ginastas e no julgamento da performance.

Foi constatado que técnicos e árbitros da modalidade, de ambos os setores, percebem a existência deste componente artístico na modalidade, no entanto, de forma indutiva. Os entrevistados não apresentaram uma reflexão muito coerente sobre o tema, pois, nunca haviam discutido estas questões artísticas da modalidade ou talvez não tivessem consciência da importância e da influência deste no computo geral do julgamento.

Não encontramos uma forma de treinamento “ideal” e por isso ficou evidente, a necessidade de discussões e pesquisas que apontem uma forma sistematizada de treinamento artístico na GA que possa contribuir para a melhora da performance de ginastas e ainda minimizar os impactos que o preconceito em nosso país gera sobre o componente artístico.

Os meios apresentados neste estudo podem contribuir e auxiliar os técnicos ou profissionais da área da Educação Física e do Esporte a sistematizarem um treinamento artístico satisfatório para seus ginastas.

E mais, foi constatado que os árbitros não possuem com clareza e objetividade um entendimento sobre os componentes artísticos da modalidade para poderem avaliar estes componentes das séries com coerência, o que nos mostra a necessidade de discussões tanto sobre as questões artísticas da modalidade quanto sobre o conteúdo dos Códigos de Pontuação.

Existe muita contradição e incoerência na GA competitiva, pois, árbitros devem avaliar este componente, no entanto não recebem orientações e/ou critérios definidos para efetuar tal julgamento. A partir deste fato, é importante reforçar que injustiças podem ser cometidas pelos árbitros ocasionando prejuízos aos ginastas e ao esporte em si.

Acreditamos então que a elaboração de um material de apoio, através de pesquisas, com definições e conceitos básicos sobre este tema inserido na realidade

da GA competitiva possa contribuir e beneficiar técnicos, árbitros, ginastas e, consequentemente, a modalidade como um todo.

Os esportes, principalmente os competitivos, devem ser norteados por regras bem definidas que sejam capazes de diferenciar e avaliar a performance dos competidores. E por isso, os árbitros devem ser capazes de aplicar com justiça tais regras.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

ALLSEN, P.E; HARRISON, J. M.; VANCE, B. Exercício e qualidade de vida: Uma abordagem personalizada. 6ª.Ed. São Paulo: Editora Manole, 2001.

AYOUB, E. Brincando com o ritmo na Educação Física. Revista Presença Pedagógica. Belo Horizonte: v. 6, n. 34, jul/ago, 2000.

BARBANTI, V. J. Teoria e prática do treinamento esportivo. São Paulo: Edgard Blücher, 1997.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2008.

BROCHADO, F.A.; BROCHADO,M.M. Fundamentos da Ginástica Artística e Trampolim. Guanabara Koogan, 2005.

BROCHADO, F.A.; BROCHADO, M.M. Fundamentos da Ginástica de Trampolim. In: NUNOMURA, M.; TSUKAMOTO, M.H.C. (org.) Fundamentos das ginásticas. 1ª ed. São Paulo: Editora Fontoura, 2009.

CAMARGO, M.L.M. Música/ Movimento: um universo em duas dimensões. Belo Horizonte: Villa Rica, 1994.

CARRASCO, R. Ginástica olímpica: pedagogia dos aparelhos. São Paulo: Manole, 1982.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL GINÁSTICA. Código de pontuação em GA feminino. Ciclo 2009-2012.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL GINÁSTICA. Código de pontuação em GA masculino. Ciclo 2009-2012.

CUNHA, M. Dance aprendendo – aprenda dançando. Porto Alegre: Sagra – D.C.Luzzatto, 1992.

FLORES, M. L. A dança e seus benefícios. Disponível em <www.dancadesalao.com/agenda/index.htm> Acesso em 10 maio. 2008.

GALLAHUE, D.L.; OZMUN, J.C. Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos. São Paulo: Phorte Editora, 2003.

GALLARDO, J.S.P. A Educação Física escolar e a Ginástica Geral com sentido pedagógico. In: PAOLIELLO, E. (org.) Ginástica Geral: experiências e reflexões. São Paulo: Phorte Editora, 2008.

GARIBA, C. M. S. Personal Dance: um profissional empreendedor. CINERGIS, Santa Cruz do Sul, v.4, n.1, p. 89-104, 2003.

GUIMARÃES, A. C. A. ; SIMAS, J. P. N. ; FARIAS, S. F. Dança como uma contribuição para a qualidade de vida. CINERGIS, Santa Cruz do Sul, v.4, n.1, p.29-37, 2003.

LABAN, R. O domínio movimento. 2.ed. São Paulo: Summus Editorial, 1978.

LEGUET, J. As ações motoras em ginástica esportiva. São Paulo: Manole, 1987.

LOPES, P.; NUNOMURA, M. A motivação para prática e permanência na ginástica artística de alto nível. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 21, n. 3, p.177-87, 2007.

MARTINS, P. A Ginástica Feminina: a técnica, a prática, a competição. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.

MEINEL, K. ; SCHNABEL, G. Teoria del movimiento : síntesis de una teoria de la motricidad deportiva bajo el aspecto pedagógico. Buenos Aires: Stadium, 1987.

MORATO, M. E. B. Ginástica jazz: A dança na educação física, a ginástica para todos. 2.ed. São Paulo: Editora Manole, 1993.

NANNI, D. Dança educação: Pré-escola à Universidade. Rio de Janeiro: Editora Sprint, 1995.

NEGRINE, A. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA, V.; TRIVIÑOS, A. A Pesquisa Qualitativa na Educação Física. 2ª. ed. Porto Alegre: Editora UFRGS/ Editora Sulina, 2004.

NUNOMURA, M.; PIRES, F.R.; CARRARA, P. Análise do treinamento na Ginástica Artística Brasileira. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, São Paulo, v.31, nº 01, 2009.

NUNOMURA, M.; TSUKAMOTO, M.H.C. Análise e Ensino Ginástica Olímpica. In: TANI, G.; BENTO, J.O. Pedagogia do Esporte. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

NUNOMURA, M. Ginástica Educacional ou Ginástica Olímpica. Motriz, Rio Claro, v.4, n.1, p.65-68, jun. 1998.

NUNOMURA, M. Segurança na Ginástica Olímpica. In: NUNOMURA, M. & NISTA-PICCOLO, V.L. (org.). Compreendendo a Ginástica Artística. São Paulo: Phorte Editora, 2005. p.59-75.

PAIVA, P.A. Ginástica olímpica. 2 ed. Viçosa: Imprensa Universitária Ufv, 1981.

PATTON, M.Q. Qualitative Research & Evaluation Methods. 3 ed. Thousand Oaks: Sage Publications, Inc. 2002.

PICA, R. Dance training for gymnastics. Champaign: Leisure Press, 1988.

SAMPAIO, F. Ballet essencial. Rio de Janeiro: Editora Sprint, 1996.

SBORQUIA, S.P. Construção Coreográfica: o processo criativo e o saber estético. In: PAOLIELLO, E. (org.) Ginástica Geral: experiências e reflexões. São Paulo: Phorte Editora, 2008.

SCHILARO, N. S. R. Educação musical para 1ª à 4ª série. São Paulo: Editora Ática, 1990.

SCHMIDT, R. A.; WRISBERG, C. A. Aprendizagem e performance motora: Uma abordagem da aprendizagem baseada no problema. 2ª. Ed. Porto Alegre: Editora Artmed, 2001.

SOUZA, E.P.M. Ginástica Geral: uma área do conhecimento da Educação Física. Campinas, 1997. Tese (Doutorado)-Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, 1997.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K. Métodos de pesquisa em atividade física. 3ª.ed. Porto Alegre: Editora Artmed, 2002.

TOLEDO, E.; TSUKAMOTO M.; GOUVEIA, C. Fundamentos da Ginástica Geral. In: NUNOMURA, M.; TSUKAMOTO, M.H.C. (org.) Fundamentos das ginásticas. 1ª ed. São Paulo: Editora Fontoura, 2009.

TRICOLI, V.; SERRÃO, J.C. Aspectos científicos do treinamento esportivo aplicado à Ginástica Artística. In: NUNOMURA, M.; NISTA-PICCOLO, V.N. Compreendendo a Ginástica Artística. São Paulo: Phorte Editora, 2005.

TRIVIÑOS, A. S. N. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Editora Atlas, 2007.

VÁZQUEZ. Convite à estética. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

ZAKHAROV, A.; GOMES, A.C. Ciência do Treinamento Desportivo. 2ª ed. Rio de Janeiro: Palestra Editora, 2003.

WECHSLER, S.M. Criatividade: descobrindo e encorajando. São Paulo: Editorial Psy, 1993.

WEINECK, J. Biologia do esporte. São Paulo: Editora Manole, 1991.

ANEXO 1

TRANSCRIÇÃO TÉCNICO-FEMININO

SUJEITO 1:

Como você entende o conceito de arte, artístico e estético dentro da ginástica? O que você entende que seja a arte na Ginástica?

É um conjunto, é um apanhado do que você vai mostrar, primeiro linha corporal, depois estética corporal, as figuras dos elementos da sua equipe como forma única de trabalho, ter uma linha de trabalho. Eu costumo seguir a escola russa de ginástica. Não sei se você sabe a ginástica hoje no Brasil sofre influencia da Ucrânia, Rússia, do leste europeu por conta do Oleg que está há muito tempo no Brasil. Eu entendo isso, que esta parte artística, esta coisa toda vem junta, a escola, a estética o alinhamento dos... da dança, da figura é isso.

Estes conceitos então: arte, artístico e estético você vê como sinônimos ou você vê alguma diferença entre eles na ginástica?

Sinônimos.

E como você vê que estes aspectos, arte, artístico e estético se manifestam, se aplicam na ginástica?

A ginástica feminina seria o ritmo, é uma arte, o ritmo que a ginasta consegue impor na prova é uma arte, o artístico que acho está ligado a parte coreográfica, então não adianta você querer colocar que uma menina que não tem, não pode, que não consegue se expressar com o corpo, por que não vai existir o estético, não vai estar ok, se não estiver entro da rotina dela, você vai bater o olho e vai ver que ta fora do contexto, entendeu?

Sim. E qual é o peso, dentro do seu ponto de vista, que a preparação artística tem dentro da ginástica artística?

O peso no sentido de

No geral, tanto no treino, como na arbitragem.... o peso de uma maneira geral.

No Brasil... ou no mundo?

No Brasil, dentro da sua prática né, das competições que sua equipe participa...

Acho que a parte artística é... tem seu valor, existe o seu valor, alguns clubes entendem o seu valor, a arbitragem entende o seu valor, que precisa ter olhos para isso, para esse contexto, mas já vi provas de ginastas bem elegantes, bem preparadas, bem ritmadas e as provas nem com tudo isso e as notas ficaram emparelhadas ou até a que dançou menos e tirou mais nota. Então a parte artística existe, todo mundo sabe que ela está ali, mas não tem um critério muito prático.

E aqui vocês desenvolvem este tipo de preparação?

Sim.

E como ela é feita?

Desde o trabalho de base, agente já tem um aquecimento próprio, dentro de cada parte do planejamento, de cada dia, com ritmo. Acho que o ritmo é muito importante, é o início de tudo, o início de cada uma. Então o ritmo de respiração, de rotação de braços, de pernas, eu gosto de começar pelo ritmo. E depois tem a parte coreográfica e a parte de base do balé clássico.

E como é estruturada esta preparação artística? É você mesmo quem aplica, existe um outro profissional, quantas vezes por semana... como é feito?

Essa sistemática de segunda-feira eu gosto do balé clássico que é o início da semana e dá a base para a semana toda, posições de pernas, braços, diafragma, lombar. Então eu gosto de segunda-feira balé clássico, terça-feira trabalho de flexibilidade com ritmo, quarta-feira agente faz um clássico mais voltado para a Ginástica Artística, na quinta-feira a parte de Dança e sexta Dança.

E aí quem...?

Isso quem faz é o professor. Tem um...

Que é específico da Dança?

Específico de Dança. Um profissional completo formado em Dança.

E você acha que esta periodicidade dos treinos que vocês utilizam para a preparação artística, seria o ideal ou não? Ela está suficiente...

Não... acho que suficiente nunca é, né? Que... sempre o que agente pode buscar de melhor agente aplica..., agente aplica no trabalho. Mas não... acho que não esteja suficiente. Falta.

E...

Falta um algo mais. Não sei te explicar hoje o que poderia ser, mas pode ser... vídeos... atuar com vídeo, sabe? Mostrar uma ginasta que sabe dançar, que sabe se expressar ou de repente fazer alguns programas culturais com as ginastas, sabe? Ir assistir apresentação de balé, assistir um balé contemporâneo, um balé clássico, um balé moderno eu acho que existem outras formas sim, mas agente acaba ficando limitado com o dia-a-dia.

E o que você pensa sobre a influencia que este tipo de preparação tem sobre os treinos e a vivência motora das ginastas?

A influencia que causa?

Isso.

Ah, ele prepara, né? O balé clássico ele prepara para esta questão que eu te falei, a questão... A dança é a expressão corporal e a coreografia em cima de cada estrutura de cada menina, a mais tímida, a mais tranquila, a mais espreitada fazer algo mais engraçadinha, né? Mais... Não sei se eu te respondi, te respondi?

Respondeu sim. E a última pergunta é embora você tenha um profissional da Dança que está te acompanhando você se senti preparado, nesse sentido da preparação artística, para perceber de repente se a ginasta esta bem neste quesito ou ele te auxilia diretamente com isso como você se sente em relação a preparação artística enquanto técnico?

Eu sinto exatamente isso que você falou. Eu vejo que tem alguma coisa sem afinação. Aí eu chego nesse professor, especialista em dança e falo: E mostro, explico, e... por que ele também precisa ver, da mesma forma que eu vejo, ele também precisa ver. E... junto comigo, então detectar antes de mim melhor ainda.

SUJEITO 2:

Como você entende o conceito de arte, artístico e estético dentro da ginástica artística competitiva?

Ah, tá difícil para mim falar..., acho que a ginástica, por isso chama artística, que sem isso ela não existe, tem que apresentar um trabalho estético dentro de algumas regras que é da ginástica. Desde pequeno, quando é criança agente começa este trabalho desenvolvendo, desde o começo até o final da carreira

ela continua trabalhando a parte coreográfica, né? Agente trabalha primeiro a parte de pose acertando as linhas dos braços, as posições das pernas, bem limpo, bem bonito, depois agente chega a trabalhar mais combinações e conseguir desenvolver a parte artística com a ginasta, conseguir fazer estilos diferentes, sentir música, movimento que combina com música, descobre o estilo de música que pode fazer uma série bonita, e que acompanhe a música e depois desenvolver a parte de imaginação, quando criança ela mesma inventar, as coisas, estilos, as poses e criar os movimentos, né?. Esse trabalho é feito durante toda a carreira.

E você acredita que estes conceitos seriam iguais, sinônimos dentro da ginástica? Ou teria diferença entre um e outro no seu ponto de vista? Arte, artístico e estético dentro a ginástica seria a mesma coisa ou tem diferença entre estes termos se utilizados na ginástica?

Ah... cada um tem um foco diferente e tem um valor igual.

E como você percebe que eles se manifestam dentro da GA, estes aspectos? Como que eles aparecem?

Se ela foi trabalhada ou se não foi trabalhada...?

Como você encontra ela na ginástica, em que situação, movimento...

Você encontra isso principalmente na série de solo e trave depende da movimentação da ginasta. Agente percebe se ela foi trabalhada ou se não foi trabalhada. Se ela tem a série suja, se ela tem acento, parte coreográfica não interessante, a acriança não sabe mostrar a postura certa, principalmente nos dois aparelhos, né?...

E qual é o peso da preparação artística, deste componente dentro da ginástica?

Eu acho que... você vai olhar em termos de arbitragem, como avalia esta parte o valor não é muito grande. Na verdade é... não é muita diferença no final. Não só parte artística, esta parte de linha, a gente fala em termos de ginástica de limpeza, da série estar suja, joelhos bonitos, mãos bonitas e não sabe fazer isso então vai ter um descontinho. Então a parte técnica, se não tem isso para mim não é ginástica. Se essa parte não esta trabalhada ela não vai ser uma ginastas... com trabalho pode ser que ela chegue a ser média, mas de alto nível nunca.

E como você trabalha a preparação artística na ginástica?

A gente trabalha em vários tipos de..., tipos de... em vários tipos de coreografias, coreografia de solo, de linha, de salto, de postura...

E esta forma que você utiliza, você acredita que seria a ideal ou teria uma outra forma? Eu digo também em questões do tempo do treinamento,...

O ideal nunca é. Agente tenta chegar no que é mas... que é para mim falta tempo de trabalhar a ginástica a parte artística mas envolve também muitos elementos de dificuldade que tem que ter muitas repetições, né? A ginástica tem várias partes. Não tem só a parte artística, tem a parte de dificuldade. Tem que ver e distribuir tempo. Eu como coreografa falta muito tempo, eu queria muito mais, mas as vezes agente não consegue trabalhar o tanto quanto agente queria.

Como você costuma trabalhar a parte artística, por exemplo, você utiliza uma planificação, quantas vezes por semana, qual seria a duração do treino?

Agente trabalha isso todo o dia, cada dia uma coisa diferente. Por exemplo, a gente trabalha barra uma vez por semana, uma vez por semana aula de salto, uma ou duas vezes por semana balé de trave, uma, duas vezes por semana. Agente combina: balé de trave, balé de salto...

E tem um tempo médio? Embora seja cada dia uma “coisa”, balé de solo, balé de trave... tem uma duração? Tem um tempo médio, uma hora, mais hora...?

40 minutos uma hora para um treino de todo dia.

Certo. E você se sente preparada para desenvolver este componente? Imagino pelas suas respostas é claro, mas você se sente preparada para desenvolver a preparação artística?

Sim.

Você gostaria de acrescentar mais algumas coisa referente a preparação artística, estes componentes, este treinamento?

Não... eu acho que agente trabalha bem. Não sei mais o que falar. E já dei cursos sobre isso e eu tento ajudar com o que eu posso. Na Rússia, da onde eu venho, esta parte é muito bem trabalhada e agora o Brasil, a seleção está muito boa nesta parte, esta trabalhando muito bem, esta muito bonita as meninas... o que acrescentar... Os técnicos, e escolinhas, técnicos que trabalham com crianças tem que trabalhar bem mais esta parte, dar mais estímulos.

SUJEITO 3:

Você pode definir o que é arte, artístico e estético dentro da Ginástica Artística competitiva para você?

Arte é como eu falei, elas se apresentarem, da ginástica ser bonita e é como no nome diz ginástica artística e artístico é tudo com as apresentações, a arte, a acrobacia, a dança que elas fazem e tem um tempo para fazer e junta tudo... principalmente na trave e no solo.

Então é por que agente,... na verdade assim, é o conjunto da apresentação, a parte da coreografia tudo, mas a parte da ginástica, do acrobático e ginástico. Qual que era o outro?

Estética?

Estética é o corpo, o físico, a postura da menina...

E como você vê que estes aspectos, o artístico, a arte e a estética se aplicam na ginástica artística competitiva? Como eles se manifestam? De uma forma prática, como você percebe estes aspectos na ginástica?

Então... quando elas estão fazendo principalmente a série de solo, assim. As séries, as aprovas que elas têm que cumprir, tudo. É a onde agente percebe mais isso.

Você percebe mais isso no solo?

No solo e na trave, né?

E qual é o peso que estes conteúdos têm dentro da ginástica artística no seu ponto de vista?

Para uma ginástica ser chamada de artística... ah, isso é mais ou menos uns 50% por que além da ginástica ser uma arte elas têm que fazer as acrobacias, tem que ter elementos acrobáticos... acho que 50%.

E como você trabalha, Kelly, estes aspectos dentro do treino? É você mesma quem trabalha, tem um outro profissional, como é feito este tipo de trabalho nos treinos?

Eu trabalho muito com postura, o aquecimento delas é todos os exercícios assim posturais e eu dou balé de barra, balé na trave que é um aparelho da ginástica, na barra, na trave e faço balé de solo também. Treino com aquecimento, coreografia, aí dentro do aquecimento tem a parte de postura, depois tem os balés e elas fazem quase 50 % do treino.

E qual é a frequência que isso acontece? Essas séries de balé, essas sessões que você comentou, são todos os dias, como é?

Sim, são todos os dias.

E você acredita que este seja o ideal ou deveria ser diferente? Mais ou menos tempo, enfim...

Eu acho que para a GA é o ideal, ela é artística e tudo mas ela precisa ter acrobacias e tem os aparelhos, o salto, paralela que não existe tanto a parte artística, nem tem como julgar isso. O árbitro não tem como julgar isso no salto ou na paralela.

E o que você pensa sobre o impacto que esses exercícios podem causar na GA?

Com relação as meninas? ... Ao quê?

Com relação a tudo, o que as meninas fazem nos treinos em relação a estes aspectos, dentro da prática delas.

Assim se elas gostam?

Também, de uma maneira geral e nas apresentações também, nas competições.

No solo e na trave por exemplo né, que eu comentei que é mais ou menos 50 %, tem que dançar, tem que ter acrobacia, tem que ter os elementos ginásticos e tudo isso conta para a apresentação artística, e é um dos requisitos para ser julgados em uma série e as meninas assim gostam de trabalhar isso e é isso que deixa a ginástica feminina, né?

E sempre foi você quem aplicou este trabalho artístico em seus treinos?

Sim, a maioria das vezes sim. Quase sempre foi sim.

Você se sente preparada para desenvolver este tipo de componente ou você sente alguma dificuldade?

A ginástica é bem específica, né? E para você trabalhar dentro da ginástica, você sempre tem que querer saber mais, e conhecer mais. Tem uma escola que eu tive que para criança pequena sim. Não é nada de balé clássico assim, é tudo da ginástica, não tem nada que eu faça de tão diferente assim. Então assim... preparada, é claro que agente sempre quer saber mais, não que eu esteja satisfeita.

ANEXO 2TRANSCRIÇÃO TÉCNICO-MASCULINOSUJEITO 1:

Como você entende o conceito de arte, artístico e estético dentro da Ginástica Artística Competitiva?

Nossa senhora, você me pegou, hein. Como eu entendo...

Arte, artístico e estético dentro da ginástica?

Arte..., artístico e estético? Ah, o estético é o que a pessoa vê o que está sendo feito, se está sendo bem feito ou não, é... artístico... é ginástica artística, né? Não sei nem por que esse nome... E arte, ah... o esporte é arte.

Como estes aspectos, arte, artístico e estético se aplicam, se manifestam na ginástica?

Opa, a estética se manifesta no próprio movimento se eles é bem feito ou não. Então se está sendo plástico ou não. Agora a arte, o artístico é o próprio esporte, o esporte já é artístico, é um esporte bonito, né? É bonito de se ver e é artístico por isso.

Do seu ponto de vista, qual é o peso que estes componentes, esta preparação artística tem dentro da ginástica artística competitiva?

A ginástica masculina, né?

Isso.

Ah, tem um peso muito grande por que o código de pontuação prevê um item que diz: “a dificuldade nunca se opõe, né? A placidez do movimento.” Então o árbitro vai dar muito mais ênfase a parte plástica do movimento, a parte técnica do movimento do que a dificuldade. Que tem uma diferença muito grande, quanto mais técnica tem o movimento maior nota ele tira.

E você trabalha este tipo de preparação com a sua equipe, esta preparação artística?

Aí nós vamos entrar em dois... em uma bifurcação: algumas crianças já tem isso nelas, entendeu? Algumas crianças já vem treinadas, você fala para ela: faz esse movimento, ele faz perna estendida, ponta de pé, já é caprichoso de início. Outros já são relaxados. Esse mais relaxado tem que ser trabalhado. Mas tem garotos que já são deles ser mais bonito, ter linha...

E você fazem algum trabalho diferenciado para aqueles que tem mais facilidade ou dificuldade?

Não. Não tem.

É mais para quem tem dificuldade?

Agente tem uma preparação física que é mais voltada para esta parte. Alguns exercícios físicos são voltados para esta parte.

Então, deixa eu ver se entendi, você trabalham isso conforme a necessidade?

Não. Nós trabalhamos isso sempre. Trabalhamos isso sempre, mas não separado do treino. O que deveria ser, entendeu? Os meninos deveriam treinar..., fazer aula de balé...

É... esta seria a próxima pergunta. Se o que você aplica seria o ideal ou não?

Não é. No Brasil não faz isso. Não é, mas é do país, ninguém faz isso. Tem que ser feito, mas não nesse nível aqui. Tem que ser feito no nível mais pequeno, para a criança ir se acostumando mas ninguém faz isso. Não é feito.

O que você pensa sobre o impacto que esta parte, este conteúdo artístico tem na modalidade?

O que eu penso?

Isso.

Eu não tenho que pensar muita coisa por que está empreguinado na modalidade, não tem para onde fugir. Aí o que dá para falar para você, voltando na outra pergunta sobre esta parte artística e tudo, está questão dos meninos fazerem aula de balé... nosso país é um país super preconceituoso. Então quando você fala de ginástica, alguns pais já acham que é coisa de mulherzinha, agora você imagina se coloca o menino para fazer balé. Não vai ter mais ginasta.

Você comentou que vocês trabalham junto esta parte, né? Você saberia quantificar, me falar mais ou menos a quantidade de treino que seria voltado para esta parte artística mesmo que dentro do treino?

Depende da fase de idade deles. Se for para os pequenos praticamente uns 60% do treinamento deles. É essa parte, técnica, artística, de postura. Mais de 50% do treino. O restante é aparelhos.

E os grupos que competem?

Que competem? O competitivo... Tem as fases de tempo no ano, né? Vamos dizer assim: os primeiros três, quatro meses do ano é para isso, limpeza do

movimento, para preparação física mais postural, entendeu? E pelo menos aquela parte de polimento da competição. Por que quando chega na competição, já está na limpeza do movimento, por que a parte de correção de elemento é a parte que eu pego mais no pé deles. Que tem uma fase que você deixa o cara fazer a série, como ele agüenta para pegar resistência. Depois que ele pegou resistência da prova, agente começa polir a prova. Postura, estética...

E como você comentou que este treino é feito junto, você se vê preparado para trabalhar esta parte artística?

Não. Não por que você não tem nada específico na ginástica para isso. Você não tem curso para fazer isso, nada para poder fazer isso e dá diferença no ginasta. Não existe um curso técnico de ginástica para isso, quando tem um curso técnico ele fala só a parte técnica de elementos. É o que eu falei para você, o código diz que a dificuldade nunca pode sobrepor a parte técnica.

Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa sobre a parte artística da modalidade?

Tem que mudar o país inteiro, a cabeça do país inteiro.

SUJEITO 2:

Você é técnico do masculino, certo?

Isso.

Qual categoria?

Pré-infantil e infantil.

Como você entende o conceito de arte, artístico e estético dentro da GA? Isso é se você acredita que existam estes aspectos dentro da ginástica? Como você define arte dentro da ginástica?

Ah, eu vejo que tem sim, a arte, artístico, é meio que um show, mas tem a parte de graça, a parte de estética, de saber apresentar, se ele demonstra.

E artístico?

Ah, eu acho que no masculino nem tem isso...

E estético? Você acredita que tem?

Tem sim, nos exercícios se eles estão bem feitos, bem executados, entendeu?

Que é um lance mais artístico...

Como você vê que estes aspectos se manifestam dentro da ga competitiva?

Nossa! Repete a pergunta...

Como você vê que estes aspectos que você acabou de comentar: a arte, o estético se manifestam na GA, como você percebe ele?

Ah, quando tem competição que ele tem que apresentar que tem que fazer bem feito. Esta relacionado a esta parte.

E qual seria o peso da preparação artística, da preparação destes aspectos, na sua opinião, dentro da GA?

Qual que é o peso?

Isso.

Da preparação?

Isso, desta parte artística, né?

Numa forma mais global, né? Quer dizer, agente trabalha por etapas, mas de forma mais global. Trabalho de força, parte de balé, perna estendida, ponta de pé, o que dá esta beleza ao exercício, entendeu? A plástica do exercício, agente não fala artístico agente fala a plástica, a plástica do exercício. Se ele é bem executado, se tem mais amplitude, se tem altura mais é o artístico, né. Então a pessoa fica com uma ginástica bonita.

Então dentro dos seus treinos não existem momentos específicos onde são trabalhados estes aspectos, um momento para desenvolver só a parte artística, esta parte seria desenvolvida dentro da parte técnica. Seria isso?

Isso. Pelo menos agente aqui em Guarulhos trabalha desta forma.

E você acha que seria interessante que este trabalho fosse desenvolvido paralelamente a parte essencialmente técnica?

Depende, tem “moleque” que tem mais dificuldade, não sei se você entende, mas que tem a ginástica mais suja, é... que não tem tanta plástica no exercício, não tem amplitude, aí tem que trabalhar de uma forma diferenciada, entendeu? Pegar esta pessoa e trabalhar mais postura... para tentar suprir as dificuldades que ele tem.

E dentro destes aspectos você se vê preparado para desenvolvê-los dentro da GA?

Eu?

Sim.

Eu tenho. Na verdade assim, essas questões da ginástica, esta parte de artístico tem mais no feminino que tem essas coisas... o balé, a dança, um

sorriso no rosto, tem que ter mais postura. No masculino não tem muito isso. Então é assim, com agente esta parte mais global que eu te falei, tem muita força, muita postura, mas agente não precisa parar para trabalhar só isso, já no feminino tem. No feminino agente tem uma parte que só parte coreográfica, saltos ginásticos, a graça, a beleza da criança e comparando um com o outro, feminino e masculino, o masculino não tem. Tem amplitude... mas a pergunta era mesmo...

Se você se sente preparado para desenvolver estes aspectos dentro do seu grupo?

Então... sim. No masculino sim mas no feminino é mais complicado mas no meu grupo sim. A parte coreográfica, coreografia eu não faço não. Mas a parte da beleza, saltos ginásticos aí sim.

SUJEITO 3:

Como você entende os conceitos de arte, artístico e estético dentro da GA competitiva?

Minha parte artística e estética é a parte de postura da... dos elementos da composição das séries.

Você entende os dois como sinônimos?

Isso.

E a arte?

Para mim é o movimento a expressão que eles tem que fazer e no feminino é ainda mais forte pela parte de dança de coreografia.

E como você vê que estes aspectos eles se aplicam, se manifestam dentro da modalidade?

Não entendi a pergunta.

Como você percebe a arte, a estética e o artístico na GA de uma forma prática, né? Como você enxerga isso na modalidade?

Eu enxergo de acordo com o que a criança e o adolescente estão fazendo. Então a parte de expressão corporal durante a execução de um elemento ou depois que termina, a parte de postura, a graciosidade no feminino principalmente. Eu mais vejo por esse lado.

E qual é o peso que a preparação artística tem dentro da Ginástica Artística masculina no seu ponto de vista?

No masculino em torno de 70 % de preparação física, no meu ponto de vista: a força, a flexibilidade e a noção corporal. Daí os outros 30% tem parte de estrutura familiar, paga muito, parte psicológica do atleta, parte técnica e a individualidade.

Você vê, disso que você acabou de me falar, onde se encaixaria a preparação artística? Ou dentro do masculino você acha que isso não se encaixaria tanto, como você vê isso? Qual seria o peso dessa parte artística?

Então assim... no feminino ela pega mais do que no masculino... assim eu acredito que uns 25 %, 30% do feminino é essa parte de graciosidade, expressão corporal. No masculino já é mais baixa, o pessoal é mais duro e tem que ser não é muito de expressão então no masculino é bem menor.

Você trabalha, faz alguma coisa para desenvolver essa parte artística com os seus atletas?

Eu faço muito pouco agora. Por que agente sempre trabalhou com uma professora de postura, quem trabalhava isso não era eu, era uma outra professora que era especifica desta parte de postura era quase que um balé para os meninos e para as meninas também. Agora como eles já estão maiores eles não fazem mais por que é uma herança das categorias de base, então veio crescendo junto com eles.

Você comentou que hoje eles não trabalham mais isso, você acha que desta forma está bom ou a forma que era feita anteriormente era melhor? Ou ainda exista uma outra forma diferente destas duas que poderia ser melhor?

Agora, para eles que já estão no juvenil, infanto-juvenil para eles eu acredito que isso não seja o mais importante agora, não está fazendo tanta falta, existem outras prioridades que faltam ainda hoje no ginásio. Mas nas categorias mais novas, do pré-infantil, infantil a professora faz falta, mas eu não estou trabalhando isso agora.

E o que você pensa que esta parte, este componente artístico tem na modalidade?

Eu penso que o que influi mais é o preconceito que ainda tem antes dele entrar na ginástica, isso antes dele entrar na ginástica por que depois que ele entrou na ginástica não tem tanta coisa que o pessoal de fora diz que tem e acaba conhecendo mesmo. É a falta do conhecimento que gera uma tensão em relação a esta parte artística mesmo. Aqui dentro acredito que não tenha mesmo.

Eu iria pedir para você me descrever como seria feita esta parte artística nos seus treinos mas você me falou que hoje você não trabalha este componente... havia antes nas categorias de base né...

É, agora não temos, é tudo mais é tudo voltado para o pré competitivo, agora não tem, então...

Na época que tem como você costuma trabalhar?

Eu faço no início junto com o aquecimento ou após o aquecimento antes da preparação física por que essa parte não tem muito desgaste.

E você se vê preparado para desenvolver estas questões com os seus atletas?

Não.

Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa referente a estas questões artísticas da modalidade no masculino?

Que eu me lembre não.

ANEXO 3

TRANSCRIÇÃO ÁRBITRO-FEMININO

SUJEITO 1:

Como você entende os conceitos de arte, artístico e estético na GA competitiva? Pensando na avaliação, né? Dentro da arbitragem?

É, é muito difícil, né? Por que é uma coisa ligada na outra. É arte,...

Arte, artístico e estético?

É...

Ou você os vê como sinônimos? Em fim, como você entende estes conceitos na GA?

É tudo como se fosse uma coisa só, né? A criança ela tem que ter postura, meio que representar a música, sentir a música, estar dentro da música, tem que ser graciosa e tudo isso engloba estas três, né? Essas três palavras.

Certo. E a forma com que você vê que estes aspectos se aplicam na GA? Você já deu alguns exemplos na resposta anterior, mas como você acredita que estes aspectos se aplicam, se manifestam na GA competitiva?

É. É nisso né? Na hora da coreografia mesmo, se a ginasta... se a parte da coreografia dela é compatível com a música, por que as vezes a ginasta, faz um exercício, uma coreografia e a música fica de fundo. Então isso... é... ela perde ponto da parte artística por conta disso, por que não está combinando é... ou a parte artística está boa, está tudo combinando mas é tudo olhando pro chão, de calcanhar, aí essa parte clássica, do balé, essa plástica que precisa ter fica feio, né? Na ginástica artística não é só acrobacia tem o espetáculo.

E qual é o peso que a preparação artística, que esse componente artístico tem na GA competitiva hoje, no seu ponto de vista?

É grande por que é isso que a diferencia das outras ginásticas, por isso que chama artística. Hoje as ginastas dão muita importância para os acrobáticos, principalmente na trave, todo mundo faz praticamente a mesma coisa, e aí o que vai diferenciar uma ginasta da outra é essa parte artística.

Como você faz, para avaliar este componente artístico? Por exemplo, é uma coisa bem pontual, vou avaliar isto e isto, ou não, você tem uma estratégia própria para avaliar este componente?

Eu acho que é uma coisa muito subjetiva, né? Não é muito claro assim. As vezes eu acho que aquela ginasta não foi bem na parte artística mas outra pode achar bonita o que ela fez. Então eu acho que é uma coisa bem subjetiva.

Você acha que teria uma forma ideal, ou melhor para avaliar este componente? Você acha que ele é subjetivo, não é, como você acabou de comentar e “pronto”, ou você acredita que haja uma forma melhor de avaliação deste componente?

Eu acho difícil. Você poderia estar vendo, se esta na meia ponta, se tem graciosidade, mas tem aquela ginasta que faz uma série mais forte e que eu não goste mas que talvez outra arbitra goste, mais da parte clássica, entende? Então depende muito do árbitro.

E o que você pensa sobre a influência que este componente tem na GA competitiva?

Ah, eu acho muito importante, por que, para diferenciar mesmo. Por que tem a ginástica de trampolim, tem o tumbling então a GA se diferencia por causa disso, tem a parte artística. Por isso que chama ginástica artística, tem a parte de coreografia, a parte de expressão, a combinação da série com a música.

E você se vê preparada para avaliar este tipo de componente? Você comentou que este componente é subjetivo, que cada árbitro tem um ponto de vista sobre este componente, e em função disso, você se vê preparada para avaliar este componente?

Ah eu me vejo. Pela minha experiência, né? Eu já fui treinadora de alto rendimento, é arbitra há muitos anos. Você consegue diferenciar, sabe? Tem aquela ginasta bonita, toda estilosa, mas você vê que não teve a parte de balé, não faz os exercícios na meia ponta e aquela que já é expressiva e que teve essa parte de balé, né? Você consegue enxergar isso, mas tem que ter muita experiência para conseguir ver. Quando eu comecei tinha coisas que eu não via, e hoje eu enxergo.

Você gostaria de acrescentar alguma coisa sobre a preparação artística, este componente artístico dentro da GA competitiva?

Ah... Eu acho assim que os árbitros teriam que ir mais em competição, deveriam estar vendo mais filmes de ginástica de alto nível, ter um diferencial, por que as vezes você vai no curso de arbitragem eles falam mais a parte técnica, quanto desconta se a perna estiver flexionada, quanto desconta se... Eles não falam da parte artística como você falou uma coisa assim certinha, a parte artística não é assim. Não tem uma coisa assim como você falou é... É. É

muito subjetivo. Acho que deveria ter isso no curso também, séries diferenciando, séries diferentes de parte artística mesmo. Aquela não tem nada, aquela é bonita, pro árbitro estar conseguindo diferenciar. Principalmente para os árbitros que estão começando. Se é difícil para nós imagina para quem, esta começando agora, né?

É.

SUJEITO 2:

Eu gostaria de saber como você entende os conceito de arte, artístico e estético dentro da GA? Como você entende o conceito de arte dentro da Ginástica?

É eu não vejo uma diferença grande de você dividir em arte, artístico e estético, por que o artístico que agente julga tem tudo haver com expressão, a parte realmente estética está ali e então eu vejo como uma coisa só, então... o que agente vê é toda a criatividade na série, a expressão, da expressão que a ginasta passa, durante na execução da sua série, por que de repente a menina tem movimentos bonitos, mas ela não tem vida na série, ela não consegue transmitir essa coisa artística para a série, então é um conjunto de tudo isso, esteticamente tem que ser muito bonita a série, tanto expressão facial quanto dos movimentos, os movimentos tem que ganhar vida.

E como você vê que estes aspectos, eles se aplicam, se manifestam na Ginástica?

Dentro da série, de uma maneira geral, por que é dentro das séries de solo e trave que agente consegue avaliar este componente artístico, então agente consegue ver realmente que a música e os movimentos conseguem ter uma ligação, uma vida e te expressar um sentimento e aí você começa a ver “nossa que bonito” “ nossa que interessante”. Então é isso que agente consegue ver.

E qual é o peso da PA, hoje, dentro da GA competitiva? Dentro das avaliações?

Hoje a parte artística tem um peso muito grande. Então na avaliação das séries... tanto que o percentual aumentou bastante e foi subdividido em itens específicos que você pode estar avaliando... antes ele era mais subjetivo hoje ele é um pouco mais objetivo e... e você... e ele tem um peso muito grande por que as vezes essa falta de expressão na série, essa falta de coreografia, chegou uma época que a ginasta fazia tanta dificuldade, tanta dificuldade, tanta dificuldade, para ter uma nota de partida mais alta que a parte artística se

tornou um movimento de braço, um... sabe? Não tinha uma dança, uma coreografia da série. A ginasta usava aquele um minuto e trinta para fazer exercícios para que a nota de partida fosse maior. Então eles aumentaram o peso da parte artística por que se você não tiver essa parte você pode perder uma medalha, se você perder em uma competição internacional 0,20 de parte artística, você pode perder uma medalha. Então o peso hoje da parte artística é muito alto.

E como você faz, hoje, para avaliar a parte artística das séries? Deste componente? É bem “direto” ou você utiliza alguma “estratégia” própria para avaliar?

É aquilo que eu te expliquei, tem alguns itens que agente avalia mas existe um sentimento que você tem em relação aquela série, por mais que esteja mais objetivo, existe uma subjetividade grande ainda por causa disso, sabe. “Ai, eu gostei dessa série!” ou “Ai que série fraquinha!” isso mexe com o nosso sentimento entendeu? O sentimento que a ginasta te passa mas ela não tem esse lado artístico, você vai acabar descontando, né? É subjetivo o que te passa assim, é a primeira coisa que te passa assim. E que é diferente da parte acrobática, que é aquilo e pronto. Ela fez um exercício e (...) ela perdeu e é aquilo, não tem acho. E o artístico não. O que aquela série te passou.

Certo. E você acredita que este seria o ideal de avaliação deste componente ou não? ... Se não como seria, do seu ponto de vista o ideal?

Hoje ele é mais direto, é aquilo que eu te expliquei. Existem subitens com os valores que você pode estar descontando. De uma forma geral isso mexe com o sentimento geral que você tem por aquela série, mais ainda que esta mais objetivo ainda tem uma subjetividade grande ainda por causa disso, entendeu? Você fala “ai eu gostei dessa série” ou “ai que série fraquinha”. Existe essa coisa do que a série te passa, qual é o sentimento que a ginasta te passa. Então de repente se a ginasta faz muita dificuldade e não tem este lado artístico, você vai acabar descontando né? Então existe este lado subjetivo do que te passa, né? E essa é a primeira coisa que vai mexer na parte artística que é diferente da parte acrobática que é aquilo e pronto. Se ela chegar dando um passo ela perde 0,10 e pronto. Não tem eu acho ou eu não acho. E o artístico não. Ele mexe com o seu sentimento. O que aquela série te passou.

Com esta subjetividade está bom? Ou você acha que poderia ter alguma outra forma?

Já criaram esta forma mais objetiva que eu te falei, de itens específicos. Então: música que não combina com o movimento ou então movimento inapropriado..., então existem essas... esses itens com objetividade para você avaliar. Mas não tem como, sempre vai ser um pouco subjetivo, esse artístico, o gostei ou não gostei. Eu acho que não tem como você isolar isso totalmente. O que eles poderiam fazer para criar estes parâmetros foram criados sim, então são itens que você tem de quanto você pode tirar, de como você pode julgar, mas não tem como você desvincular isso do gostei e não gostei, da parte artística. Isso eu acho impossível no feminino.

E o que você pensa, enfim, sobre essa influencia, esse impacto que a PA na GA hoje?

É o que eu te falei também, o peso hoje é enorme, você pode perder uma medalha num mundial, em uma olimpíada por causa da parte artística por que a influencia é muito grande da PA. E nós árbitros nós somos muito incentivados para que nós avaliássemos realmente a parte artística, que nos outros ciclos era uma coisa que era muito subjetivo e não era tirado muitas vezes. Então, ginastas de ponta, por mais que fizesse uma série mediana, ninguém tinha coragem de tirar da parte artística, não se tirava. Hoje não. Hoje se você for para um campeonato Nacional, existe esse incentivo para que realmente você avalie a parte artística e realmente seja despontuado e não importa quem é a ginasta, se ela não tiver uma apresentação artística coerente com a série ela tem que ser despontuada. Então o peso da preparação artística é muito alto.

E você se vê preparada, assim... você comentou que de certa forma ainda existe a subjetividade e em função disso, você se vê preparada para avaliar este componente?

Eu acho. Eu não sou uma especialista na parte coreográfica, agente tem inclusive aqui no Brasil tem uma pessoa que faz um trabalho maravilhoso que é a Valéria da Yashi mas é... nós como árbitros temos essa vivência de muitos anos arbitrando e avaliando e você consegue através disso, deste parâmetro de comparação avaliar o que é uma série criativa o que é uma série bonita de coreografia, uma série com uma coreografia criativa, que tem haver com a música, que tem haver com a ginástica, por que o artístico, tem que ser um artístico porém dentro da ginástica. Se a menina entrar na série e fizer um teatro, ela também vai ser despontuada, então tem que ser dentro da ginástica.

Então com a vivência de muitos anos na ginástica agente consegue julgar essa parte artística, mas não é uma coisa pela qual eu sou uma especialista é realmente pela vivência mesmo para que agente consiga ver tudo isso.

Tem alguma coisa, alguma informação sobre esta questão da avaliação da parte artística que você gostaria de acrescentar?

Não, não.

SUJEITO 3:

Como você entende os conceitos de arte, artístico e estético dentro da GA competitiva? Como você entende a arte dentro da ginástica?

Uh... olha... falando assim de arte dentro da ginástica eu vejo como todo o contexto de coreografia dentro da série tanto do solo quanto da trave, quanto componente postural de execução de exercícios... nos outros aparelhos, também agora... o solo e trave em conjunto com salto e paralela. O conteúdo postural da série é o que vai dar também o... o crédito para a série da menina, é o que vai dar, o que vai diferenciar uma boa série de uma série não tão bem executada.

E o artístico...?

Então... na verdade eu acho que é um conjunto: o artístico e o estético fazendo parte da arte, do esporte.

Seriam sinônimos para você? É isso?

Formam um conjunto.

Tá. E como você vê que estes aspectos se manifestam dentro da ginástica competitiva?

...

Como eles aparecem? Como se manifestam? Como eles se aplicam dentro de uma série, né? Estes conceitos arte, artístico e estético dentro da ginástica?

Então, por exemplo, no meu caso como árbitra.

Sim.

Em competição é... agente avalia a estética dos movimentos, isso é... visual. Tanto em relação ao componente de coreografia, que nem eu tinha respondido antes, o componente de coreografia, junto com a harmonia, por exemplo dos movimentos em sincronia com a música ou dos movimentos bem executados

em cima da trave. Eu não consigo diferenciar a resposta da primeira com essa segunda.

Certo. E qual é o peso dessa preparação artística dentro da ginástica?

É muito diferente você ver uma pessoa bem preparada artisticamente eu digo em questão postural e com uma coreografia bem elaborada de... do contrário disso. E... o próprio código de pontuação pede isso, para que a originalidade e a expressão da ginasta sejam explorados durante as apresentações. Então isso é muito visível quem é preparado de quem não é preparado.

E dentro da arbitragem, você acredita que o peso seja relevante ou não? Pensando na avaliação?

Sim. Justamente. Quem não tem a preparação artística vai ter um desconto grande maior e... pois percebe-se que ela não tem destaque, falta aquela atitude segura durante os gestos artísticos, acho que o destaque é o que mais aparece, assim em relação a apresentação artística, é o que mais chama a atenção. Então uma pessoa bem preparada artisticamente chama muito mais a atenção de quem não é.

E como você avalia a preparação artística em uma competição? É... você utiliza, tem alguma técnica sua, digamos assim, ou é bem pontual essa questão da avaliação do componente artístico?

É assim... existem os critérios objetivos do código de pontuação em relação ao que agente tem que avaliar ou não e... é como se fosse uma música que soa bem aos ouvidos e aí quando você visualiza algo que parece incoerente, feio, que não agrada, você percebe que não tem a preparação artística e o contrário é justamente o que eu tinha falado antes, o destaque. Você vê que existe a preparação artística, você vê que faz a diferença, justamente por que te chama atenção de você ver que aquilo é muito bem executado.

Você acha que esta forma é a ideal da avaliação ou não? E qual seria o ideal, caso você ache que este não é o ideal?

Nunca pensei nisso. O meu condicionamento para avaliar é justamente aqueles tópicos propostos pelo código. É... por exemplo, um movimento na... coreografia do solo que não vai bem com determinada parte da música, é algo que tem no código e você percebe sabendo ou não que tem no código de pontuação, mas não consigo pensar agora se há outra forma que poderia ser avaliado, que seja meu e que não seja específico do código.

E o que você pensa, o que você acha sobre esta influencia, este impacto que a preparação artística tem na modalidade?

O modalidade é muito estética, né? Apesar da maior parte da pontuação das ginastas ser baseada na parte acrobática, o artístico conta e... eles não caminham separadamente, justamente pela preparação artística também estar envolvida com a postura e consequentemente com a execução dos elementos acrobáticos é... ah... eu acho que um não pode ficar sem o outro.

E você se vê preparada para avaliar este...

Este componente artístico?

Isso. Já que você comentou que existem outros componentes mais objetivos, você se vê preparada para avaliar este componente?

Sim. O curso de arbitragem ele estimula muito essa interpretação artística, mas...

Do seu ponto de vista o curso deixa claro isso, até para os outros árbitros...

Então... na realidade acho que agente nem pode entrar muito nessa questão... o que tem no código é o que é passado pela pessoa que coordena o curso. Eles não deixam de passar, eles não deixam de informar as pessoas sobre estas despontuações em relação a esta apresentação artística durante a competição e... ah... acho que é isso. Às vezes eu começo a falar e esqueço qual era a pergunta. (Resumindo: eu acho que o curso esclarece sim o que eles querem de acordo com os tópicos de avaliação artística!)

A pergunta era se você está preparada para avaliar este componente?

Os componentes pontuais do código sim.

Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa em relação a preparação, esta questão do componente artístico...

Na verdade como árbitra é... eu não sei como é feita essa preparação pelos técnicos, né? Mas que ela faz muita diferença na competição para quem avalia isso eu não tenho dúvida.

ANEXO 4

TRANSCRIÇÃO ÁRBITROS- MASCULINO

SUJEITO 1:

Como você entende o conceito de arte, artístico e estético dentro da Ginástica Artística?

Arte, artístico e estético?

Isso.

Acho que pode até ser um pouco de cada um, a junção dos três acaba até formando a Ginástica Artística, né?

Mas você vê alguma diferença entre eles? Tem alguma coisa, do seu ponto de vista, que diferencie o que é a arte, o artístico e o estético dentro da ginástica, ou não?

Eu acho que tudo,... um está ligado ao outro aí. Um tá bem ligado ao outro mesmo, né?

E como você vê que estes aspectos se aplicam, se manifestam dentro da Ginástica Artística Competitiva? De que forma você acredita que a arte, o artístico e o estético se manifestam na Ginástica?

Eu acho que principalmente na execução da... não de acrobacia , mas sim de alguns elementos. A estética... a própria estética que faz parte e está relacionada a própria arbitragem né? Um atleta, um ginasta que executa com uma estética melhor ele tem menos desconto, né?

E qual é o peso da preparação artística dentro da Ginástica Artística Competitiva do seu ponto de vista?

Masculina?

Isso.

Então na verdade ela é pouco trabalhada. Eu não sei... eu não sei em outros lugares, em outros países, mas aqui pelo o que eu vejo, as pessoas não trabalham muito essa parte artística, envolvendo coreografia, envolvendo balé, cada uma... é... tendo uma parte estética mais bonita assim.

E como você avalia a Preparação Artística dentro da Ginástica, nas competições? Enfim como isso é avaliado, né? Enquanto árbitro como você avalia?

Na verdade quem avalia é o árbitro, agente enquanto técnico, agente tenta fazer o melhor possível e até pegar também, algumas outras séries de campeões, alguma coisa assim... tentar buscar fazer igual ou até melhor e vai muito da criatividade também. Até por que na ginástica você não tem tantas opções como você tem na feminina...

Certo.

Na feminina é... envolve o balé, toda a parte de coreografia... é... é mais fácil pro feminino também, né? No masculino é mais parado, é... não tem música, entendeu? Então no masculino não tem tantas opções, né? De parte de coreografia assim.

E assim...

Estou falando relacionado ao solo. É mais no feminino que esta relacionado ao solo e a trave. O solo tem uma pouco mais de parte coreográfica assim, e mais a parte estética. No masculino seria só no solo que entraria mais essa parte estética.

Do seu ponto de vista, como seria o ideal para avaliar Preparação Artística na Ginástica Artística Competitiva?

O ideal para avaliar?

É. Você me explicou agora como avalia, né? E como seria o ideal ou este seria o ideal?

Da maneira como está... por que assim, cada ciclo olímpico, cada entrada de código novo, que é a cada 4 anos, existem algumas mudanças. Então eles tentam sempre fazer alguma modificação justamente para arrumar, não é arrumar, mas para não ficar tão rotineiro, as séries de solo principalmente que é onde envolve a parte coreográfica. Eu acho que assim, acho que existem algumas falhas como coisas boas. Acho que limitando algumas coisas para os ginastas não executarem, mas também colocaram outras coisas para evitar alguns outros os erros.

Tá. E o que você pensa sobre a influencia, o impacto que esta parte artística tem dentro da Ginástica Artística?

Olha, eu acho que é importante. Pelo próprio nome também. E isso você pode fazer... é até visual isso. Você vê uma..., você pode diferenciar ginastas tudo por esta parte. Você consegue ver muita diferença de um ginasta para outro e até para arbitrar você consegue diferenciar e fazer os descontos e tudo mais.

E você se vê preparado para avaliar este aspecto dentro da Ginástica?

Sim. Como árbitro, agente faz o curso e no curso tudo isso é falado também.

Você acha que o que eles passam sobre a parte artística e tudo mais é o suficiente para avaliar este aspecto?

Então, na verdade, sobre a parte artística não é muito falado. É falado mais em execução, né? É por que aí, eu acho que entra um outro ponto. Se eu não me engano, no feminino tem desconto da parte artística e no masculino isso não existe.

Diretamente, né?

São outros descontos, não tem um item que fale assim, execução por parte artística, a parte artística desta menina, sei lá? Descontou tanto, um valor aí que eu não sei como funciona no feminino mas tem a parte artística que gera um desconto. E no masculino isso não existe, então quer dizer, isso de uma certa forma não é avaliado ou é avaliado dentro da execução. Como por exemplo, às vezes ele vai executar uma série ou um elemento e ele tem que estar com os braços elevados, mas ele está com o braço elevado e dobrado, então esteticamente fica feio, né? Então agente daria um desconto de execução e não um desconto de parte artística como é no feminino. Então aí tem uma diferença bem grande entre o feminino e o masculino.

Ah tá certo.

Entendeu?

Sim, obrigada.

SUJEITO 2:

Como você entende o conceito de arte, artístico e estético dentro da Ginástica Artística Masculina, Competitiva? Pensando na arbitragem, como você entende esses conceitos dentro da Ginástica?

Artístico eu entendo que seja fazer os movimentos é... com uma expressão, com uma beleza, né? E aparentando o mínimo de esforço. E técnica seria a melhor forma de realizar os movimentos, seria alguma coisa é ... a diferença entre elas... seria que...

Da estética no caso...

A forma de execução ... então, a estética seria as correções posturais.

E como você vê que estes aspectos se manifestam na Ginástica?

Ah, eles se manifestam, são eles que... é... mostram quem são os melhores ginastas. Que...mostram um diferencial entre os ginastas.

Qual é o peso, dentro do seu ponto de vista, da Preparação Artística, deste componente artístico dentro da Ginástica Artística Competitiva?

Ah, muito importante,... na Ginástica Masculina...

Pensando na Ginástica Artística Masculina... na arbitragem, né? Qual seria o peso deste aspecto na arbitragem da GA masculina?

Ah... acho que é fundamental, por que é... na preparação de alto nível ela isso pode fazer a diferença entre a execução dos exercícios, né? A beleza, todos os ginastas realizam exercícios difíceis e aqueles que fizerem melhor, bem feito, com a melhor beleza, plasticidade, vão, sem dúvida, vão levar alguma vantagem.

E como você faz para avaliar este componente nas competições? Você utiliza alguma “estratégia”...enfim? Como você faz para avaliar este componente nas provas?

Agente procura se basear pelo código e dependendo dos movimentos, se for uma largada da barra, por exemplo, lá neste código novo existe, se for uma largada baixa ela pode ter dedução, se for uma largada alta então não. Se ela for uma largada mais alta ela vai ser mais bonita e então não vai ter dedução. Pode ser uma coisa subjetiva, mas hoje os árbitros, eles acham alguma coisa no código que diga que o menos bonito pode ser despontuado.

Você acha que esta forma de avaliação, deste componente, no masculino, hoje, é a ideal?

Ah..., no momento acho que sim. Acho que sim, por que muitas partes do movimento que o arbitro de execução tem que ver, além da parte da postura ele tem que ver a parte técnica, se cabe algum desconto nessa parte técnica ou não, se faz parte da técnica ou se cabe desconto. Então... acho que atualmente está de bom tamanho esta parte no masculino, por que no masculino, diferente do feminino, no masculino, em geral, tem mais força para fazer os elementos então não vai faltar altura, mas pode faltar na técnica mesmo e já existem os descontos que não se chamam artísticos mas seria a mesma coisa.

E o que você pensa sobre esta influência, este impacto desta parte artística dentro da Ginástica Artística Masculina Competitiva?

Desculpa... a influência...

O que você pensa desta influencia que tem ou que possa ter da parte artística na Ginástica Artística Masculina?

Eu penso que ela pode fazer a diferença. Mas antes dela ou junto com ela tem que ter a preparação física e a preparação técnica, ela vai ser o diferencial mas ela tem que andar acompanhada das outras preparações, física e técnica, se não ... sozinha também ela não vai ajudar muito.

E assim... como você comentou, em alguns momentos esta questão tem uma certa subjetividade, e por conta disso você se vê preparado para avaliar este aspecto?

Eu creio que sim, este ano fiz o curso, eu fiz bastante... o curso o estadual, nacional e internacional, fui aprovado nos três e eu creio que sim que eu esteja preparado. Mas eu ainda vejo por aí que existe bastante discussão entre os árbitros em relação a isso, mesmo no internacional há algumas coisas que agente discute.

E você gostaria de acrescentar alguma coisa sobre esta questão da preparação artística na modalidade, dentro do setor masculino?

Eu acho que ela esta embutida dentro da preparação técnica, apesar dela não aparecer tanto quanto no feminino, ela aparece no código, né? Um desconto para ela, ela está presente e os técnicos procuram trabalhar ela junto com o treino diário, apesar de eu não conhecer assim... ninguém que trabalhe com o masculino, assim e use o balé, como no feminino, na limpeza dos movimentos, eles fazem a limpeza desde a iniciação, de aprender as posições da ginástica, isso existe. Isso tem.

SUJEITO 3:

Como você entende os conceitos arte, artístico e estético dentro da ginástica?

Artístico e estético?

E arte?

Bom... hoje a Ginástica está cada vez mais preocupada mais com a parte estética maior que a parte artística mesmo. Agente procura enquanto árbitro, procurar falhas técnicas, mais visuais. A parte artística, principalmente no masculino é cada vez menos importante. Agora ainda existe muita coisa relacionado a parte artística principalmente no solo que são as partes

coreográficas. Tiveram algumas alterações com referencia a isso, para que as pessoas não fizessem... quando termina uma acrobacia na lateral para que ele não chegue na ponta simplesmente caminhando, para que tenha essa parte artística, para que ele faça um salto, para que faça uma parte mais artística. Mas realmente cada vez menos tem essa parte.

Como você diferencia a arte, do artístico e o estético? Você já comentou sobre a parte coreográfica e o estético dentro do masculino?

Olha eu não saberia te dizer exatamente a diferença, mas o que eu posso te dizer é que quando agente fala em estética o que me vem na cabeça é a parte da correção técnica, então a falta de uma ponta de pé, é... uma perna flexionada, um braço flexionado. Quando se fala na parte artística é mais uma parte coreográfica, um salto ginástico, que ele não tem nenhum valor de dificuldade, você não tem desconto por ele estar sendo realizado de uma forma não esteticamente perfeita, mas que componha a série, que tenha uma parte mais visual, quando você olhe e você vê, ah, poxa o cara fez uma transição bem feita, não foi uma coisa simples, ele não simplesmente caminhou de um lado para o outro.

E como você vê que está preparação artística (...) dentro da ginástica masculina, na arbitragem?

Normalmente assim... para mim volta a misturar um pouco os canais assim. A preparação artística. Tem muito haver com a estética é..., a partir do momento que... quando você trabalha muito a dança, as partes coreográficas, você vai estar procurando os movimentos mais refinados, as linhas do corpo isso em geral nas séries de ginástica é muito importante. Eu lembro, por exemplo, quando o Diego começou a se destacar no solo masculino, por que eu acho que o solo é onde você pode ver mais especificamente essa coisa artística embora em todos os aparelhos tem haver com essa preparação. Mas quando ele começou a se destacar ele não tinha uma nota, um score tão perto dos melhores, exatamente por que esta parte artística dele ainda faltava muita coisa, então ele ainda tinha muito para evoluir nesta parte coreográfica, de colocar um ritmo de colocar uma linha e eu acho que ela é importante neste aspecto, então quando você está trabalhando uma coisa, você está trabalhando a outra, são caminhos...

Juntos.

Exatamente.

E como você faz para avaliar este tipo de componente nas competições? Assim...para os árbitros hoje, para você no caso, fica claro como avaliar este aspecto, ou você teria alguma “estratégia” sua, digamos assim, para avaliar este componente?

Hoje na arbitragem masculina não existe mais nada específico, dizendo no código que desconto por falhas artísticas tanto, no feminino eu acredito que ainda haja alguma coisa mas eu não sei te dizer com precisão. No masculino não tem com certeza, não há nada que diga isso, mas quando você está avaliando uma série você enxerga esses momentos, essas transições de quando o ginasta está passando de uma parte acrobática para uma parte ginástica você consegue, ou de uma parte ginástica para uma parte acrobática... Inclusive a segurança desse atleta, inclusive a facilidade que ele lida com essa montagem... por que o que existe no código é que a série tem que ser harmoniosa, a série tem que ser coesa e ela não pode tender para um lado só, ele tem que fazer... ele não pode fazer só exercícios acrobáticos, isso não pode. Existem grupos de elementos para que isso não aconteça. E dentro dessas transições de uma parte ginástica, para uma parte estática ou de força tem essa parte artística, que quando você está lá fica bem claro se o atleta está preparado para isso, se ele tem segurança para isso. Mas é uma coisa muito subjetiva, é uma observação muito prática, muito do dia-a-dia e olhando e se familiarizando com aquilo que é mais bonito e mais correto e mais seguro com facilidade de linha e mais especificamente tem que ser subjetivo. E não tem nada que diga que tem um desconto assim por não ter feito isso ou aquilo.

Você acha que esta forma de avaliação deste componente seja a ideal ou não?

Olha eu acredito que a ginástica mudou muito, muito e muito do que a gente chama de ginástica artística, o artístico acabou se perdendo, né? Mas para fazer alguma coisa que possa trazer a parte artística de volta vai que se mudar muita coisa no âmbito inteiro da ginástica. Por que hoje na parte acrobática, a dificuldade dos exercícios é muito mais valorizada no masculino, é absurdamente valorizada e ao mesmo tempo de que perde alguma coisa assim em termos de graça, de beleza, de estética do próprio esporte, ganha-se muito em um outro aspecto que é o aspecto da justiça, de fazer a coisa mais correta. As mudanças não só pela melhoria do treinamento, qualidade dos

equipamentos que possibilitou com que os atletas executassem acrobacias muito mais difíceis, com todas essas partes e não só com as partes ginástica, coreográfica, artística, em fim, essa evolução aconteceu de forma gradual, também buscou-se critérios mais objetivos para estar se arbitrando. Então o cara que tem uma dificuldade tem uma maior pontuação e quem tem menos erros técnicos, não estéticos, técnicos mesmo, nessas acrobacias também vai ter uma maior pontuação. Quando você começa a falar da parte artística é mais difícil, sempre vai ficar mais subjetivo. Eu acho que poderia sim haver..., talvez voltar ao formato anterior, onde agente tinha a... parte obrigatória e a parte livre, mas não assim... e sim como uma forma assim parecida com a patinação artística, com uma rotina de parte artística e uma rotina de dificuldade, por que são coisas diferentes, por que realmente para casar essas duas coisas é difícil e ficaria muito grande, muito extenso para um ginasta poder cumpri-lo.

E você se sente preparado para avaliar este componente artístico da modalidade?

Não. Eu não me vejo preparado para julgar componente artístico, primeiro pela própria cultura do esporte nos últimos anos e por não ter nada no código e se houvessem as mudanças que isso voltasse e isso tivesse um valor, não sei... expressivo, por que hoje não tem nada, pelo menos alguma coisa significativa teria que ter um outro treinamento, procurar outros critérios. Hoje. Hoje. Hoje, se me dissessem que eu tenho que descontar 3 pontos para isso, eu não conseguiria estabelecer um critério.

Você gostaria de acrescentar alguma coisa sobre essa questão do componente artístico, da preparação artística dentro da ginástica masculina?

Não. Eu acho que é isso que eu falei. Hoje agente tem um esporte que se chama ginástica artística e que de artístico não tem nada. O artístico fica por conta da dificuldade dos exercícios e a parte artística mesmo que envolve mais a dança ou sei lá uma arte dentro do esporte está um pouco de lado. Se é bom ou ruim, eu não sei te dizer. Acho que é importante pensar nisso exatamente pelo próprio nome da modalidade, o que criou a modalidade, o que fascínio pela modalidade é o artístico e ela não existe, ela existe muito pouco na ginástica artística masculina.